

Dicionário da Eneida Livro IV
O Amor Funesto de Dido e Eneas

Milton Marques Júnior

Dicionário da Eneida, Livro IV

O Amor Funesto de Dido e Eneias

(705 versos)

Milton Marques Júnior

Dicionário da Eneida, Livro IV

O Amor Funesto de Dido e Eneias

(705 versos)

João Pessoa
2012

COLEÇÃO PósLetras

Conselho Editorial

Ana Graça Canan (UFRN)
Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE)
Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF)
Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto)
Gastón A. Alzate (California State University)
José Rodrigues Seabra Filho (USP)
Juliana Luna Freire (Framingham State University)
Juliana Pasquarelli Perez (USP)
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)
Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB)
Maurizio Gnerre (Università di Napoli L'orientale)
Regina Dalcastagnè (UnB)
Saulo Neiva (Université Blaise Pascal - Clermont-Ferrand)
Simone Schmidt (UFSC)
Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)

Pesquisadores colaboradores e coautores nesta obra

Alcione Lucena de Albertim
Danniele Silva do Nascimento
Felipe dos Santos Almeida
Heloísa Hiranoyma Maia
Juvino Alves Maia Junior
Nathália Pinto do Rêgo
Prisciane Pinto Fabrício Ribeiro
Yasmim Alcântara dos Santos Mendonça

Índice

Sobre o Dicionário

De Troia destruída à fuga de Cartago: a trajetória das provações de Eneias - Ensaio de Milton Marques Júnior

Do Hóspede ao hostil, a trajetória de Eneias sob a perspectiva de Dido - Ensaio de Yasmim Alcântara dos Santos Mendonça

Estrutura Narrativa do Livro IV da *Eneida*

Dicionário da Eneida, Livro IV - O Amor Funesto de Dido e Eneias

Texto Latino do Livro IV da *Eneida*

Índice Onomástico

Apêndice Iconográfico

Bibliografia

Sobre o Dicionário

A nossa pesquisa consiste na dicionarização da *Eneida*, de Virgílio. Como o poema virgiliano é composto de doze Livros, dividimos a pesquisa em três momentos: verbetização dos Livros I a IV; dos Livros V a VIII, e dos Livros IX a XII. Neste momento em que estamos dando a lume a publicação do *Dicionário da Eneida, Livro IV - O Amor Funesto de Dido e Eneias*, fechamos o primeiro bloco temático da *Eneida*, que chamamos de *Livros das Provações*.

A publicação do *Dicionário da Eneida, de Virgílio – Livro I, Eneias na Líbia* foi, para nós, um teste, esperando que o público a quem o dicionário se destinava – inicialmente, os estudantes do curso de Letras – desse o seu retorno de leitura, sem o que não poderíamos corrigir as falhas, com o intuito de tornar melhor esta obra de referência.

Para a publicação do *Dicionário da Eneida, Livro II – A Narrativa de Eneias: A Destruição de Troia* –, realizamos algumas mudanças nas informações dos verbetes e na objetividade que se espera de uma obra dessa natureza, mudanças provenientes do uso do dicionário em sala de aula. Por outro lado, procuramos melhorar o aspecto visual do dicionário, separando cada seção de verbebo com a letra capital correspondente e acrescentamos ilustrações a esse volume, com as fotos oriundas de uma viagem de estudos que, em 2011, fizemos a Roma e à

Grécia – Atenas, Epidauro, Micenas, Olímpia e Delfos –, visitando museus e sítios arqueológicos importantes. Assim, acreditamos que a informação foi qualitativamente melhorada, com as 16 ilustrações proporcionando ao leitor um prazer visual.

No terceiro volume, *Dicionário da Eneida, Livro III – As errâncias de Eneas*, incluímos algumas ilustrações e seguimos os mesmos critérios de verbetização do volume anterior, os quais aplicamos também para este Livro IV e que vão explicados a seguir.

A leitura frequente da *Eneida*, para ministração de aulas na graduação e na pós-graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba, fez-nos constatar a necessidade de um texto de apoio, de uma obra de referência – de que somos tão carentes no Brasil –, para a compreensão dessa obra virgiliana. Complexa na sua estrutura, complexa na sua linguagem, a *Eneida* é também complexa pela variedade e abundância de informações de toda sorte: histórica, filosófica, geográfica, religiosa... Apenas para estabelecer uma característica da *Eneida*, que nos parece bem nítida, é impossível ler e compreender esse poema épico sem o conhecimento da história de Roma, de seus primórdios à época de Augusto.

Foi pensando na dificuldade que encontra o leitor não iniciado, e mesmo alguns iniciados, nas obras clássicas, sem acesso ao texto em latim, que intentamos a realização de um dicionário da *Eneida*. Trata-se de

trabalho lento e complexo, que faz jus às dificuldades que o texto nos apresenta a todo o instante. À frente do **GREC** – *Grupo de Estudos Clássicos e Literários*, da Universidade Federal da Paraíba –, o professor Juvino Alves Maia Junior e eu reunimos um grupo de pesquisadores, que conta com professores do curso de Letras Clássicas, estudantes da graduação e da pós-graduação, e começamos um trabalho que, a princípio, parecia de Sísifo, pois se rolar o rochedo ao cume do monte já é bastante difícil, rolar o rochedo sem saber que caminho tomar torna bem pior esta empreitada. Contudo, uma vez traçado o caminho, a pesquisa pôde avançar, e se o rochedo não chegou ao cume, pelo menos não rolou mais montanha abaixo.

A primeira decisão que tomamos, que nos parecia óbvia, foi no sentido de realizar a verbetização a partir do texto em latim e não a partir de uma tradução. Embora nem sempre nosso público seja o aluno de Letras Clássicas, entendemos que uma obra que tem intenção elucidativa, como um dicionário, não pode confiar senão no texto lido na sua língua de origem. Além do mais, nossa experiência com traduções nos mostra que o que se traduz e se coloca no mercado não é exatamente o que se encontra no texto. Pode ser na sua essência, mas não nos seus detalhes. Como nosso trabalho objetiva um estudo da *Eneida*, o viés analítico se impõe, obrigando-nos a ir aos detalhes do original em latim.

O que verbetizar foi decidido ao longo do rolar a pedra montanha acima. Inicialmente, pensamos nos

personagens – heróis e divindades –, depois verificamos que era necessário ampliar a verbetização para os espaços e acidentes geográficos, além de determinadas plantas e expressões. Como compreender a viagem *terra marique* de Eneias, no Livro III da *Eneida*, sem a preocupação de verbetizar cada local por onde o herói passa? E as várias expressões de relação metonímica, como um *velho Baco* (*ueteris Bacchi*, Livro I, verso 215), por um vinho envelhecido? Ou expressões estereotipadas como *juízo de Páris* (*iudicium Paridis*, Livro I, verso 27)? Desse modo, acreditamos ter dado mais substância ao nosso trabalho.

Uma vez que o texto latino naturalmente se impôs, restava-nos escolher que texto seguir. Para um trabalho como este, torna-se evidente e imperioso o uso de um texto estabelecido filologicamente, por ser o mais confiável para o estudo. Optamos, pois, pela lição filológica de Jacques Perret, de 2006, procurando sempre confrontar com o texto estabelecido por Henri Goelzer e traduzido por André Belessort, de 1952. Em ambos os casos, a edição é da Les Belles Lettres de Paris. Apoiamo-nos em outras lições filológicas, como é o caso daquela sob os cuidados de Carlo Carena, edição da UTET de Torino. Todos estes textos estão devidamente elencados na bibliografia.

O uso de um texto crítico, estabelecido filologicamente, é de suma importância, pois nos aproxima das sutilezas do texto virgiliano, o que não

encontramos em outras edições do texto latino. Por exemplo, fiéis ao texto estabelecido, mantivemos todas as formas arcaicas de Virgílio, como os acusativos plurais da terceira declinação em *-is*, como no verso “*Heu fuge crudelis terras, fuge litus auarum*” (*Ai, fuge destas terras cruéis, fuge deste litoral avaro*, Livro III, verso 44); ou as formas em *-uont*, da terceira pessoa do plural do presente do infectum, como no verso “*et uestigia foeda relinquont*” (*e nos deixam os vestígios repugnantes*, Livro III, verso 244); assim também as formas em *-uom* e *-um*, do genitivo plural da segunda declinação, como em *auguriis diuom* (*pelos augúrios dos deuses*, Livro III, verso 5), e outras formas semelhantes.

Para dar uma ideia dessa complexidade que é o poema de Virgílio, como o Livro III trata da longa viagem de Eneias, numa errância *terra marique*, tivemos de recorrer a mapas do mundo antigo de modo a tentar estabelecer o roteiro percorrido pelo herói. A consulta dos mapas da edição do Gaffiot, dos mapas da edição italiana do Liddell & Scott, e da edição do mapa da Grécia antiga, preparado a partir da *Geografia* de Estrabão foi imprescindível para essa compreensão.

As entradas no dicionário mostram o verbete em sua tradução portuguesa, mantendo, entre parênteses, a forma latina, no caso em que a palavra aparece no texto original. Quando o vocábulo vem acompanhado da conjunção enclítica *-que*, como em *Aeneadasque* (Livro III, verso 18), consideramos apenas a parte lexical

(*Aeneadas*) e não a conjunção coordenativa aditiva enclítica (-*que*).

Como verbetizar os nomes foi outra grande dificuldade. Decidimos pela simplificação, para tornar a consulta mais rápida. Os nomes latinos ou gregos serão traduzidos para o português e aproximados, até onde for possível, da língua original. Em todo caso, simplificamos o *y* para *i*, o *ch* para *c* ou *qu*, conforme o caso; o *th* para *t* e assim por diante. Acreditamos que os problemas de tradução de nomes sempre existirão, mas eles nos parecem minimizados, pelo fato de que eles se encontram em sua forma original dentro dos parêntesis, que acompanham o verbete, e no *índice onomástico*, ao final do dicionário. Dois casos à parte subsistiram. O primeiro foi em relação a *Thétis*, mãe de Aquiles, e *Téthys*, a titã, cujas grafias mantivemos próximas ao original para evitar confundir-se uma com a outra. O outro foi com relação a *Júpiter*. Optamos pela verbetização das duas formas, *Jove* e *Júpiter*, mesmo sabendo que a forma *Jove* é o desdobramento em outros casos do nominativo *Júpiter*. No entanto, na tradição poética da língua portuguesa, tanto permaneceu o caso lexicogênico *Jove* (*louem*), como o nominativo *Júpiter* (*Iuppiter*).

Já os nomes acompanhados dos epítetos, como *Pio Eneias*, ou apenas os epítetos, como *Pai dos deuses e dos homens*, foram verbetizados, pois os epítetos são comuns, frequentes e estruturais na poesia épica.

Com relação aos patronímicos, quando aparecerem isolados, como *Troianos* ou *Argivos*, ou acompanhando um substantivo designando a descendência de um herói, como *Anquises Dardânio*, isto é, descendente de Dárdanos, serão grafados com maiúscula; quando aparecerem como um adjetivo ligado a um substantivo comum, serão grafados com minúscula. Por outro lado, agrupamos todos os patronímicos iguais num mesmo verbete, quando se trata das formas de masculino, feminino, singular e plural – *Argivo, Argivos, Argiva, Argivas*. Cumpre-nos, ainda, dizer que procuramos observar ao máximo o texto original e manter o uso de *Argivos, Aqueus, Dânaos e Graios*, em lugar de Gregos, tradução corrente, mas que não se coaduna com o espírito do texto, que remonta a uma época em que não havia a Grécia, mas cidades-reino, que funcionavam independentemente, unindo-se contra o inimigo comum, quando necessário.

Por fim, mas não por último, temos consciência de quanto é extensa a tradição mitológica, tanto de poetas, quanto de mitógrafos, não sendo possível, portanto, exauri-la nos limites desse trabalho. Faremos, no entanto, todas as relações transtextuais que nos forem possíveis fazer, de Homero aos tragediógrafos gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides –, chegando até os contemporâneos de Virgílio.

Entendendo o texto literário como um tecido que se compõe de outros textos, vemos como, por exemplo, o

poeta latino Ovídio (43 a. C. – 17 a. D.) se torna uma fonte importante para a leitura da *Eneida*, embora suas obras sejam posteriores à obra-prima de Virgílio. Mesmo sendo as *Metamorfoses* do ano 1 a. C. e os *Fastos* do ano 3 a. D., podemos ver como alguns mitos que estão em Virgílio são desenvolvidos por Ovídio nessa duas obras, ajudando o leitor, que conhece ambos os autores, a entender melhor o complexo tecido da *Eneida* – uma das fontes de Ovídio – e a perceber a influência do mantuano sobre o poeta de *Arte de amar*.

De Troia destruída à fuga de Cartago: a trajetória das provações de Eneias

Milton Marques Júnior Professor da UFPB

Este ensaio não tem como objetivo fazer uma análise de toda a *Eneida*. A intenção é dar uma visão genérica do poema, apresentar a sua estrutura triádica e analisar a primeira parte dessa estrutura, cujo ponto culminante é o Livro IV, uma vez que está vindo a lume o quarto volume do *Dicionário da Eneida - o amor funesto de Dido e Eneias*. No momento, trata-se de um ensaio que integra uma análise mais alentada sobre a épica virgiliana, cuja publicação teve início com o aparecimento do Livro I deste dicionário - *Eneias na Líbia*.

Muitos são os estudos sobre a *Eneida*, cada qual apresentando uma estrutura do poema. A estrutura da *Eneida* mais conhecida é aquela que divide o poema em duas partes, relacionando os seis primeiros livros à *Odisseia* e os seis últimos livros à *Ilíada*, numa estruturação invertida com relação aos poemas homéricos. Apesar de simplista, podemos dizer que, em linhas gerais, essa estruturação não deixa de ser correta. Como, no entanto, trata-se de um poema de complexas relações transtextuais, conforme já demonstrou Paulo Sérgio de Vasconcelos (2001), nós propomos uma estrutura triádica para a sua análise, de modo a cobrir com mais propriedade essa obra virgiliana. A saber:

I. Livros das Provações (I-IV): As provações são um rito de iniciação para Eneias como mito fundador. O herói, além de perder a pátria e o pai, tem a missão imposta pelo destino de fundar uma nova Troia. As provações, que se revelam entre os Livros I e III, apresentam uma transição no Livro IV, em que se mostram as provações de Dido e a renovação dos votos da missão de Eneias. O Livro I mostra a tempestade desencadeada por Éolo a mando de Juno, que faz Eneias desviar-se de sua rota e bater com os costados no litoral de África do Norte, a Líbia de então, onde Dido constrói o reino de Cartago. O Livro II é o início das narrativas de Eneias, mais especificamente enfocando a queda de Troia. Trata-se do melhor relato nas grandes epopeias da vitória dos Gregos sobre os Troianos, após uma guerra de dez anos. O Livro III dá continuidade às narrativas de Eneias, desafiando o itinerário dificultoso do herói, digno da *Odisseia*: viagens pelo mar, pestes, tempestades, errâncias, profecias sombrias, morte do pai, nova tempestade, desvio de rota... O Livro IV mostra os amores funestos de Eneias e Dido, com o herói vendo-se obrigado a deixar a rainha, para cumprimento do seu destino. O desdobramento do amor e da fuga de Eneias leva Dido à morte.

II. Livros dos Rituais (V-VIII): Os rituais revelam o rito de passagem de Eneias em busca do pai e da pátria.

Primeiro, os ritos fúnebres com que ele celebra o pai, no Livro V, com os jogos na Sicília, após um ano da morte de Anquises; em seguida, no Livro VI, Eneias faz a *Catábasis* (descida ao inferno para o reencontro com o pai, que o aconselha e mostra o futuro glorioso de Roma), num ritual de conhecimento e clarificação do destino, e a *Anábasis*, subida de volta ao mundo dos vivos para encontrar a pátria, ritualisticamente encontrada no Livro VII, na chegada ao Lácio, após o cumprimento da sombria profecia da harpia Celeno (Livro III), de que os troianos, de fome, comeriam as próprias mesas. É aí que se dá o rito fundador, com a invocação aos deuses: deuses do local, Ninfas, Rios e Cursos d'Água, Noite, Júpiter do Ida, a Mãe Frígia Cibele, sua Mãe Celeste Vênus, e o pai Anquises, que se encontra no Érebo, nos Infernos. A este ritual, Júpiter responde com três trovões, aprovando e confirmando o destino do herói, que passa a demarcar a terra prometida, já construindo uma fortificação (Livro VII, versos 137-159). Finalmente, a transição que se opera no livro VIII, que vai da aliança com o Arcádio Evandro, com quem Eneias passeia sobre o sítio da futura Roma, ao recebimento das armas forjadas por Vulcano, em que se anuncia, ainda uma vez a glória da futura senhora do mundo. É este o momento em que Eneias põe termo aos ritos e revela-se um herói-rei pronto para a guerra de conquista do novo reino.

III. Livros dos Combates (IX-XII): Tendo adquirido a têmpera necessária e feitas as alianças indispensáveis com o Arcádio Evandro (Livro VIII) e o Etrusco Tarcão (Livro X), Eneas parte para a guerra contra Turno, rei dos R tulos. No primeiro grande embate, Eneas mata o cruel Mezêncio, no Livro X; no segundo grande embate, morre Camila pelas mãos de Arrunte, no livro XI; por fim, Eneas mata Turno, no Livro XII. A posse da terra   também a posse da mulher, Lavínia, em cuja homenagem ele colocar  o nome do reino – Lavínio. Está formada a base para a constru o da futura Roma. Em suma, mito fundador, Eneas perde a pátria e o pai, para, reencontrando o pai, ser o pai da nova pátria (Livro I, versos 555, 580 e 699; Livro III, verso 716, em que se fala do *Pater Aeneas*).   verdade que o poema termina de maneira abrupta com a morte de Turno por Eneas, não se vendo, portanto, a funda o de Roma, propriamente dita. No decorrer do poema, contudo, anuncia-se a cada passo o destino de Eneas, vinculado à funda o da Roma gloriosa, senhora do Mediterrâneo, no início da sua glória, e senhora do mundo com Otávio Augusto. É o que pretendemos mostrar na análise dos quatro primeiros Livros da *Eneida*.

1. Análise das Prova es (Livros I-IV)

Georges Dumézil se refere aos últimos seis livros da *Eneida* como presididos pelos “Fata ferm s” ou destinos fechados (1995, p. 365-387). Ele considera que Eneas s 

verá com clareza o seu destino, após fazer a *anábasis*, a subida do inferno, voltando para o mundo dos vivos. Tendo visto no mundo das sombras a glória da futura Roma, apresentada pelo seu pai Anquises, Eneias se apressa a voltar às naus e juntar-se aos seus companheiros. Afirma Dumézil:

A longa noite de Troia, os anos de incerta navegação, os oráculos e os milagres, a tentação púnica evitada, tudo ganhou um sentido: reconduzida a sua origem ausônia, a realeza de Príamo vai renascer sobre esta terra prometida, enfim alcançada, a Itália (p. 365).¹

Os destinos são fechados para a maior parte dos personagens, que serão levados ao aniquilamento, como é o caso de Evandro (cujas esperanças estão depositadas no filho Palante), Palante, Lausos, Camila, Mezêncio e Turno.

No que diz respeito a Eneias, seu destino será confirmado pela profecia de Fauno, pai de Latino, e de um arúspice a Evandro, a quem Eneias vai pedir ajuda. Além do apoio de Evandro, Eneias vai contar com a ajuda dos Etruscos de Tarcão, que querem vingança de Mezêncio e de suas crueldades. Na profecia de Fauno, a filha do rei Latino deverá ser dada em casamento a um estrangeiro; na do arúspice, as tropas contra Mezêncio

¹ Em tradução nossa do original francês.

devem ser comandadas por um estrangeiro. Para chegar a esta clareza, no entanto, Eneias faz um caminho tortuoso, narrado nos primeiros quatro livros da *Eneida*, o caminho das provações.

1.1. Livro I: Partida de Troia – Tempestade no Mar – Chegada a Cartago

Para o leitor que não se dá conta de que está diante de uma estrutura narrativa *in medias res*, este Livro I da *Eneida* seria o início das provações de Eneias, com a tempestade desencadeada por Éolo a pedido de Juno, perseguidora do herói troiano. O verdadeiro início das provações, contudo, acontece bem antes, com a queda de Troia, mas o leitor só o conhecerá com o *flash-back* proporcionado pelo herói, nos Livros II e III. Abrindo com o proêmio – misto de invocação e proposição –, o Livro I nos apresenta o argumento do poema, dirigindo a uma leitura que não pode desconsiderar a ação do destino. Assim é que o herói Eneias nos é apresentado, compelido à fuga de Troia pelo destino, exilado da pátria pela ação do destino – “fato profugus” (v. 2)². Sua missão é chegar à Itália, nas terras da Lavínia e ali construir os altos muros da futura Roma.

² Todas as citações da *Eneida* são da edição de Jacques Perret, da *Les Belles Lettres*, de Paris, 2006, constante da bibliografia. As traduções do latim e do grego são nossas, salvo quando forem devidamente referenciadas. Esclarecemos também que as traduções são operacionais, sem pretensões poéticas, com o sentido de entender o texto no seu original.

A narração já nos mostra Eneias em meio à tempestade, perseguido pela cólera de Juno, ressentida com fatos passados e temendo fatos futuros. Ainda irada com a escolha de Páris, no julgamento do Monte Ida, e com o rapto do Troiano Ganimedes por Zeus – os fatos passados –, Juno continua com o seu propósito de acabar com os Troianos, sobretudo, após saber que se Eneias fundar uma nova Troia, isto será a causa da perdição de Cartago, a cidade por ela protegida e que está sendo erguida por Dido na costa da África do Norte, na Líbia de então (versos 12-33)³. Cartago é o fim da errância custosa a Eneias e sua gente, antes de atingir o Lácio:

*arcebat longe Latio, multosque per annos
errabant acti fatis maria omnia circum.
Tantae molis erat Romanam condere gentem
(versos 31-33).*

[Juno] desviava [os Troianos] para bem longe do Lácio, por muitos anos
e [os Troianos] erravam, por todos os mares em torno, levados pelos fados.

Fundar a Romana gente era de grande dificuldade.

Este primeiro capítulo é proléptico, contando com algum *flash-back* sobre a guerra de Troia. A prolepse mais importante é a referente ao destino de Eneias, com Júpiter predizendo e reafirmando a Vênus a missão desse

³ Hoje Tunísia.

herói como mito fundador, que estabelecerá para os homens leis e muralhas⁴; e a glória da futura Roma. Os destinos dos Troianos, portanto, permanecem imutáveis, nada fará com que o Deus mude suas decisões⁵: Eneias reinará no Lácio por três anos, após submeter os Rútulos, fundando o Reino Lavínio; Iulo reinará trinta anos após Eneias, fundando o reino de Alba Longa; por trezentos anos reinarão os Troianos até o nascimento de Rômulo e Remo, que irão fundar Roma. Ciente do seu destino e dos trabalhos que irá enfrentar, Eneias exclama ao deparar-se com o formigamento da construção de Cartago:

O fortunati, quorum iam moenia surgunt!

(verso 437)

Ó afortunados, dos quais as muralhas já se erguem!

Na continuidade da prolepse, o narrador nos conta da dominação da Grécia por Roma. Oprimida pela casa de Assáraco, o filho de Tros, de cuja linhagem sairão Anquises e Eneias, a Ftia, a ilustre casa de Micenas e a vencida Argos, ironicamente serão subservientes aos Troianos outrora derrotados. Conclui-se essa prolepse com a expansão do Império Romano, com César, e o

⁴ “[...] moresque uiris et moenia ponet [...]” (verso 264)

⁵ “Parce metu, Cytherea, manent immota tuorum/fata tibi [...]” (verso 257-258).

“[...] neque me sententia uertit” (verso 260).

período da *Pax Romana*, com Augusto (versos 257-296).
Roma será um império sem limites e sem fim:

*His ego nec metas rerum nec tempora pono:
imperium sine fine dedi (versos 278-9).*

A estes eu não fixo limites nem tempo aos feitos:
um império sem fim eu lhes dei.

A prolepse da narrativa, no entanto, não se dá apenas com o futuro glorioso de Roma. Ocorre também com o amor de Eneias e Dido, fato que acontecerá no Livro IV. A partir dos versos 667, do Livro I, prepara-se esse amor, quando, por ocasião do banquete a Eneias, seu filho Ascânio é trocado, numa intervenção de Vênus, por Cupido, para insuflar a paixão em Dido, que ficará desde já embebida de um amor que lhe trará a infelicidade (verso 749):

Infelix Dido longumque bibebat amorem.

E a infeliz Dido bebia um longo amor.

Como sabemos, este Livro I é a chegada de Eneias em Cartago, onde terminam as suas provações, o que denominaremos de rito iniciático. O final das provações se dará em dois momentos, no templo de Juno e no banquete a Eneias, oferecido por Dido. Nas paredes do templo, que está sendo construído em homenagem a

Juno, Eneias vê cenas da guerra de Troia, que o levam às lágrimas. A Fama já havia difundido o infortúnio dos Troianos em todos os recantos do mundo:

*Constitit et lacrimans: "Quis iam locus" inquit
"Achate,
quae regio in terris nostri non plena laboris?"
(versos 459-460).*

[Eneias] Parou e chorando: "Qual lugar nesse momento" perguntou "Acates, que região na terra não está cheia de nossa dor?"

Das cenas vistas por Eneias se destacam: Príamo e Aquiles irritado contra os Atridas (a irritação de Aquiles contra os Atridas, mais especificamente contra Agamêmnon, é o tema do Canto I da *Ilíada*); recuo dos Gregos ante os Troianos (o que acontece na *Ilíada* até o Canto XVI); recuo dos Troianos ante Aquiles (*Ilíada*, a partir do Canto XX); morte do rei Rheso da Trácia (*Ilíada*, Canto X); morte de Troilo ante Aquiles (*Ilíada*, Canto XXIV, segundo relato de Príamo); dor das mulheres Troianas (*Ilíada*, Cantos XXI-XXII); morte, ultraje e resgate do corpo de Heitor (*Ilíada*, Cantos XXII-XXIV) e a luta de Penteseleia, rainha das Amazonas, aliadas dos Troianos, morta por Aquiles (*Pós-homérica*, de Quinto de Esmirna, episódio fora da *Ilíada*).

O segundo momento, que determina o fim das provações, é uma espécie de catarse de Eneias, quando

instado por Dido a narrar as suas aventuras, o que se dá nos dois livros seguintes. Eneias fala da queda de Troia, da perda da esposa (Livro II) e de sua errância, *terra marique*, momento em que perde o pai (Livro III). Eneias tem consciência das provações (versos 198-207), alerta os seus companheiros para o fato, mas não perde a esperança de dias melhores, prometida pelo destino:

*Per uarios casus, per tot discrimina rerum
tendimus in Latium, sedes ubi fata quietas
ostendunt; illic fas regna resurgere Troiae.
Durate, et uosmet rebus seruate secundis
(versos 204-207).*

Por várias vicissitudes, por tantas decisões dos acontecimentos

dirigimo-nos ao Lácio, onde os fados habitações apazíveis

mostram; ali a lei divina permitirá ressurgir o reino de Troia.

Perseverai, e guardai-vos, vós mesmos, para as coisas favoráveis.

1.2. Livro II – Narração de Eneias a Dido: Início das Provações – Queda de Troia

O Livro II é o da invasão e queda de Troia pelos Gregos⁶. Iniciam aí as grandes provações de Eneias. O relato de Eneias a Dido parte do estratagema do Cavalo de Troia, cujas primeiras referências, no mundo grego, se encontram na *Odisseia* IV (versos 271-289), VIII (versos 487-520) e XI (versos 523-532), com a ressalva de que Eneias detalha aquilo que está apenas como sumário no Canto VIII do poema homérico. É interessante notar que Virgílio não segue apenas Homero, estando ligado a toda uma tradição clássica. No relato forjado por Sínon, com o intuito de convencer os Troianos da partida dos Gregos, ele se refere ao sacrifício de Ifigênia, como a única forma encontrada por Agamêmnon para aplacar a fúria de Ártemis e conseguir bom tempo para seguir em direção a Troia. Do mesmo modo, o adivinho Calcas havia escolhido Sínon para ser sacrificado, a fim de garantir o retorno das naus Acaias ao território Grego:

*"Sanguine placastis uentos et uirgine caesa,
cum primum Iliacas, Danai, uenistis ad oras:
sanguine quaerendi reditus animaue litandum
Argolica" (versos 116-119).*

⁶ Aqui temos uma idéia da complexidade transtextual da *Eneida*: a narração lembra a *Odisseia* – Ulisses entre os Feácios –, mas os fatos dizem respeito à guerra de Troia, portanto à *Iliada*.

"Com o sangue de uma virgem sacrificada, aplacastes os ventos,
quando, ó Dânaos, às margens líiacas viestes primeiro:
os retornos devem ser buscados com o sangue e com uma alma
Argólica, para o sacrifício."

Ora, Homero desconhece Ifigênia e se há uma referência ao sacrifício dela é de modo muito velado, quando da ocasião da querela entre Aquiles e Agamêmnon, no Canto I da *Ilíada* (versos 105-108), no momento em que o Atrida se dirige ao adivinho Calcas, enfurecido com os presságios que o apontam, a ele Agamêmnon, como o causador da peste sobre o acampamento grego:

Κάλχαντα πρότιστα κάκ' ὀσσόμενος προσέειπε·
Μάντι κακῶν, οὐ πώ ποτέ μοι τὸ κρήγυον εἶπας·
αἶει τοι τὰ κάκ' ἐστὶ φίλα φρεσὶ μαντεύεσθαι,
ἐσθλὸν δ' οὔτέ τί πω εἶπας ἔπος οὔτ' ἐτέλεσσας·

Primeiramente, com um olhar mau [Agamêmnon] dirigiu a palavra a Calcas:

“adivinho de males, nunca ainda me disseste algo de bom,

Sempre a teu espírito é agradável prenunciar as coisas más,

Nunca disseste e nem cumpriste nada de bom em tuas palavras.”

Conforme vamos verificar no Livro III da *Eneida*, Virgílio recorre à tradição de Eurípides e não de Homero, algumas vezes⁷.

Após a invasão de Troia, Eneas, ainda horrorizado com o destino de Laocoonte e seus filhos, mortos pelas serpentes marinhas, aparentemente por causa do ultraje feito ao cavalo – *horresco referens* (verso 204) – Eneas narra o aparecimento de Heitor em sonhos, sujo de poeira e sangue como quando Aquiles ultrajara o seu corpo. Tão diferente é este Heitor que lhe aparece agora, morto e ultrajado por Aquiles (v. *Ilíada*, Canto XXII), ou do Heitor incendiário do navio de Protesilau (v. *Ilíada*, Canto XVI, versos 122-123), ou do herói que venceu Pátrocles e se apossou das armas de Aquiles (v. *Ilíada*, Canto XVI). Mas é esse Heitor disforme de poeira e sangue que lhe dá o primeiro aviso de fuga e da missão que ele tem a cumprir: Troia não pode ser defendida pelos braços dos mortais; Eneas, a quem são confiados os Penates e os objetos sagrados de Troia, deve partir, pois assim determinaram os destinos (versos 268-297):

*Sacra suosque tibi commendat Troia penatis;
hos cape fatorum comites, his moenia quaere
magna, pererrato statues quae denique ponto
(versos 293-295).*

⁷ V. a tragédia *Ifigênia em Áulis*.

Troia confia-te os objetos sagrados e seus deuses
Penates;
toma-os como companheiros dos destinos e procura
as grandes muralhas
para estes, que erigirás, enfim, tendo errado pela
imensidão do mar.

Trata-se de uma advertência augural esta de Heitor, pois surgida em sonho e cheia de meias palavras. Sendo augural, ela antecipa todo o Livro III, em que a presença de Apolo será determinante para o destino de Eneias. Os desdobramentos do que Heitor diz a Eneias se darão com a advertência de Vênus ao herói – a destruição de Troia é determinação dos deuses – e com a advertência de Creúsa, a mais clara de todas: a destruição de Troia pelos deuses; as provações por que Eneias deve passar, com um exílio pelo mar; e a recompensa, uma fortuna florescente e uma esposa real, na nova cidade a ser fundada.

Uma vez tendo completado a errância, e percorrido os mares em todos os sentidos, o que significa completar a provação, Eneias encontrará afinal o seu destino, com a construção das bases da futura Roma.⁸

⁸ Este é o sentido do ablativo *pererrato*, proveniente do verbo *pererrare*, *errar através*, *percorrer em todos os sentidos*, *sucessivamente*. Aqui se trata de uma estrutura de ablativo absoluto *pererrato...ponto*, com a significação de "tendo percorrido o mar em todos os sentidos", ou seja, errando.

Em meio ao caos gerado pela investida dos gregos, Eneias presencia, impotente, a morte de Príamo por Pirro, filho de Aquiles, reencarnação da fúria do Pelida, conforme podemos observar na *Ilíada* (Cantos XX-XXIV). Após matar Polites⁹, na presença de Príamo, que se lamenta e recrimina a crueldade do jovem guerreiro, Pirro escarnece do velho rei. A cena remete, mais uma vez, à *Ilíada*, desta feita ao resgate do corpo de Heitor (Canto XXIV). O episódio é dos mais importantes, para a reafirmação do destino de Eneias e da compreensão de que os humanos são joguetes nas mãos dos deuses. Furioso, Eneias contempla Helena¹⁰, em quem põe toda a culpa pelo que está ocorrendo. Troia rui e a culpada pela ruína, uma vez terminada a destruição, voltará para casa triunfante com o marido como se nada tivesse acontecido. O herói sente ímpetos de matá-la, apesar de considerar isto uma tarefa inglória e vergonhosa (versos 567-597). É nesse momento que vem o segundo aviso do destino para Eneias, agora de uma forma mais incisiva, através de sua própria mãe, a deusa Vênus. Eneias deve cuidar dos seus familiares, sem temer obedecer a suas ordens e, principalmente, sem recusar seguir os seus

⁹ Polites aparece na *Ilíada* (XIII, versos 533-539), salvando o irmão Deífobos, que fora ferido no braço por Méron. Na *Eneida*, (II, versos 526-532), ele será morto por Pirro, filho de Aquiles.

¹⁰ Virgílio compõe a cena com os olhos voltados para a *Odisseia*, Canto IV, por ocasião da visita de Telêmaco a Menelau, momento em que a “previsão” de Eneias se confirma.

conselhos, pois a destruição de Troia se dá pela vontade dos deuses e não dos homens (versos 594-620):

*non tibi Tyndaridis facies inuisa Lacaenae
culpatusue Paris, diuom inclementia, diuom,
has euertit opes sternitque a culmine Troiam
(versos 601-603).*

Não [seja] para ti odiosa a face da Lacônia Tindarida nem Páris culpado; a inclemência dos deuses, dos deuses,
derruba estes poderes e deita por terra Troia, desde o seu cume.

Com a recusa de Anquises de seguir Eneias, o herói pretende retornar à guerra, para evitar a morte do pai por Pirro, como aconteceu com Príamo. O lamento de Creúsa, sua esposa¹¹, e o prodígio que inflama os cabelos do pequeno lulo, sem queimá-lo¹², e mais ainda a confirmação dos presságios por Júpiter fazem Anquises se decidir a seguir o filho, em fuga, em busca de um novo destino. O pio Eneias, levando consigo a família, mas recusando-se a levar consigo os Penates, pois tem as mãos sujas do sangue da batalha, encontra eco na cena em que Heitor, na *Ilíada*, VI (versos 253-268), recusa o

¹¹ Vide última entrevista de Heitor com Andrômaca, na *Ilíada*, Canto VI.

¹² Vide *Eneida*, Canto VII. O mesmo ocorre com Lavínia, na chegada de Eneias ao Lácio, o que faz o rei Latino decidir por Eneias como seu genro.

vinho que lhe oferece Hécuba, por estar sujo também da batalha com os gregos. Com o pai às costas, levando consigo os Penates, lulo trazido pela mão e Creúsa atrás de si, Eneias parte de Troia em chamas (versos 717-729). O fogo aponta o destino do herói, em que a destruição dará lugar a uma nova construção.

Tendo perdido Creúsa na confusão, Eneias põe a salvo o pai e o filho e sai em busca da mulher, gritando seu nome, com o risco da própria vida. É nesse momento que se dá o terceiro aviso. Creúsa lhe aparece como uma sombra, revelando que é a vontade dos deuses que ela não o acompanhe:

*Non haec sine numine diuom
eueniunt; nec te hinc comitem portare Creusam
fas, aut ille sinit superi regnator Olympi.
(versos 777-779).*

Estas coisas, sem a vontade dos deuses, não ocorrem; nem conduzir deste lugar Creúsa como companheira a lei divina te permite, nem consente aquele soberano do súpero Olimpo.

Igualmente, Creúsa ratifica o destino de Eneias, dizendo-lhe do longo exílio sobre o mar até a Hespéria, onde o esperam uma fortuna florescente à margem tranquila do Tibre, um reino e uma esposa real. As três tentativas frustradas de abraçar a esposa, que se

esfumaça na sua frente¹³, a queda de Troia e a perspectiva de um longo exílio são as grandes provações iniciais de Eneias. Chorando o desaparecimento da mulher, ele ganha as montanhas com o pai e com os que o acompanham ao exílio.

1.3. Livro III: Os Anos de Errância e A Morte de Anquises

O Livro III dá continuidade às provações de Eneias, na errância em busca de seu destino. Levado pelos deuses ao exílio e a terras desertas, Eneias, cumprindo o previsto por Creúsa, ignora o seu destino exato e abandona as velas ao fado, aconselhado por Anquises (versos 1-12). Nesse itinerário, o herói se configura como um mito fundador e disseminador de cidades, tendo presente a proteção do deus Apolo. De Troia a Cartago são dez os pontos principais por onde Eneias passa. A fuga de Troia se dá após a fabricação das naus, e a busca do exílio e das terras desertas ocorre com Eneias ouvindo o conselho de Anquises de entregar as velas aos destinos.

A Trácia, terra cruel, é o primeiro ponto de parada de sua viagem (versos 13-72). É onde, também, Eneias funda a primeira cidade, a *Enéades* (versos 13-18), sempre mostrando o seu caráter piedoso, temente aos deuses, oferecendo sacrifício a Vênus e aos deuses protetores das

¹³ Vide *Odisseia* XI, quando Ulisses tenta abraçar a alma da mãe Anticleia, que se encontra no Hades, e *Eneida* VI, quando Eneias tenta, igualmente, abraçar a alma do pai, no momento de sua *catábasis*.

nascentes muralhas. O encontro dramático com o espírito de Polidoro, filho de Príamo, revelando a Eneias como morrera pelas mãos gananciosas daquele que deveria protegê-lo, o rei Trácio Polimestor¹⁴, leva o herói a fugir daquela região, não antes de se mostrar, mais uma vez piedoso, fazendo as honras fúnebres a Polidoro (versos 49-68).

Em Delos (versos 73-123), terra de Apolo, é pela boca do sacerdote e rei Ânio que Eneias ouve os presságios do deus. Ele deve procurar as terras dos antepassados primeiros e da antiga mãe, onde o herói e sua descendência reinarão (versos 94-98). A decifração do que disse o sacerdote de Apolo cabe a Anquises: trata-se de Creta, terra de Zeus e do monte Ida, pátria do ancestral Teucro. Feitos os sacrifícios a Apolo, Netuno, Zéfiro e à Negra Tempestade, Eneias parte de Delos.

À chegada em Creta (versos 124-189), terra abandonada por Idomeneu, destronado pelos seus, Eneias constrói *Pergameia*, nova cidade, na praia dos Curetes (versos 131-134). A peste ataca os homens e a natureza destrói um ano de trabalho. É quando Anquises diz para rever o oráculo de Apolo (versos 135-146). Os Penates aparecem em sonhos a Eneias, dizendo que Apolo não sugeriu Creta, mas a Hespéria, o herói, portanto, deve preparar nova viagem, em direção à terra

¹⁴ Vide Homero, *Ilíada*, XX, versos 407-418, e Eurípides, *Hécuba*, versos 1132 e ss., que apresentam versões diferentes para o destino de Polidoro. Virgílio segue a tradição de Eurípides.

prometida que se chama Itália, de onde saíram Dárdano e Iásio, primeiros ancestrais dos Troianos (versos 147-171). Feitas as libações aos deuses e a revelação dos sonhos a Anquises, o pai de Eneias lembra que Cassandra já havia previsto esse fato, mas ninguém lhe havia dado crédito. É nesse ponto que se confirma a previsão feita por Creúsa no Livro II, esquecida por Eneias, na ânsia da fuga. Mais uma vez Eneias e os seus partem, desta feita em busca da Itália, mas uma tempestade e a errância por três dias os obrigam a se desviar do seu destino (versos 190 e 204).

A próxima parada é nas Ilhas Estrófades (versos 205-266), morada de Celeno e das harpias, flagelo terrível¹⁵. Perseguido pelas harpias por causa da matança do gado da ilha, o que nos remete ao episódio dos bois do Sol (*Odisseia*, Canto XII), Eneias tem o seu banquete maculado duas vezes pelo líquido pestilento do ventre delas. Fazendo guerra às harpias, mas sem conseguir matá-las, devido a sua condição de invulneráveis, Eneias ouve estarecido a profecia de Celeno: em troca da imolação dos bois e novilhas, os Troianos, que procuram a Itália por profecia de Febo Apolo, lhe dão a guerra. Antes, contudo, de edificarem as muralhas da nova cidade, de fome comerão as mesas (versos 245-258). A

¹⁵ As Estrófades são duas ilhotas do mar Jônio, na costa ocidental do Peloponeso. Celeno, em grego κελαινός, significa *negro, sombrio* ou *obsuro*, o que se coaduna com os presságios feitos a Eneias. As harpias reaparecem na *Eneida*, VI, verso 289, por ocasião da descida de Eneias aos infernos, que se sente mais uma vez ameaçado por elas e por outros monstros.

intervenção de Anquises é no sentido de invocar os deuses e pedir paz para os piedosos, prometendo-lhes honrarias. Com a fuga das Estrófades (versos 266-273), Eneias e os seus vão parar em *Actium*, onde repousam (versos 274-288).

Uma vez em *Actium*, os Troianos buscam o templo de Apolo, no Monte Leucates, e descansam no litoral. As ações de Eneias são sempre no sentido de mostrá-lo piedoso, fazendo a purificação em honra de Júpiter, queimando incenso em seus altares, e celebrando os jogos Ilíacos¹⁶. A partida de *Actium* (versos 289-291) marca mais um ano na errância do herói pelos mares.

Butrote¹⁷ (versos 292-505) é o momento mais importante da errância de Eneias, pois aí se dão as profecias de Heleno, filho de Príamo, que escapou da destruição de Troia, sendo levado por Neoptólemo como servo. Sacerdote de Apolo, Heleno confirma, mais uma vez, a proteção do deus a Eneias, dando-lhe os detalhes da realização de sua missão. No início dessa estada em Butrote, Eneias se encontra com Andrômaca, que faz um ritual a Heitor, em túmulo vazio. Emocionada, Andrômaca conta a sua história a Eneias: escrava de Neoptólemo, por ele abandonada, quando se apaixona por Hermíone, é

¹⁶ Alguns críticos como André Bellessort e Henri Goelzer (VIRGILE, 1952, p. 79-80) veem aqui uma alusão à comemoração, a cada cinco anos, instituída por Augusto em honra de Apolo, por sua vitória sobre Marco Antônio, na batalha de *Actium*, em 31 a. C.

¹⁷ Porto da Caônia, região do Épiro, hoje Butrinto, na costa grega.

dada a Heleno, também escravo de Neoptólemo¹⁸, que é morto por Orestes, legando a Heleno parte do reino. É quando Heleno constrói a nova Ílion, com o nome de *Caônia*, em memória de Cáon.

A chegada de Heleno, rei-profeta, apresenta a Eneias os desígnios do deus: Júpiter é regulador dos destinos e fixador da ordem (versos 374-376), são, portanto, poderosos os auspícios que conduzem Eneias pelo mar (versos 377-378). Mesmo com a sua visão limitada pelas Parcas e pela proibição de Juno (versos 379-380), Heleno dará a Eneias detalhes de sua missão. As suas profecias (versos 381-462) revelam dez pontos importantes, a saber:

1) Longo trajeto até a Itália, região longínqua e de difícil acesso;

2) Eneias passará primeiro pela Trinácia, pela Ausônia, pelos infernos, por Circe, antes de oferecer aos seus os muros de uma terra;

3) o sinal da chegada ao destino é uma porca branca com trinta leitões, à borda de um rio;

4) o destino encontrará meios para a profecia de Celeno (comer as mesas) se cumprir, pois Apolo saberá ouvir os votos dos Troianos;

¹⁸ Vide alusão à morte de Polyxena, ratificando a preferência de Virgílio pela versão de Eurípides, em *Hécuba*.

5) Eneias, antes de tudo, deverá evitar as terras da costa italiana vizinhas a Butrote, pois estão cheias de perigosos Gregos;

6) os Troianos devem cobrir os cabelos, quando fizerem as preces, para não prejudicar os presságios;

7) devem evitar Cila e Caríbdis;

8) devem adorar e honrar sempre Juno, domando-a por meio de súplicas e oferendas;

9) a consulta à Sibila de Cumas, ao deixar a Trinácia, é imperiosa, pois ela dirá dos povos da Itália, das guerras futuras e como evitá-las;

10) orando, Eneias obterá sempre curso favorável às suas naus.

Há ainda o prenúncio da morte de Anquises por Heleno, através do falar *oblíquo* (λοξός), próprio de Apolo¹⁹ (verso 479), o que leva o próprio Eneias, ao fim desse Livro III (versos 710-715), a achar que o sacerdote não havia previsto mais este infortúnio para ele.

É desejo de Eneias que a Hespéria e o Épiro²⁰ sejam, no futuro, uma só nação, o que nos revela mais uma prolepse da dominação Romana sobre a Grécia (versos 493-505). Em sua fala final a Heleno, Eneias diz-se

¹⁹ Um dos epítetos de Apolo era o *Oblíquo* (Λοξίας), por causa da ambiguidade de suas profecias.

²⁰ Bellessort e Goelzer (VIRGILE, 1952, p. 88), em nota, nos revelam que após a batalha de *Actium*, Augusto fundou Nicópolis, no Épiro, e quis que os habitantes dessa região fossem considerados como os parentes sanguíneos dos Romanos.

compelido pelo destino, passando pelas errâncias no itinerário:

nos alia ex aliis in fata uocamur (verso 494).

Nós somos levados de uns a outros fados.

A partida de Butrote se dá com tempo favorável (versos 506-569), permitindo em seguida a visão da Itália. Anquises invoca os deuses da terra, do mar e das tempestades, fazendo as libações convenientes, vê em alguns cavalos brancos o prenúncio da guerra. Invocando Palas e fazendo o ritual a Juno com a cabeça coberta, os Troianos fogem de Caríbdis e bordejam a ilha Trinácia, dos Ciclopes.

Ao chegarem à ilha Trinácia (antigo nome da Sicília), na terra de Polifemo e dos Ciclopes (versos 570-681), os Troianos encontram Aquemênides, companheiro de Ulisses, ali esquecido, havia três meses (vide *Odisseia*, IX). Aquemênides insta todos a fugir, pois existem, além de Polifemo, outros cem Ciclopes, naquela terra. Após ter a visão terrível de Polifemo, Eneias e os Troianos fogem da ilha (versos 682-706), passam por Ortígia e rendem homenagens às divindades locais, seguindo caminho até Drépano. É em Drépano que se dá a maior de todas as provações de Eneias (versos 707-714) – a morte de Anquises. Em compensação, também aí terminam as longas viagens de errância:

Hic labor extremus, longarum haec meta uiarum
(verso 714).

Este o labor extremo, este o termo das longas rotas.

A chegada a Cartago põe fim às provações de Eneias (versos 716-718). É aqui também que se dá o fim da sua narração hipodiegética, com o texto reencontrando a sua linearidade. Eneias se afirma como mito fundador²¹ e futuro pai da pátria²²:

Sic pater Aeneas intentis omnibus unus
fata renarrabat diuom cursusque docebat.
Conticuit tandem factoque hic fine quieuit
(versos 716-718).

²¹ É interessante observar como no Livro V, Eneias, após os jogos fúnebres em honra de Anquises, traça com a charrua os limites da nova cidade, na Sicília, onde devem ficar mulheres e velhos. O espaço delimitado por Eneias se chamará Ílion e os lugares Troia. Eneias acata o conselho de Nauta, reforçado pela sombra do pai Anquises. Eneias deverá levar para a Itália apenas os jovens, mais valentes de coração (*Iuuenes, fortíssima corda*) aptos para o combate com os povos aguerridos (*gens dura*) daquela região (versos 704-761).

²² Há pelo menos quatro ocorrências no Livro V, em que o herói é tratado como “Pai Eneias”: versos 348, 461, 700 e 827. Há ainda uma alusão ao epíteto no Livro I (verso 699) e várias ao longo da segunda parte do poema: Livro VIII, verso 606; Livro IX, verso 172; Livro XI, versos 184 e 904; Livro XII, versos 166, 440 e 697.

Assim, o pai Eneias, único com todos atentos,
ensinava as vontades dos deuses e recontava sua
viagem.

Então, calou-se e, ao fim deste fato, descansou.

1.4. Livro IV: Os Amores funestos de Dido e Eneias – A Infeliz Dido e o *Caecus Ignis*

As provações de Eneias e seu ciclo iniciático terminam no Livro III. Podemos ver o Livro IV como uma transição entre o Eneias submetido às provações, adquirindo a têmpera necessária para o cumprimento do seu destino, e o Eneias dos ritos de passagem, que se apresentará como o guerreiro renunciado pelos sacerdotes latinos, a quem cabe a posse da terra. Neste Livro IV, onde ocorrem as provações de Dido, podemos destacar dois elementos que formam a sua estrutura – a presença do destino e o furor da paixão, ambos perpassados pela metáfora do fogo.

Presença do Destino. Eneias é instado pelos deuses ao cumprimento de sua missão, fundar uma nova Troia; Juno procura evitar, perseguindo-o com a tempestade e fomentando a paixão por Dido; Vênus ludibria Juno, concordando com a paixão para proteger o filho da perseguição da deusa-mãe²³ e lhe dar as condições de,

²³ Há neste episódio uma nítida referência à *Ilíada*, Canto XIV, onde Hera engana Afrodite, com o intuito de seduzir Zeus e poder interferir na guerra de Troia. Neste Livro IV da *Eneida*, é Vênus quem engana Juno, ajudando na sedução de Dido, mas com a intenção de

após um período de repouso, seguir em frente com a sua missão na Hespéria. Se para Eneias o destino há de se cumprir, mesmo que haja uma pausa e Júpiter tenha que enviar Mercúrio duas vezes para obrigá-lo a seguir em frente sem demora, para Dido, há uma interrupção do seu destino. O destino de Dido não era a morte prematura (suicídio), mas a construção de um reino, de uma cidade que dominasse as demais (vide Livro I, versos 12-33). Juno tenta impedir sua destruição pelos descendentes dos Troianos, com a perseguição a Eneias e favorecendo Dido e Cartago²⁴. O destino, porém, é mais forte:

*Progeniem sed enim Troiano a sanguine duci
audierat Tyrias olim quae uertere arces;
hinc populum late regem belloque superbum
uenturum excidio Libyae: sic uoluere Parcas*

(Livro I, versos 19-22).

proteger Eneias. Por sua vez, Juno pensa estar enganando Vênus, ao ser ajudada a desviar Eneias da sua missão:

Ilíada: Hera > Afrodite → Seduzir Zeus: intervenção na guerra.

Eneida: Juno < Vênus → Seduzir Dido: ajudar Eneias a um repouso para seguir em sua missão.

²⁴ Do mesmo modo, ela tenta ainda, no Livro VII, adiar a instalação de Eneias no Lácio, enviando Alecto para fomentar a guerra entre Troianos e Latinos.

Mas de fato ela [Juno] ouvira uma raça saída do sangue Troiano

ser conduzida a, um dia, deitar por terra as cidadelas Tírias:

E [ouvira], dali, um povo, soberano com largo [reino] e soberbo na guerra

que há de vir para o excídio da Líbia: assim [ouvira] desenrolar as Parcas.

Paixão e Furor. A paixão de Dido por Eneias leva-a ao furor, culminando com o seu suicídio. A metáfora do fogo – que aparece de diversas formas, *chama, tocha, pira* –, inicia no Livro II, com a destruição de Troia, prolonga-se pelo Livro VII, quando Juno envia Alecto para fomentar a guerra, e representa bem a duplicidade da paixão e do furor, ao longo do Livro IV. O fogo como metáfora aparece como sendo:

- a) Paixão (antiga: Siqueu; recente: Eneias)
- b) Ameaça (destruição dos Troianos e dos seus navios por Dido)
- c) Vontade de partir (cumprimento da missão de Eneias, instado por Mercúrio)
- d) Destruição (prolepse da destruição de Cartago/prolepse do suicídio de Dido)
- e) Morte (suicídio de Dido)

Seria cansativo levantar todas as referências metafóricas do fogo, pois elas são inúmeras e atravessam

o Livro IV de ponta a ponta, mas poderemos exemplificar com algumas.

a) O fogo sombrio: Amor e Morte

*At regina graui iamdudum saucia cura
uolnus alit uenis et caeco carpitur igni.*

(Livro IV, versos 1-2).

Mas a rainha, de há muito, ferida por grave inquietação amorosa,

Alimenta uma chaga em suas veias e é lacerada por sombrio fogo.

A primeira referência a *fogo*, abrindo o Livro IV, logo no segundo verso, mostra Dido lacerada por um *fogo sombrio*. A maior parte dos tradutores prefere traduzir *caeco* por *secreto* ou *oculto*, para expressar o amor ainda escondido de Dido por Eneias. No entanto, devidamente estribado em Gaffiot (2000), preferimos traduzir o termo por *sombrio*, mais condizente com a estrutura deste Livro IV e do poema como um todo. Os fatos do Livro IV conduzirão Dido a um destino sombrio – o suicídio, funcionando, portanto, o termo como uma prolepse da narrativa. A paixão é, pois, um fogo que cega, levando a caminhos sombrios, o que é a essência do canto IV.²⁵

²⁵ Observe-se que a tradução de *caeco* por *sombrio*, cobre o sentido de *cego* e *oculto*. Já o contrário não é verdadeiro.

Dido se vê premiada entre o aborrecimento do chamado amor nupcial – *Si non pertaesum thalami taedaeque fuisset, / huic uni forsán potui succumbere culpae* (*Se [o vínculo] do tálamo e da tocha nupcial não me fosse aborrecido / Talvez pudesse sucumbir a este único mal*, versos 18-19) – e os vestígios dos fogos de amor de antigamente por Siqueu, seu marido morto por seu irmão – *Solus hic inflexit sensus animumque labantem / impulit* (*Só ele dobrou os meus sentidos e abalou meu ânimo vacilante*, versos 22-23).

Dido condena a si mesma à morte, quando evoca as sombras, as pálidas sombras do Érebo e da morte profunda, em caso de violação das leis do pudor (versos 23-27):

*Agnosco ueteris uestigia flammae.
Sed mihi uel tellus optem prius ima dehiscat
uel pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras,
pallentis umbras Erebi noctemque profundam,
ante, pudor, quam te uiolo aut tua iura resoluo.*

Reconheço os vestígios da velha chama.

Mas antes eu deseje que ou a terra abra-me as profundezas

ou o pai onipotente me lance com seu raio em direção às sombras,

às pálidas sombras do Érebo e em direção à noite profunda

antes que, ó Pudor, eu te profane ou quebre as tuas leis.

Tal veemência de Dido, pronunciando palavras como *umbras* (2 vezes), *Erebi, noctem profundam*, só justifica a tradução de *caeco igni* por *fogo sombrio*.

São as palavras de Anna, sua irmã, que a convencem de que a união a Eneias é benéfica e ditada pelos deuses:

*Dis equidem auspicibus reor et Iunone secunda
hunc cursum Iliacas uento tenuisse carinas*
(versos 45-46).

Creio seguramente com os auspícios dos deuses e com Juno favorável

As carinas Ilíacas ter mantido este curso com o vento.

Este amor que inflama seu ânimo, a põe em delírio, enfraquece seu coração, delirante a faz errar pela cidade, transforma-a em uma Dido que arde em fogo com o furor espalhando-se pelos ossos:

ardet amans Dido traxitque per ossa furorem
(verso 101).

Vênus fingindo-se inferior, induz Juno a aceitar a união de Eneias e Dido. Em cada uma, os interesses são diversos: para Juno, a união de Dido e Eneias, celebrando

com isto a paz com Vênus (versos 99-100) – intriga que remonta ao julgamento proferido por Páris no Monte Ida – é a garantia de que Cartago não será destruída pelos Troianos. Para Vênus, que reconhece a astúcia de Juno, é a oportunidade de proteger seu filho em terra estranha, que celebra Juno, e fazê-lo repousar e se refazer da tempestade e do naufrágio de treze dos vinte navios que o acompanhavam desde a saída de Troia. Vênus a engana como havia sido por ela enganada na *Ilíada* (vide nota 23).

Dizendo temer Júpiter e o Destino, Vênus, astutamente, faz com que Juno se encarregue de unir Dido a Eneias. Para tal, a deusa usa o stratagema da caçada e da chuva torrencial, com o objetivo de isolar os dois amantes em uma caverna: são os fogos que brilham com a conivência do céu (versos 166-168), celebrando o amor do Troiano com a Tíria.

b) O Fogo do Ciúme e do Furor de Jarbas

Mas se o amor é chama para atizar a paixão, é também chama para atizar o ciúme. Assim é que a Fama se encarrega de fazer chegar ao rei Jarbas, pretendente à mão de Dido, a história de sua união com o Troiano. Jarbas tem a alma incendiada (verso 177), a sua ira aumenta por não lhe terem servido de nada os cem templos e cem altares com o fogo eterno consagrado aos deuses (versos 200-201), chegando a se perguntar a que servem os fogos do pai Júpiter (verso 210). Jarbas

blasfema contra o deus, seu pai, celebrado inutilmente em seus altares (versos 217-218), por reconhecer em Eneias um novo Páris, que goza sua conquista amorosa.

c) O Fogo da Partida e do Furor de Dido

Compelido pelo destino, cujo mensageiro é Mercúrio, para continuar a sua missão – Eneias deve reinar sobre o universo (versos 229-231 – vide Livro VI, na prolepse de Anquises a Eneias) –, o herói arde por partir. O fogo se transforma em desejo de continuar o que o destino lhe reservou. A esta notícia, Dido é tomada pelo furor e corre a cidade como Bacante inflamada (versos 296-303).

Tomada pelo furor, Dido expõe as suas provações e suas dores (versos 305-330), mas Eneias contrapõe: a Itália é seu amor e sua pátria (verso 347), de nada adianta a inflamada queixa de Dido, pois é a vontade dos deuses não dele (versos 350-361). Sentindo que a paixão furiosa a conduz, Dido lamenta sua sorte sombria, remetendo, mais uma vez para o *caeco igni* do segundo verso do canto (verso 376). Na morte, os fogos negros a seguirão e as sombras cobrirão tudo (versos 384-386), numa prolepse do seu destino. Apesar de todas as lamúrias de Dido, Eneias segue os ditames do alto, que fecham os ouvidos do herói:

fata obstant placidasque uiri deus obstruit auris

(verso 440).

os fados se opõem e um deus obstrui os serenos ouvidos do herói.

d) O Fogo da Morte e da Ameaça de Destruição

Preso do delírio, o fogo agora é morte para Dido: uma pira secreta ela levanta no palácio (versos 494-495) e se lamenta de ter dado ouvido à raça pérfida de Laomedonte (versos 541-542)²⁶. Novamente Eneias é advertido por Mercúrio para partir, com o fogo aparecendo como ameaça aos Troianos (versos 567-568). No verso 570, o desaparecimento de Mercúrio nas sombras da noite, anuncia a morte de Dido:

Sic fatus nocti se immiscuit atrae.

Assim falou [Mercúrio] e misturou-se à noite escura.

e) O Fogo da Destruição de Cartago

Os Troianos ardem por partir (verso 581). Segue-se um solilóquio de Dido, em que o fogo aparece como metáfora da destruição de Cartago, durante as guerras

²⁶ Laomedonte é tomado aqui como metonímia dos Troianos. Eneias, a rigor, não é da raça de Laomedonte, mas da raça de Cápis, irmão de Laomedonte. Tros gera Ilos e Assáracos; Ilos gera Laomedonte, Assáraco gera Cápis; Laomedonte gera Príamo, que gera Heitor, e Cápis gera Anquises, que gera Eneias. A referência à raça pérfida de Laomedonte se deve ao fato de Laomedonte não cumprir o prometido a Posídon e Apolo, que trabalharam na construção da muralha de Troia, e também não cumprir o prometido a Hércules que, com promessa de pagamento, debelou a peste e matou o monstro, ambos enviados pelos deuses. Para vingar-se, Hércules mata Laomedonte e seus filhos, dos quais só escapam Hesíone e Príamo.

púnicas (versos 590-629), momento em que Dido lança imprecensões contra Eneias e seus descendentes²⁷. O suicídio de Dido com a espada de Eneias é o ápice do amor/fogo que leva ao furor/delírio (versos 659-660), antes fazendo uma síntese de sua vida (versos 650-662) e apontando uma nova prolepse nos versos 669-671. No final, com a libertação da alma de Dido por Íris, o calor do seu corpo se dissipa (versos 693-705). O calor se esvai, a flama também. Dido está no Hades, aonde o fogo sombrio do amor a levou. Eneias partira, para cumprimento de um destino que começa com o fogo da destruição de Troia, passou pelo fogo do amor de Dido e terminará com o fogo ateadado por Juno, ocasionando as batalhas pelas terras do Lácio.

Infelix Dido. A passagem da Dido afortunada para a Dido desafortunada, uma das características da tragédia, é de uma forma contínua e cumulativa. O infortúnio começa já no Livro I, quando Vênus, ao transformar Cupido, seu filho, em Ascânio/Iulo, tem o intuito de insuflar no coração da rainha o amor a Eneias²⁸. A partir desse momento, julgando ter o pequeno Ascânio/Iulo nos braços, Dido é inoculada pelo amor a Eneias, que vem de

²⁷ Aqui aparecem alusões diversas a Medeia, a Tântalo e Pélops, a Atreu e Tieste, e a Heitor, este especificamente no episódio da queima dos navios na *Ilíada*.

²⁸ Comparem-se os versos “*ut faciem mutatus et ora Cupido/pro dulci Ascanio ueniat, donisque furem/incendat reginam atque ossibus implicet ignem.*” (Livro I, versos 658-660), com “*ardet amans Dido traxitque per ossa furorem*” (Livro IV, verso 101).

Cupido. A rainha passa, então, à condição de infeliz, duplamente infeliz. Primeiramente, por causa da morte do marido Siqueu, pelo seu (dela) irmão Pigmalião, obrigando-a a fugir de sua pátria e abrigar-se em terra estranha, assediada pelos vizinhos; em seguida, pelo que virá a ser a quebra dos votos de fidelidade ao marido. Assim, no Livro I, registram-se por duas vezes, a condição de infeliz: *infelix Phoenissa* (versos 712-714) e *infelix Dido* (verso 749).

No Livro II, como se trata de uma narrativa em flash-back, com Eneias narrando a Dido a história da destruição de Troia, não há nomeação da rainha, quer direta, quer indiretamente. No Livro III, que dá continuidade à fala de Eneias, também se omite o nome de Dido, vez que se trata de uma narrativa de viagens, com o périplo do herói pelo mar e pelas terras.

Dido volta a ser nomeada no Livro IV, livro, por excelência, destinado a ela, e onde se dará a sua tragédia anunciada. O fato de Dido ter trazido consigo os Penates sujos de sangue, com a morte de Siqueu por Pigmalião, já aponta para a sua tragédia e, ao mesmo tempo, a diferencia de Eneias, que traz os seus Penates puros, com a permissão dos deuses, e nas mãos do pai, Anquises, para não conspurcá-los, com as suas mãos manchadas do sangue das batalhas contra os Argivos. Ao fazer o juramento de fidelidade a Siqueu, diante da irmã Anna, e invocar a fúria de Júpiter e de Pudor, em caso de quebra dos laços da fidelidade, ela chama para si a ruína e o

infortúnio. Tomada de amores por Eneias, ela delira e se inflama já não tem controle de si mesma, pois dentro de si, seu espírito encontra-se inflamado pelo amor (*animum inflammauit amore*, verso 54).

Delirante de amor (*furentem*, verso 65) e tendo a chama do amor devorando sua medula (*est mollis flamma medullas*, verso 66), a infeliz Dido queima de amor e erra em delírio por toda a cidade (*Vritur infelix Dido totaque uagatur/urbe furens*, versos 68-69). É esta condição de infeliz e mísera, que ressalta do Livro IV, construindo a derrota da rainha: como *infelix Dido*, ela é nomeada três vezes (versos 68, 450 e 596); no verso 79, ela é *demens*; no 117, *miserrima Dido*; *reginam furentem*, no verso 283, e *infelix Phoenissa*, no 529. O percurso não deixa dúvidas, ainda que ela seja tratada por *pulchra Dido* (verso 192) e *optima Dido* (verso 291), tais tratamentos só reforçam o contraste com o destino que a aguarda.

O início da morte de Dido, conforme diz Virgílio, se dá no momento em que as duas deusas, por motivos diferentes, Vênus e Juno, urdem a trama para que ela e Eneias fiquem prisioneiros da tempestade em uma gruta, onde o amor entre eles acontece:

*Ille dies primus leti primusque malorum
causa fuit* (versos 169-170).

Aquele foi o primeiro dia de seus males e o primeiro como causa de sua morte.

Sentindo-se traída por Eneias, que deve partir em cumprimento da vontade dos deuses, e desejando abolir todos os vestígios do herói, que ela chama de ímpio (verso 496) e de varão nefando (*abolere nefandi/cuncta uiri monimenta iuuat monstratque sacerdos*, versos 497-498), Dido prepara a própria morte, não antes de produzir um dos monólogos mais famosos e mais virulentos da literatura (versos 590-629). É nesse instante em que ela expõe, a um só tempo, a sua dor e a sua raiva contra Eneias e seus descendentes. Sendo ela a infeliz Dido (*infelix Dido*, verso 596), as realizações de Eneias são impiedades que a atingem (*facta impia*, verso 596). Atacando a piedade de Eneias, em que ela não acredita, Dido deseja matá-lo e destroçar seus membros, matar seus companheiros, matar Ascânio e dá-lo a comer a Eneias, num rancor que lembra a ação de Atreu, com relação ao irmão Tiestes; Dido desejaria ter exterminado toda a raça de Eneias, como não pôde, ela evoca as divindades súperas e íntimas, Sol, Juno, Hécate e as Fúrias vingadoras para não dar tranquilidade a Eneias, para fazê-lo morrer antes do tempo e seu cadáver permanecer insepulto. Além disso, ela deseja que os seus descendentes sejam sempre inimigos dos descendentes de Eneias e que um deles, proveniente de sua linhagem, leve, como vingador, a guerra aos romanos, numa antecipação das Guerras Púnicas (*Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor/qui face Dardanos ferroque sequare colonos,/nunc, olim, quocumque dabunt se tempore*

uires./Litora litoribus contraria, fluctibus undas/imprecor, arma armis; pugnent ipsique nepotesque, versos 625-629).

Eneias, já visto como *ferus* (verso 466) e *impius* (verso 496), numa contradição flagrante com o epíteto por que o herói é celebrado (*pius*)²⁹, agora é visto como *infandum caput* (verso 613), alguém cujo nome não se pronuncia. Em seus últimos momentos, Dido acredita que cumpriu com o seu destino – fundou uma cidade ilustre, viu as suas muralhas, vingou o marido e puniu o irmão –, apenas não foi feliz, por causa da chegada de Eneias e dos Troianos. Antes de matar-se com a espada que ganhara de presente de Eneias, ela impreca contra o herói, o cruel Dárdanos (*crudelis Dardanus*, versos 661-662), que levará consigo, por alto mar, os maus presságios de sua morte. Suas últimas palavras são: “*Morreremos não vingadas, mas morramos*” – *moriemur inultae, sed moriamur*, versos 659-660.

A tragédia, é fato, se abate sobre Dido, mas Virgílio a exalta com a compensação de dedicar-lhe toda a atenção no Livro IV e, além disso, nas vinte e nove vezes em que ela nomeada, treze no Livro I e dezesseis no Livro IV, o poeta sempre o faz no nominativo.

²⁹ No Livro I, Eneias é chamado três vezes de pio: versos 220, 305 e 378; no Livro IV, uma vez, no verso 393.

2. Conclusão: Emprego das três funções do Indo-Europeu

Pierre Grimal vê em Eneias as duas funções da sociedade hierárquica indo-europeia: sacerdote e guerreiro (1997, p. 228). Em nossa leitura, contudo, percebemos que o herói aglutina as três funções identificadas por Dumézil (1995): a função Sacerdotal (Religião); a função guerreira (Guerra) e a função empreendedora (Riqueza). A partir da estrutura triádica que apresentamos para a *Eneida* – provações (Livros I-IV), rituais (Livros V-VIII) e guerras (Livros IX-XII), podemos constatar como as duas partes iniciais se juntam para mostrar Eneias em cumprimento da sua função sacerdotal. Nos primeiros oito livros da *Eneida*, portanto, Eneias é o pio Eneias, temente aos deuses, oferecendo-lhes rituais e sacrifícios, por eles escolhidos para dar nova pátria aos Penates, por eles sendo guiado, em especial por Vênus e Apolo, contando com o apoio de Júpiter, a interferência de Mercúrio e a ajuda de Netuno, para ser o construtor da nova Troia. Mito fundador, pai da pátria, cabe ao pai Eneias, tantas vezes assim chamado ao longo do poema, a função sacerdotal. Nos últimos quatro livros da *Eneida*, Eneias cumpre a sua função guerreira, sendo o herói que conquista a terra e a mulher, após ser devidamente provado pelos deuses.

Assim como o Livro IV mostra uma transição do Eneias das provações ao Eneias ritualístico, porém dentro da mesma função sacerdotal, o Livro VIII é um livro de

transição entre uma função e outra, vez que aí se dá a aliança de Eneias com Evandro e, posteriormente com Tarcão, que o reconhecem como o prenunciado pelos deuses para conduzir os destinos do Lácio. Não é por outro motivo que, nesse Livro VIII, se dá a fabricação de suas armas por Hefestos, o que lhe concede a condição de herói pronto para as próximas funções – a guerra e a grandeza –, vez que o lavor de seu escudo lhe mostra a grande glória que seus descendentes terão pela frente.

É emblemático como nesse Livro VIII, Evandro leva Eneias a passear pelos sítios onde será erigida a futura e gloriosa Roma – o Palatino –, deixando entrever a terceira função, a do empreendimento e da riqueza. Esta relação – a de um Troiano ajudado por um Grego a construir a glória da futura Roma, mais tarde dominador da futura Grécia –, é bem sintomática. Eneias e Evandro não apenas se unirão na guerra contra Turno e Mezêncio. Eles estão unidos pela amizade que Evandro tinha a Anquises e por serem, de certo modo, da mesma família. Atlas gera duas filhas, Electra e Maia, que se ligarão a Zeus, dando origem, respectivamente à família de Eneias e à de Evandro. Relações amigáveis que vêm dos antepassados, se confirmam no presente para abrir a perspectiva para a glória futura. Após esse reconhecimento de Eneias por Evandro, a celebração da aliança com um banquete ritualístico marca o fim dos grandes rituais do herói. É o momento da apresentação do futuro e da fabricação das

armas que permitirão a conquista da terra para a realização da terceira função.

O início dos combates, no Livro IX, com o cerco dos Rútulos aos Troianos, tal como na *Ilíada* se dá o cerco dos Troianos aos Gregos, prepara a arrancada de Eneias à consecução do seu destino. O cruel Mezêncio morre por suas mãos no Livro X; Arrunte mata a amazona Camila, no Livro XI, e Eneias mata Turno no Livro XII. Está feito o caminho para a conquista da terra e da mulher. Morto o inimigo, embora a narrativa ali termine, permanece a perspectiva anunciada a cada passo da *Eneida*: a fundação de Roma, tornando-se esta cidade a cabeça do mundo. Aí se completaria a terceira função, a da riqueza e a da paz, conforme o prognóstico de Anquises (vide Livro VI).

Desse modo, podemos dizer que Eneias aglutina em si as três funções – sacerdote, guerreiro e empreendedor –, pois, como sabemos, ele é um mito fundador (vide Livro III). Mais do que isso, ele é o pai da pátria, conforme se anuncia ao final do Livro III, fazendo o seguinte itinerário: Eneias perde a pátria, perde o pai, vai em busca do pai, para fundar a nova pátria, sendo, portanto, o pai da pátria, que será a cabeça do mundo.

Para ser o grande herói, merecedor da escolha dos deuses e da glória de fundar uma nova Troia, Eneias teve de passar e vencer todas as vicissitudes. Talvez a maior delas tenha sido a permanência em Cartago, ao lado de Dido. Se as relações do poema de Virgílio com os poemas

homéricos são inquestionáveis, esse momento de Eneias em Cartago aproxima ainda mais a *Eneida* da *Odisseia*. O norte da África³⁰, ao lado da bela rainha, desfrutando de seus amores e ajudando a construir uma cidade, tem algo da chegada de Odisseu na terra dos Lotófagos e de sua permanência na ilha de Circe. Aos deuses, cabem colocar os heróis no seu caminho, com a intervenção de Hermes a Odisseu, de Mercúrio a Eneias. O esquecimento de suas missões não é alternativa e as suas ações serão, então, cantadas pelas futuras gerações.

³⁰ Allain Ballabriga (1998) situa o país dos Lotófagos no norte da África, a partir de Heródoto.

Do Hóspede ao hostil, a trajetória de Eneias sob a perspectiva de Dido

Yasmim Alcântara dos Santos Mendonça

Ao nos iniciarmos no projeto do *Dicionário da Eneida*, deparamo-nos com a árdua, porém gratificante, tarefa de traduzir o Livro IV desse poema. O contato com a língua original permitiu-nos uma visão ampla sobre cada palavra presente na obra, entre elas *hospes* e *hostis*. Esses termos parônimos têm mais que a sonoridade como semelhança, eles partilham uma significação em comum, *estrangeiro*. *Hospes* deu-nos *hóspede*, enquanto *hostis*, legou-nos *hostil*. Mas independentemente da conotação positiva ou não a ideia é que o estrangeiro, quando bem-vindo, torna-se hóspede, quando não, hostil. Sob essas perspectivas, Eneias, o estrangeiro troiano, é encarado pela rainha Dido, governante de Cartago.

Hospes e *hostis* além de dividirem uma acepção, compartilham a mesma origem etimológica. *Hostes*, composto por *hostis* mais a raiz de *potis*, cujo significado é *capaz de, ter o poder de*, significa, literalmente, ter a capacidade de hospedar; isso porque esse substantivo não só designa o hóspede, mas também o hospedador, aquele que cede abrigo para o estrangeiro. *Hospes*, ao trazer *hostis* em sua formação, também indica que o hóspede tem a capacidade de tornar-se hostil, uma mudança pela qual veremos Eneias pelos olhos de Dido.

De *Potis*, a outra parte formadora de *hospes*, derivou-se o verbo latino *possum*, de onde veio o nosso verbo poder.

Dido é a senhora de Cartago, é ela que tem o poder de hospedar quem quer sob o solo da cidade; ao referir-se a Eneias como *hospes*: “*quis nouos hic nostris successit sedibus hospes*” (IV, 10) – “Quem é esse novo hóspede que entrou em nossas sedes”, Dido não só permite a estada do herói em terras cartaginesas, como também cria, através do uso da palavra, uma relação de hospitalidade entre a cidade e os troianos. Essa permissão tácita não foi fruto do acaso, inúmeras situações fazem com que Eneias seja encarado como um estrangeiro amigo, um hóspede; entre elas o fato de que as histórias da guerra entre gregos e troianos, das quais ele faz parte, já eram conhecidas por Dido. Em Cartago, no templo dedicado a Juno, as imagens da disputa estampavam quadros e forneciam não só uma esperança de salvação através da fama para o herói, que pôde ver-se entre os melhores dos Aqueus, mas também uma introdução de seu personagem (I, 453-58), que associada à paixão pela qual a rainha fenícia foi tomada (IV, 1-2) criaram-lhe uma imagem familiar. Além da familiaridade trazida pela notoriedade e dos sentimentos amorosos acesos em Dido, os relatos de Eneias sobre o excídio troiano, cuja extensão vai desde o primeiro até o terceiro Livro do poema, revelaram para a rainha uma semelhança entre o seu fado e o do herói: ambos deixaram a terra natal por condições adversas e partiram na tentativa de

edificar uma nova cidade. Essa similaridade entre os destinos dos personagens é percebida por Eneias, que vislumbrando Cartago profere tais palavras: “*O fortunati, quorum iam moenia surgunt!*” (I, 437) – “Ó afortunados, aqueles cujas muralhas já se erguem!”.

Mais que uma simples constatação da realidade, essas falas demonstram não só o desejo de Eneias em compartilhar da mesma sorte que Dido, que também fora introduzida a ele através de Vênus (I, 335-69), mas também a proximidade entre os fatos que moveram a vida desses personagens e que foram responsáveis por engendrar uma ideia amigável de Eneias para a fenícia, a qual, ciente de todas essas informações, o acolhe junto com os seus.

Essa relação de hospitalidade instaurada no verso 10, refletida nas falas de Dido, é novamente corroborada quando a rainha, em outro momento, se refere a Eneias, como *hospes*: “*Cui me moribundam deseris, hospes*” (IV, 323) – “Por que me abandonas moribunda, hóspede?”. As duas ocorrências do substantivo dentro do discurso direto de Dido revelam para nós uma perspectiva favorável da personagem frente ao troiano, que não é fruto do narrador tentando induzir-nos a acreditar em uma afinidade entre eles, mas sim do eu-lírico da própria personagem que dá mostras das emoções nos dizeres. O que está em evidência aqui é o ponto de vista da personagem Dido, não o do narrador, no caso.

Essa mesma perspectiva, que se mostrou positiva, mesmo quando a rainha pressentiu a partida próxima de Eneias e os boatos confirmaram a suspeita (IV, 296-330), modificou-se bruscamente quando Dido percebe a decisão resoluta de Eneias em partir em busca da Itália, logo após ele discorrer em sua defesa sobre sua saída imediata de Cartago, para o cumprimento dos destinos e das ordens divinas. É interessante perceber que o primeiro discurso direto de Eneias não rebate as falas de Dido, mas apresenta a piedade como argumento máximo para suas atitudes. Desde o Livro I até este Livro IV da *Eneida*, a *pietas* é a principal qualidade de Eneias; tanto é, que só após essas falas, a intervenção do narrador confere ao personagem a característica de *pious*: “*At pius Aeneas*” (IV, 393) – “E o piedoso Eneias”.

Para Dido, a disposição irrevogável do herói colocou-o em outro patamar, fazendo-o passar de hóspede para hostil: “*I, soror, atque hostem supplex adfare superbum*” (IV, 424) – “Ide, irmã e súplice dirige a fala ao soberbo inimigo”. É importante notar que as atitudes de Dido, ao quebrar a fidelidade ao marido morto, frente à forma com que Eneias, o piedoso, se apresenta e é apresentado são antagônicas. Seu discurso em resposta a Dido é inundado pelo sentimento da piedade; isso fica muito claro no verso 361: “*Italiam non sponte sequor*” – “ Não sigo para a Itália espontaneamente”.

Porém Eneias, mesmo piedoso aos deuses, é em Cartago um estrangeiro. Sob essa qualidade, não tem

acesso ao culto da cidade, nem pode sacrificar em nome das divindades locais, obviamente assim, ele não é benquisto por elas como um cidadão comum, cujo dever religioso lhes apetece. No entanto, Juno, protetora de Cartago, retém o troiano na cidade, afastando-o do Lácio e, conseqüentemente, impedindo-o de fundar as bases de Roma. Apesar do plano da Satúrnica atrasar a jornada de Eneias, ele foi extremamente positivo para o herói, pois se por um lado ratificou a caráter piedoso deste, já que cumpridor dos desígnios divinos ele atende ao pedido de Júpiter, transmitido por Mercúrio, e deixa Cartago prontamente; por outro, ajudou a burilá-lo, transformando-o merecedor dos reinos a serem conquistados.

Evidentemente, Dido não encarará a partida repentina de Eneias com a mesma perspectiva da *pietas*. O fato é que ela foi preterida por Roma, como as falas de Eneias demonstram: “*hic amor, haec patria est*” (IV, 347) – “este amor, é esta pátria”, justificando assim o seu ódio não só contra o troiano, autor da ação, mas contra todos os seus descendentes, que sabemos tratar-se dos romanos. O ato de Eneias, ao abandonar o conforto da cidade cartaginesa configurou aos olhos de Dido uma traição do que ela acreditava ser um casamento, mas não apenas uma aliança pessoal entre dois indivíduos, e sim uma junção política. Ao negar o laço marital com Dido, Eneias simultaneamente anula uma possível aliança com Cartago, justificativa usada por Anna para persuadir a

irmã a unir-se ao troiano (IV, 31-49), e assim fragiliza a cidade, deixando-a a mercê dos inimigos, que ironicamente é a futura Roma. Se Eneias ataca indiretamente Cartago negando Dido, personificação da cidade, ele deixa de ser vislumbrado como um amigo e sua presença torna-se um incômodo. No instante em que Eneias é um traidor, simultaneamente torna-se um inimigo público, um hostil. Obviamente o traidor da cidade é um inimigo público desta, um *hostis*.

Esse substantivo, cujo significado primevo era de estranho, estrangeiro, posteriormente assumiu uma nova acepção, inimigo. Em Latim, o mesmo significado, em sentido geral, é atribuído ao substantivo *inimicus*, porém, diferentemente deste, que é o inimigo íntimo, pessoal, *hostis* é o público, aquele contra quem se faz guerra. Exatamente por isso temos em português o substantivo *hoste*, cujo sinônimo é tropa, exército.

A acepção tardia dada a *hostis*, adversário de guerra, justifica o uso da palavra em referência a Eneias e a raça dele proveniente, porque se Dido o transformasse em um inimigo pessoal, *inimicus* (IV, 656), como o fez com o irmão, Pigmalião, os motivos poéticos não aludiriam à realidade dos fatos e Roma não se tornaria a principal adversária de Cartago. Se o léxico conduz-nos através da poesia à realidade factual, isso só ocorre devido ao antagonismo entre o hóspede e o inimigo sob a ótica de Dido, afinal, foi ofendida pela decisão do herói que ela se suicidou, dando continuidade ao futuro de Roma. Eis aí a

origem do ódio entre as duas cidades, Roma e Cartago. Ódio este que foi proferido como um vaticínio pela fenícia antes de entregar-se de fato ao fim fatídico. Em suas falas antes de morrer, Dido incita a aversão aos troianos e aos seus descendentes, alimentando a chama do rancor com a própria ossada, de onde sairá um vingador público, Aníbal. Suas falas soam como um grito de guerra convidando a população a partilhar do mesmo ideal vingativo e estimulando-a à disputa, não impensadamente, após o discurso profético do eu-lírico, nas sentenças de Dido, lembrando-nos da figura histórica de Aníbal, segue-se um corte na narrativa, em que a rainha chama uma personagem intitulada Barce – *tum breviter Barcen nutricem adfata Sychaei* (IV, 632) –, cuja justificativa da inserção na obra é para evocar as figuras que estiveram à frente das Guerras Púnicas (de 264 a.C. a 146 a.C.) do lado cartaginês. Não só Aníbal, como também todos os seus familiares eram conhecidos por Barceus, cognome de seu pai, Amílcar, líder africano da primeira Guerra Púnica (264 a.C. a 241 a.C.). Ao criar uma personagem com nome similar, incluindo até uma oração explicativa para seu uso, Virgílio não incorre no erro do anacronismo, mas simultaneamente sugere uma relação entre Dido e seus futuros descendentes vingadores.

Essa mesma relação de beligerância, que nasceu com *hostis* e que foi sancionada quando Dido declarou abertamente uma rivalidade contra a descendência troiana, é partilhada por Jarbas, rei dos Gétulos, que,

após saber da união dela com Eneias, encara o fato como um ataque à lei sagrada da hospitalidade, suplicando a Júpiter uma reparação. O direcionamento da prece a essa divindade ocorre porque ele é o deus protetor da hospitalidade (I, 731) dos suplicantes e da *fides* (Júpiter *Fidius*), sendo assim, a desafronta de uma ofensa feita aos atributos do deus seria provavelmente imediata. Ouvida a oração, Júpiter impinge uma punição que não recai sobre Eneias, chamado de Páris nas preces de Jarbas (IV, 215), comparação que confirma a ruptura dos laços de hospitalidades gerados, mas sobre Dido, cujo fim funesto é a autopunição contra a impiedade, quer seja ela contra a hospitalidade fornecida pelos africanos, quer contra as leis do Pudor.

Comparando Eneias a Páris, que, na *Ilíada*, ao unir-se a Helena, trazendo-a para Troia, quebra os laços de hospitalidade estabelecidos, Jarbas também divide a mesma perspectiva de Dido, quando esta chama Eneias de *hostis*. Para ele, o troiano não é um estrangeiro amigo, com quem se pode estabelecer laços de hospitalidade, mas um indesejado que se apropria da mulher alheia, tal qual Páris, um hostil, cuja única relação aceitável é a de hostilidade, a mesma que levou a Grécia a lutar contra Troia, e a que fará a África a principal rival de Roma.

Hostis comporta sutilmente a rivalidade instaurada por Cartago, através de Dido, contra Roma, representada por Eneias, que culminará, posteriormente, em uma disputa territorial pelo domínio do Mediterrâneo e só

terminará com a completa destruição da cidade cartaginesa, na terceira Guerra Púnica, quando Cartago, quebrando um pacto de paz, é devastada por Roma. Os motivos poéticos que engendraram Dido e a fizeram declarar guerra a um povo com o uso do léxico só têm sua razão de ser porque configuram mais glória à cidade vencedora, afinal, essa é uma das principais funções de um projeto político denominado *Eneida*.

O fato é que a morte de Dido foi a ruína de sua cidade, como podemos perceber nas palavras da rainha: “*moriemur inultae, sed moriamur*” (IV, 659-60) – “morreremos não vingadas, mas morramos”. Tanto os verbos, *moriemur* e *moriamur*, quanto o adjetivo que qualifica o sujeito, *inultae*, estão no plural. O *nós* em lugar do *eu* revela-nos uma fala coletiva; não é apenas Dido que morre, mas tudo o que ela representa, o solo cartaginês. A cena de seu suicídio seguida da partida de Eneias, tal qual um militar triunfante da batalha voltando para casa em sua esquadra, é a própria representação da destruição romana sobre Cartago. Poesia e realidade são tecidas em um romance cujo intuito foi dar lugar à discórdia entre cartagineses e romanos, e, dessa maneira, ratificar a soberania do povo romano, cujos alicerces são traçados em uma epopeia que visa sua exaltação. Uma glória que não remonta apenas tempos passados que fazem parte do compêndio de vitórias romanas, passadas através das gerações e recontadas por historiadores locais. A relação entre o troiano e a fênícia rememora um

passado recente na vida dos contemporâneos a Virgílio, porque foi também na figura de Eneias, especificamente neste Livro IV, que eles puderam ver a representação de Otávio Augusto. Assim como o troiano, que através da piedade combateu o despudor de Dido partindo de Cartago em prol do futuro romano, Augusto, ao vencer Marco Antônio e Cleópatra na batalha do Ácio (31 a.C.), guerreou contra a ilegalidade da união entre eles e finalizou um período de guerras estabelecendo a paz.

A história do romance entre Dido e Eneias reconta a própria história romana, em que o suicídio de Dido é uma indicação do fim que acomete todos os adversários de Roma: Suicídio. Assim como ela, também padeceram da mesma forma seu sucessor, Aníbal, e a rainha egípcia Cleópatra. Esta, assim como Dido, instaurou uma relação de hostilidade contra os romanos. Duas rainhas, ambas africanas, duas uniões ilegais e uma questão fundamental em comum: o destino de Roma. Destino esse que é assegurado graças às virtudes de Eneias e às de Augusto, cuja vitória sobre Marco Antônio estabeleceu paradigmas de uma soberania bélica e de uma conduta moral. *Pius Aeneas, Pius Otávio*. O mito encarnado na figura real combate a infidelidade de Cleópatra, pois foi para unir-se a ela que Marco Antônio abandonou seu casamento legal com Otávia, e delimita aquelas que serão as qualidades necessárias para a instituição da *Pax Romana* durante seu governo: *virtus, pietas* e confiança na palavra dada, *fides*. A *Eneida* do início ao fim está imersa por esses

sentimentos. Todavia, o que a literatura sugere e o vocabulário confirma é que não é Roma, ou o projeto futuro dela, que hostiliza outras cidades, mas sim que por elas é hostilizada. É na tentativa de salvação do lar, contra aqueles que declaram a pátria romana inimiga, que as guerras são levadas adiante e que a defesa é estabelecida; uma proteção das leis sagradas que são os códigos de conduta da sociedade e que a personagem Dido violou. Esta, que fez de um amigo um hostil, firmou, pela força da palavra pronunciada, uma relação que também foi sancionada pelo narrador em terceira pessoa: *“non aliter quam si immissis ruat **hostibus** omnis Karthago aut antiqua Tyros”* (IV, 669-70) – “não de outro modo que toda a Cartago, ou a antiga Tyro, rui desde que introduzidos os inimigos”. Se *hostis* antes era apenas o vocativo de Eneias, agora, na voz do narrador, ele é Roma, é a expressão da coletividade, é Eneias e os seus e todos os outros que virão, é a materialização da perspectiva de Dido sinalizando a relação de hostilidade e a forma que o povo romano assumiu após a morte da rainha. Uma palavra, que pela responsabilidade da ação, foi capaz de levar duas nações à guerra, que estabeleceu uma verdade e fez de Roma, na figura de seus representantes a defensora da moral e dos bons costumes e a senhora do mundo.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, Émile. "A hospitalidade". In: BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias**. Editora da Unicamp: Campinas, 1995 (1 vol.).

BOLCHAZY, Ladislaus J. **Hospitality in Antiquity**: Livy's concept of its humanizing force. Chicago: Ares Publishers, INC., 1977.

BONO, Paola; TESSITORE, M. Vittoria. **Il mito di Didone**: avventure di una regina tra secoli e culture. Milão: Bruno Mondadori, 1998.

COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Antoine. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**: histoire des mots. Paris : Klincksieck, 1951.

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. **A latin dictionary**: Founded on Andrews' Edition of Freund's Latin Dictionary. Revised, Enlarged, and in Great Part Rewritten by Charlton T. Lewis, Ph.D. and Charles Short, LL.D. Oxford. Clarendon Press. 1879.

LIVY. **Hannibal's war**: books twenty-one to thirty. Translated by J.C. Yardley. New York: Oxford University Press, 2006.

MARQUES JUNIOR, Milton. **Dicionário da Eneida - Livro I: Eneias na Líbia**. João Pessoa: Idea e Zarinha Centro de Cultura, 2010.

PINHEIRO, Cristina Santos. O percurso de Dido, rainha de Cartago, na literatura latina. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. Disponível em: <https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/bitstream/123456789/41/1/dido_rainha_de_cartago.pdf>. Acesso em: 4 maio de 2013.

VAAN, Michiel de. **Etymological Dictionary of Latin and other Italic Languages**. Leiden-Boston: Brill, 2008.

VERGILI. **Aeneidos**: liber quartus. Edited with a commentary by R.G. Austin. New York: Oxford University Press, 1988.

VERGÍLIO. **Eneida**; tradução de Tassilo Orpheu Spalding. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

VIRGILE. **Énéide**: livres I-IV; texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

Estrutura Narrativa do Livro IV da *Eneida*

Livro IV: O Amor Funesto de Dido e Eneias (705 versos)

1. Sinopse

Preso à fidelidade a Siqueu, o esposo morto, Dido reluta contra o amor que lhe inspira Eneias, confidenciando-o a sua irmã. Anna a estimula a unir-se ao herói Troiano, pois ela deve pensar que a união com Eneias seria favorável a Cartago, reino rodeado por hostilidades de toda a sorte. Juno, pensando em desviá-lo de seu destino, acena com um pacto a Vênus, para a união de Dido e Eneias. Vênus aceita, mas apenas para afastar do filho a perseguição de Juno. Os dois amantes, manipulados pelas deusas, unem-se em conúbio e Eneias passa a ajudar Dido na construção de Cartago. Júpiter, descontente e ouvindo as preces de Jarbas, envia Mercúrio para chamar Eneias à responsabilidade e continuar em busca da Hespéria, para cumprimento do destino. Partindo, Eneias leva Dido ao suicídio, não antes de ser amaldiçoado pela rainha, que suplica aos deuses pela inimizade perpétua das duas nações.

2. Núcleos Narrativos

– **Inquietação amorosa de Dido (Versos 1-30):** Dido, ferida de amor, vê-se sem descanso, tomada em seu íntimo por Eneias, confidenciando a Anna, sua irmã, a

inquietação amorosa que a invade. Reconhecendo os sinais do amor, ela reluta em ceder e amar Eneias. Para ter forças contra este novo amor, ela chama contra si a morte, no caso de violar as leis do Pudor, que a mantêm ligada ao seu primeiro marido, o falecido Siqueu.

– **Anna aconselha Dido a unir-se a Eneias (Versos 31-53):** Anna aconselha Dido a não rejeitar o amor de Eneias, como a rainha fez com antigos pretendentes em Tiro e com os atuais da Líbia. Vivendo numa região entre os guerreiros Getulos, os cavaleiros Númidas, as sirtes inospitais e o deserto, de onde vêm os Barceus furiosos, Dido ainda poderia enfrentar as ameaças do irmão, vindas de Tiro. Segundo Anna, os auspícios dos deuses é que levaram os navios de Ílion às terras de Cartago, propiciando uma união com as armas Troianas, para a glória Púnica. Dido deve sacrificar aos deuses, oferecer hospitalidade aos Troianos e encadear razões para Eneias demorar-se.

– **Dido esperançosa (Versos 54-67):** Inflamada pelas palavras da irmã, Dido enche-se de esperanças, que solvem o seu pudor. A rainha, então, sacrifica aos deuses e consulta as vísceras das vítimas para ler os presságios. Fora de si, ela não se dá conta de que o fogo do amor já vive no seu íntimo e devora suas entranhas.

– **Dido arde amorosa (Versos 68-89):** Ardendo de amor por Eneias, Dido vaga pela cidade. Ora levando o herói para ver as riquezas de Cartago, ora querendo

novamente ouvir as narrativas sobre a infelicidade de Troia. Quando finda o banquete, ela sente-se só e triste. O amor a toma de tal maneira que as obras de construção da cidade encontram-se suspensas.

– **Juno propõe um pacto a Vênus (Versos 90-104):** Juno, vendo Dido queimando de amor, propõe astutamente a Vênus um pacto eterno de paz pelo casamento da rainha com Eneias, conduzindo, assim os dois povos – Troianos e Tírios –, sob os iguais auspícios delas duas deusas.

– **Astúcia de Vênus (Versos 105-128):** Vênus, sentindo que Juno quer desviar o herói Troiano de seu destino, aparenta estar de acordo com a união de Dido e Eneias. Astutamente, ela diz temer que Zeus não concorde, cabendo a Juno cuidar disso. Juno toma para si a empresa de persuadir Zeus a aceitar a união, e traça os planos para o himeneu: saindo o casal, na manhã seguinte para uma caçada, ela fará desabar sobre eles uma tormenta, que os obrigará a se esconder em uma gruta, momento em que se dará o amor de ambos.

– **Troianos e Tírios se reúnem para a caçada (Versos 129-159):** Vinda a manhã, Troianos e Tírios se reúnem para a caçada. Dido aparece ricamente vestida, Eneias é descrito tão belo quanto Apolo, e Ascânio representa bem o ardor da juventude, desejando encontrar um javali espumante ou um leão feroz, em meio aos inofensivos cervos e cabras.

– **A Tempestade (Versos 160-172):** Juno desencadeia a tempestade e a comitiva se dispersa, enquanto Eneias e Dido se abrigam na mesma gruta. Juno e a Terra dão o sinal do conúbio entre ambos, causa primeira das infelicidades e da morte de Dido, que esconde sob o nome do casamento a sua culpa.

– **Fama difunde o amor de Eneias e Dido (Versos 173-197):** Fama, mal mais rápido que todos e monstro horrível, encarrega-se de difundir os amores de Eneias e Dido. A divindade espalha que os amantes, esquecidos de seus respectivos reinos, entregam-se totalmente aos prazeres, cativos de vergonhosa paixão. Assim, ela inflama de cólera o coração do rei Jarbas.

– **Prece de Jarbas a Júpiter (Versos 198-218):** Jarbas dirige, encolerizado, preces a Júpiter, reclamando o fato de ter sido preterido por Dido. A mulher que ele acolhera e a quem dera as suas leis preferira Eneias, mesmo tendo ele, Jarbas, consagrado ao deus cem templos, cem altares e numerosas vítimas em oferenda.

– **Júpiter envia Mercúrio a Cartago (Versos 219-258):** Ouvindo as preces do Getulo Jarbas, Júpiter envia Mercúrio a Cartago, para fazer Eneias retomar o caminho do mar, em direção às terras da Ausônia, onde regerà o grande destino de fazer com que o mundo se submeta às leis da Itália. Obedecendo às ordens do pai, Mercúrio desce para Cartago, de modo a instruir Eneias da decisão tomada por Júpiter.

– **Mercúrio recrimina Eneias (Versos 259-278):**

Mercúrio encontra Eneias ocupado em construir as fundações de Cartago, ricamente vestido com a púrpura Tíria, presente de Dido. O deus o recrimina por estar esquecido do seu reino e do seu destino, lembrando-lhe por ordem de Júpiter, que Ascânio é seu herdeiro do reino da Itália e das terras Romanas.

– **Eneias decide partir (Versos 279-295):** Depois de ouvir Mercúrio, Eneias se desdobra entre o horror de ter sido recriminado pelos deuses e a melhor maneira de comunicar à rainha a decisão de partir. Ele ordena que os companheiros preparem as naus enquanto ele busca o melhor meio de falar com Dido.

– **Queixas de Dido (Versos 296-330):** Dido descobre que Eneias está pronto para partir e, incendiada de amor, em delírio, qual uma bacante, ela erra pela cidade. Interpelando Eneias, ela o acusa de fugir e deixá-la à mercê da desonra, tendo contra si o ódio dos Líbios e a hostilidade dos Tírios. Nada lhe resta, senão ser morta por Pigmalião ou ser levada cativa por Jarbas. Eneias, queixa-se ela, não lhe deixa sequer um filho, o que amenizaria a sua solidão.

– **Eneias justifica-se a Dido (Versos 331-361):** Eneias justifica-se diante de Dido, afirmando-lhe não estar fugindo do compromisso, mas partindo para cumprimento do destino. Se fosse de sua vontade, primeiramente, ele teria ficado e defendido Troia do

inimigo. Pensando em Ascânio, pressionado pelo espírito do pai e tendo de cumprir a determinação dos deuses, ele deve partir em busca dos campos predestinados da Hespéria. Não é por sua vontade que ele deve perseguir a Itália.

– **Discurso inflamado de Dido contra Eneias (Versos 362-392):** Dido profere um discurso inflamado contra Eneias, realçando a alma dura do herói que ela acolheu, depois de jogado nas suas margens pela tempestade. Maldizendo Eneias, ela anuncia a sua própria morte, desaparece da frente do herói, a quem deixa com medo e hesitante, e desfalece sendo recolhida pelas servas.

– **Eneias busca os navios (Versos 393-407):** Ainda que queira consolar Dido, profundamente abalado pelo grande amor que sente por ela, Eneias vê-se compelido a executar as ordens dos deuses e vai em direção à frota, que se apresta para a partida.

– **Desespero de Dido (Versos 408-436):** Desesperada ao ver-se abandonada por Eneias, Dido recorre a Anna, na esperança de que a irmã convença o Troiano a dar-lhe apenas um pouco mais de amor, o tempo suficiente para que a fortuna vença a dor.

– **Eneias inflexível (Versos 437-449):** De nada adiantam os rogos de Dido. Eneias não os escuta, pois os destinos se opõem e um deus selou seus ouvidos. Eneias mantém-se firme na sua decisão.

– **Dido evoca a morte (Versos 450-473):** Espantada e infeliz com a decisão do destino, Dido evoca a morte e vê vários sinais fatídicos: a água sagrada enegrecer e o vinho verter-se em sangue. Além disso, ela parece ouvir o chamado do marido morto vir do templo a ele dedicado, em cujo cimo um corvo sempre cantava lugubrememente. Eneias procura expulsá-la do espírito, quando em sonhos a vê desgarrada, procurando os Tírios em meio ao deserto.

– **Dido engana a irmã, Anna (Versos 474-503):** Decidindo morrer, Dido engana a irmã. Dizendo ter consultado uma sacerdotisa Massília, ela pede a Anna que acenda uma fogueira no pátio do palácio, para que ela possa realizar um ritual, queimando as armas de Eneias, todas as coisas que ele conduzia e o leito conjugal. Só assim ela se livraria do herói ou traria de volta seu amor. Anna, sem desconfiar das intenções de Dido, cumpre suas ordens.

– **Dido prepara o rito de morte (Versos 504-521):** Dido prepara o rito de sua morte, ornamentando o pátio com guirlandas e coroando-o com folhagem funérea; em cima da pira, ela coloca as vestes, a espada e a imagem de Eneias; uma sacerdotisa evoca os deuses infernais; Dido purifica-se e chama alguma divindade que cuida dos amantes.

– **Inquietação de Dido (Versos 522-552):** Sem encontrar repouso, Dido angustia-se, pensando no que

poderia fazer: suplicar o casamento com os Nômades tantas vezes desdenhados; seguir os Troianos, aceitando suas ordens; unindo-se aos Troianos, decidir se iria só ou com os Tírios, obrigando-os a uma nova empresa através do mar. Ela conclui que melhor é morrer, por não ter sabido guardar a fidelidade prometida às cinzas de Siqueu.

– **Nova recriminação de Mercúrio a Eneias (Versos 553-583):** Tendo já terminado os preparativos para seguir em viagem, Eneias dorme e é visitado nos sonhos por Mercúrio que o recrimina, incitando-o a partir, enquanto é tempo, pois Dido, excitando a própria ira, não só planeja morrer, mas também intenta ardis contra ele. Impelido pela recriminação de Mercúrio, Eneias apressa os companheiros e abandona os litorais de Cartago.

– **Imprecações de Dido contra Eneias (Versos 584-606):** Vendo a frota de Eneias distanciar-se, Dido, batendo no próprio peito e arrancando os cabelos, impreca contra Eneias, querendo fazer-lhe guerra, matá-lo, dispersar seus pedaços sobre as ondas; matar Ascânio e servi-lo à mesa de Eneias. Se ela lhe tivesse dado a guerra, poderia ter exterminado toda a raça Troiana.

– **Evocação aos deuses e maldição a Eneias (Versos 607-629):** Evocando o Sol, Juno, Hécate e as Fúrias vingativas para que recebam suas preces, Dido amaldiçoa Eneias e suplica pelo exercício do ódio dos Tírios contra os Troianos e seus descendentes.

– **Dido prepara a própria morte (Versos 630-641):** Enganando Barce, a nutriz de Siqueu, Dido pede-lhe que ela vá chamar Anna, para dar cumprimento aos rituais de expiação, em honra a Júpiter Estígio.

– **Morte de Dido (Versos 642-671):** Tremendo, Dido sobe na pira e refletindo sobre as suas realizações acha que teria sido feliz se os Dardânios não tivessem chegado a seus litorais. Decidindo acabar com o seu sofrimento, mesmo sem vingar-se, Dido mata-se, usando a espada de Eneias. No seu entender, Eneias deve levar consigo as profecias de sua morte. A Fama se encarrega de difundir a notícia pela cidade. Os lamentos e gemidos são como se Cartago tivesse sido destruída pelo inimigo.

– **Desespero de Anna (Versos 672-692):** Ao ter conhecimento da morte da irmã, Anna se desespera, desejando ter morrido com ela. Recolhendo os últimos sopros do espírito de Dido, beijando-a e abraçando-a, Anna constata que a irmã ainda vive e por três vezes tenta levantar-se, procurando com os olhos errantes a luz do céu.

– **Piedade de Juno (Versos 693-705):** Vendo o sofrimento de Dido, Juno apiada-se da rainha e envia Íris para ajudá-la a libertar a alma dos liames do corpo. Tendo Dido morrido antes da hora para ela determinada, Prosérpina não havia ainda cortado seus cabelos louros, nem votado sua vida ao Orco Estígio. Íris é quem corta os cabelos de Dido, para que a sua vida se vá com os ventos.

Dicionário da Eneida, Livro IV
O Amor Funesto de Dido e Eneias
(705 versos)

A

África (*Africa*, v. 37): Uma referência ao norte da África, cujos chefes, juntamente com Jarbas, apesar de nutridos por essa terra com ricos triunfos, viram-se desprezados pelo amor de Dido. Aqui se impõe uma delimitação da África do Norte, entre o que seria, hoje, o território da Argélia e o Egito.

Agamemônio (*Agamemnonius*, v. 471): Descendente de Agamêmnon, no caso, Orestes, filho do Atrida.

Agatirsos (*Agathyrsi*, v. 146): Povos da Cítia, no norte da Ásia, chamados de “pintados Agatirsos” (*picti Agathyrsi*), que se reuniram em torno dos altares de Apolo, juntamente com Cretenses e Dríopes, quando da visita do deus a Delos.

Alpinos (*Alpini*, v. 442): Proveniente dos Alpes, cadeia rochosa que separa a Itália da França e da Suíça. Vide **Bóreas Alpinos**.

Altiva Cartago (*Karthaginis altae*, v. 265): É assim que Mercúrio chama Cartago, quando vê Eneias ajudando a erigir a cidade de Dido. Devido à importância e à força bélica de Cartago e de Roma, a comparação faz-se obrigatória com "altae... Romae", no Proêmio (verso 7) do Livro I da *Eneida*. Vide **Cartago**.

Amor (*Amor*, v. 412): Personificação do Amor, Cupido para os latinos e Eros para os gregos. É uma referência ao cruel amor que confrange o coração dos mortais (*improbe Amor, quid non mortalia pectora cogis!*).

Anna (*Anna*, v. 9; *Anna*, v. 20; *Anna*, v. 31; *Anna*, v. 416; *Anna*, v. 421; *Anna*, v. 500; *Annam*, v. 634): Irmã de Dido e sua confidente. Diante da angústia amorosa de Dido, presa à fidelidade de um marido morto, Anna aconselha a irmã a refletir sobre os perigos de uma rainha em uma terra hostil, cercada por inimigos e pelas sirtes do Mediterrâneo. Para Anna, foi sob os auspícios dos deuses e com os favores de Juno que os ventos empurraram os Troianos até Cartago. É preciso, pois, que Dido sacrifique aos deuses, dê hospedagem aos Troianos e retarde o máximo possível a saída dos seus hóspedes, sob qualquer pretexto. Cartago, diz Anna, será uma grande cidade se Dido casar-se com Eneias (*Quam tu urbem, soror, hanc cernes, quae surgere regna/coniugio tali!*, versos 47-48). As palavras de Anna inflamam o coração de Dido, dando-lhe esperança e livrando-a do pudor. Muito depois, quando Dido tem a notícia da partida de Eneias, ela pede a intervenção da irmã, de modo a impedir que isso aconteça. Tendo Dido decidido morrer, ela dá ordens a Anna de preparar um ritual para reter Eneias ou para livrar-se definitivamente do seu amor. Sem saber do que se passa na cabeça de Dido, Anna segue as suas ordens e prepara o funeral da própria irmã. A dor de Anna é

grande, ao ver a irmã moribunda e saber que foi por ela enganada. Anna gostaria de ter morrido junto com Dido. Ovídio se refere a um culto a *Anna Perenna*, nos Idos de março, em honra a Anna que, fugindo de Cartago, após a morte de Dido, chega náufraga ao Lácio, é acolhida por Eneias, mas sob os conselhos do fantasma da irmã, que lhe aparece, ela foge do palácio do herói, sendo raptada pelo rio Numício, para com ele viver sob as suas correntezas (*Fastos*, Livro III, versos 523-656).

Anquises (*Anchisae*, v. 351; *Anchisae*, v. 427): Pai de Eneias. A primeira referência a Anquises quem faz é Eneias, quando o herói diz a Dido que a imagem do pai apareceu-lhe cobrando o cumprimento do destino, por isso mesmo ele deve partir. A segunda referência é da própria Dido, quando ela pede a intervenção de Anna, de modo a evitar a partida de Eneias. Não tendo ela arrancado as cinzas ou os Manes de Anquises – entenda-se, não tendo ela cometido contra Eneias qualquer ação nefasta –, ele deveria ouvi-la e ficar em Cartago, em lugar de partir. Vide **Anquises**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Apolo (*Apollo*, v. 144; *Apollo*, v. 345; *Apollo*, v. 376): Deus arqueiro e deus da beleza, dentre tantas outras atribuições, Apolo Febo, o *brilhante*, serve de parâmetro de beleza a Eneias, quando o herói sai para caçar com Dido. Como deus da profecia, Apolo é chamado de *augur*, áugure. Dentro da *Eneida*, Apolo é quem guia Eneias na sua busca das terras Italianas, prometidas pela profecia, o

que fica mais claro com a alusão ao Apolo Grineus, pois os oráculos Lícios (*Lyciae...sortes*, verso 346) ordenaram ao herói buscar a Itália. Em Grínia, na Eólida, antigo Golfo Elaítikos, onde existia um templo seu, Apolo era cultuado como Grineus. Vide **Apolo** no Livro III da *Eneida*.

Apolo Águre (*augur Apollo*, v. 376): Vide **Apolo**.

Apolo Grineus (*Gryneus Apollo*, v. 345): Vide **Apolo**.

Aquilões (*Aquilonibus*, v. 310): Ventos do norte, relacionados ao grego Bóreas (Βόρεας), que sopram os ventos frios do inverno. Dido recrimina Eneias de estar preparando a sua frota para partir e abandoná-la, em meio aos Aquilões, isto é, em meio ao inverno. Vide **Bóreas Alpinos**.

Ascânio (*Ascanium*, v. 84; *Ascanius*, v. 156; *Ascanio*, v. 234; *Ascanium*, v. 274; *Ascanius*, v. 354; *Ascanium*, v. 602): Filho de Eneias e Creúsa, a quem Dido abraça e por quem se sente seduzida por causa da semelhança com o pai dele. Levado por Eneias para a caçada com Dido, Ascânio, no ardor de sua jovem idade (*puer Ascanius*), deseja enfrentar um javali espumante (*spumantem...aprum*, versos 158-159) ou um leão fulvo (*fuluum...leonem*, verso 159). Pelo fato de Eneias ser filho de Vênus, Ascânio é tratado como *Dardanius nepos Veneris*, o neto Dardânio de Vênus (verso 163). Quando Júpiter envia Mercúrio a Cartago, para chamar Eneias à

responsabilidade em busca de seu destino, o deus deve dizer ao herói que se ele esqueceu a glória que o espera, ele não pode privar Ascânio das altas muralhas de Roma. Mercúrio faz questão de frisar a Eneias que Ascânio está crescendo e surgindo para a glória de Roma – *Ascanium surgentem* (verso 274). Por isso, Eneias, em sua argumentação a Dido, diz não poder subtrair a Ascânio o reino de Hespéria e os campos a ele destinados. Já Dido, ferida pela partida de Eneias, refere-se a Ascânio, com o desejo de matá-lo e dá-lo a comer ao pai, tal é a sua ira. Vide **Ascânio**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Atlas (*Atlantis*, v. 247; *Atlantis*, v. 248; *Atlas*, v. 481): Atlas é o gigante de ânimo violento, filho do Titã Jápeto e irmão de Prometeu, condenado por Zeus a segurar a abóbada do vasto céu com as costas, nos confins do mundo ocidental (*Teogonia*, versos 507-520). Mercúrio, no seu voo até Cartago passa por Atlas e o vê no seu castigo. Virgílio o descreve, ao mesmo tempo, como uma montanha, cujos cimos estão coroados de pinheiros e de nuvens escuras, e como um velho de horrída barba gelada. Para Virgílio, que segue Hesíodo (*Teogonia*, verso 519), Atlas sustenta o céu com a cabeça – *caelum qui uertice fulcit*, verso 247. O poeta coloca o gigante Atlas (*maximus Atlas*), próximo aos Etíopes, numa alusão metafórica às terras longínquas, volvendo sobre o ombro a abóbada celeste provida de estrelas ardentes (*ubi*

maximus Atlas/axem umero torquet stellis ardentibus aptum, versos 481-482).

Áulis (*Aulide*, v. 426): Região na Grécia continental, ao norte da Beócia, separada de Cálcis, na Eubeia, pelo Estreito de Euripo, no Mar Euboico. A referência na *Eneida* é sobre a permanência dos Dânaos, em Áulis, antes da partida para Troia, impedidos por Ártemis, tendo em vista a ofensa de Agamêmnon à deusa, por ter-lhe matado uma corça sagrada (Vide *Ifigênia em Áulis*, de Eurípides).

Aurora (*Aurora*, v. 7; *Aurora*, v. 129; *Aurora*, v. 568; *Aurora*, v. 585): A Aurora é a deusa mais bela do Olimpo, que abre as portas do Céu com seus dedos cor de rosa – expressão recorrente em Homero –, levantando-se e deixando o Oceano (*Oceanum interea surgens Aurora reliquit*, verso 129).

Ausônia (*Ausoniam*, v. 236; *Ausonia*, v. 349): Antigo nome de uma parte da Itália. A raiz **ausos* é indo-europeia e significa Aurora (DELAMARRE, 1984), o que nos leva a crer que o termo primitivamente se referiria à Itália oriental.

Averno (*Auerni*, v. 512): Referência ao Lago Averno de florestas ressoantes, entrada para o mundo inferior, os Infernos. Quando Dido prepara os ritos de sua morte, além de evocar as forças subctônicas – Érebus, Caos,

Hécate –, ela esparge no ambiente líquidos que simulam vir das fontes do Averno. No Livro VI da *Eneida*, a referência ao Averno é mais completa.

Avô Materno (*materno...auo*, v. 258): Atlas, avô materno de Hermes ou Mercúrio. Atlas é pai de Maia, que se une a Zeus para dar à luz Hermes (Vide *Hinos Homéricos 4 e 18 a Hermes*).

Azinheira (*ilice*, v. 505): Árvore da família das fagáceas, cujo nome científico é *Quercus Ilex*. Trata-se de um tipo de carvalho cujos pedaços, cortados por Anna, compõem a pira funerária de Dido. Vide **Azinheira**, no Livro III da *Eneida*.

B

Baco (*Baccho*, v. 302): Deus de origem Tebana, filho de Zeus e Sêmele, mas nascido da coxa de Zeus. Baco é deus do vinho, em cujo culto aconteciam as orgias transportadoras de seus seguidores. Tomada pelo amor a Eneias, Dido delira (*bacchatur*, verso 301), errante e desgarrada pela cidade, sendo comparada a uma Thíade, nas orgias trietéricas. Vide **Orgias Trietéricas**.

Barce (*Barcen*, v. 632): Criada e nutriz de Siqueu, que Dido traz consigo, pois a sua ama havia morrido e ficado na pátria Fenícia.

Barceus (*Barcaei*, v. 43): Povos da cidade de Barce, província da Líbia, famosos pela sua fúria.

Belíssima Dido (*pulcherrima Dido*, v. 60): Epíteto de Dido, em exaltação da sua beleza e como contraponto ao seu estado angustiante, por causa do amor, que a leva a ser chamada de *infelix Dido* (*a infeliz Dido*). Vide **Infeliz Dido** e **Infeliz Fenícia**.

Bóreas Alpinos (*Alpini Boreae*, v. 442): A referência é ao vento norte que sopra dos Alpes, que separam a Itália da França e da Suíça. Virgílio compara a força da lamentação de Dido com o sopro dos ventos alpinos sobre um carvalho (*robur* ou *robor*, *roboris*, um tipo de

carvalho muito duro), que se mantém firme, altivo e de raízes bem fixas no solo. Isto é, Eneias não se dobra aos lamentos de Dido. Na descrição de Ovídio (*Metamorfoses*, Livro I, versos 64-65) Bóreas é o vento horrorizante (no sentido de eriçante), que invade a Cítia e os Sete Triões (= o Norte).

Bosques Crésios (*nemora...Cresia*, v. 70): Os bosques Cretenses. Dido, queimando de amor por Eneias, vaga pela cidade tal qual uma corça ferida erra pelos bosques Crésios.

C

Caduceu (*uirgam*, v. 242): O caduceu é a vara mágica de Mercúrio/Hermes, com que ele evoca as pálidas almas do Orco, conduz outras almas aos tristes Tártaros (*Tartara tristia*, verso 243) e com a qual ele dá e tira o sono, e desperta os olhos fechados pela morte. No texto, encontra-se, literalmente, *vara*. A origem do caduceu como vara mágica de Hermes encontra-se no *Hino Homérico 4 a Hermes* (versos 529-532), quando Apolo dá ao deus uma belíssima vara (περικαλλέα ῥάβδον, verso 529) de felicidade e riqueza, áurea, com três folhas, passível de realizar todas as boas decisões dos deuses (θεμοῦς, verso 531), por palavras e atos.

Campos Lavínios (*Lauinia...arua*, v. 236): Trata-se das terras a ser conquistadas por Eneias no Lácio, nas quais ele fundará o reino Lavínio, após derrotar Turno, rei dos Rútulos.

Caos (*Chaos*, v. 510): Na literatura grega, o Caos é uma das forças primordiais, juntamente com Gaia, Tártaro e Eros, de onde todas as coisas provêm (Vide Hesíodo, *Teogonia*). No mundo latino, tanto ele pode ser a massa confusa do princípio das coisas, quanto pode ser considerado como parte das forças infernais. No momento que antecede ao suicídio de Dido, o Caos é

evocado como uma das forças tenebrosas. Para a cosmogonia de Ovídio, o Caos é uma atmosfera espessa, uma massa escura, informe e confusa, peso inerte, em que se amontoam as sementes discordantes de coisas desconexas, anterior ao céu, ao mar e à terra. É preciso a intervenção de uma divindade, anterior ao princípio e fora do Caos, para promover a separação das terras em relação ao céu; das ondas em relação às terras, e pôr à parte o límpido céu com relação à atmosfera espessa, de modo a instaurar a paz concorde (*Metamorfoses*, Livro I, versos 5-25).

Cartago (*Karthaginis*, v. 97; *Karthagine*, v. 224; *Karthaginis*, v. 265; *Karthaginis*, v. 347; *Karthago*, v. 670): Cidade que Dido está construindo no norte da África, na Líbia de então, atual Tunísia. Por volta do século III a. C., Cartago se constituirá na principal rival de Roma, disputando o domínio do Mediterrâneo, até ser completamente arrasada, após o término da terceira Guerra Púnica (146 a. C.). Com a morte de Dido, o barulho de sua difusão é tal que parece que Cartago ou Tiro estão sendo destruídas. Vide **Cartago**, no Livro I da *Eneida*.

Cartago Tíria (*Tyria Karthagine*, v. 224): Referência a Cartago, fundada por colonos Tírios. Vide **Cartago**.

Carvalho (*quercum*, v. 441): Eneias, por não ouvir as lamentações de Dido, que derrama inutilmente suas

lágrimas, é comparado ao roble (*Quercus robur* ou *Quercus sessiliflora*), um tipo de carvalho muito duro.

Cáucaso (*Caucasus*, v. 367): Cadeia de montanhas na Ásia, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, o Cáucaso se encontra acima da atual Armênia. Virgílio chama de “o Cáucaso que se eriça com seus duros rochedos”.

Cavaleiros Massílios (*Massyli...equites*, v. 132): Corpo de cavaleiros formado pelos Massílios, povos da Numídia, na África do Norte. Vide **Massílios**.

Ceres (*Cereri*, v. 58): Vide **Ceres Legífera**.

Ceres Legífera (*legiferae Cereri*, v. 58): Deusa da Agricultura, Deméter para os Gregos. De acordo com a tradição, Ceres não só tinha ensinado aos homens a arte do cultivo dos campos, mas também instituiu o casamento, daí *Ceres Legífera* (Vide nota 1, p. 101, da edição da Les Belles Lettres, preparada por Henri Goelzer e traduzida por André Bellessort). Depois que Anna consegue inflamar ainda mais o coração de Dido com o amor de Eneias, as duas irmãs vão sacrificar aos deuses e consultar os augúrios. Dentre os sacrifícios oferecidos, encontram-se ovelhas de dois anos (*bidentis*, verso 57), mortas em honra a Ceres Legífera. Vide **Ceres**, no Livro I da *Eneida*.

Chefe Dardânio (*Dardanium ducem*, v. 224): Um dos epítetos de Eneias.

Chefe Troiano (*dux...Troianus*, v. 124; *dux...Troianus*, v. 165): Um dos epítetos de Eneias. Observe-se que nas duas passagens, a única diferença consiste no tempo verbal: “*speluncam Dido dux et Troianus eandem deuenient* (verso 124)./*Speluncam Dido dux et Troianus eandem deueniunt* (verso 165)”.

Cidade Líbica (*Libycae...urbis*, v. 348): Dido erige Cartago na Líbia de então, daí a referência de Eneias ao reino que ela constrói como *cidade Líbica*.

Cidade Preclara (*Vrbem praeclaram*, v. 655): Abandonada por Eneias, Dido elenca as suas realizações, dentre elas a construção de Cartago, uma cidade preclara.

Cidade Sidônia (*Sidonia...urbe*, v. 545): Referência a Sidon, na Fenícia, de onde parte Dido para Cartago.

Cidade Troiana (*urbem Troianam*, v. 342): Vide **Troia**.

Cidadelas de Cartago (*Karthaginis arces*, v. 347): Fortalezas para a proteção de Cartago, construídas por Dido. Eneias argumenta com Dido, com relação ao cumprimento de seu destino. Se Dido se ocupa da construção de sua cidade e das fortalezas de Cartago, ela

não poderia querer proibir os Troianos de instalar a cidade deles nas terras de Ausônia.

Cidadelas Romanas (*Romanas...arces*, v. 234): Júpiter, ao enviar Mercúrio para chamar Eneias à responsabilidade, pelo fato de o herói estar envolvido com a construção de Cartago, negligenciando seu destino, faz referência às cidadelas Romanas, que não deveriam ser negadas a Ascânio pelo pai.

Cidades da Getúlia (*Gaetulae urbes*, v. 40): Vide **Getúlia**.

Cilênia, Cilênio (*Cyllenius*, v. 252; *Cyllenia*, v. 258; *Cyllenius*, v. 276): No contexto do Livro IV, os termos são epítetos de Mercúrio, numa referência ao monte Cileno, na Arcádia, onde o deus nasceu (Vide os *Hinos Homéricos 4 e 18 a Hermes*). Vide **Mercúrio**.

Cintos (*Cynthi*, v. 147): Montanha da Ilha de Delos, onde Leto pariu Apolo (*Hino Homérico 3 a Apolo*, versos, 17, 25-26 e 141). Comparando a beleza de Eneias à beleza de Apolo caminhando sobre os cumes do Cintos, Virgílio praticamente repete o verso 141 do já referido *Hino Homérico*, mostrando Apolo andando sobre o Cintos rochoso.

Citereia (*Cytherea*, v. 128): Epíteto de Vênus, por ter aportado, após o seu nascimento, na Ilha de Citera, no

Mar Egeu (*Teogonia*, versos 192 e 195-198). No Livro IV, verso 128, é o narrador-poeta quem a nomeia assim. Netuno a ela se dirige dizendo que ela faz bem em confiar em seu reino, de onde ela tira sua origem, numa alusão ao seu nascimento das espumas do mar. Vide **Citereia**, nos Livros I e IV da *Eneida*.

Citéron (*Cithaeron*, v. 303): Monte na Beócia, consagrado a Baco, palco das orgias das bacantes, as Thíades (Vide *As Bacantes*, de Eurípides, versos 660 e ss.).

Clâmide Sidônia (*Sidoniam...Chlamydem*, v. 137): Vestes de Dido, quando vai para a caça com Eneias.

Coios (*Coeo*, v. 179): Titã, filho da Terra e de Urano, dado por Virgílio como irmão de Fama, por parte da mãe.

Colonos Dardânios (*Dardanios...colonos*, v. 626): Os Troianos que, junto com Eneias, se encontravam em Cartago.

Companheiros Frígios (*Phrygii comites*, v. 140): Troianos que devem acompanhar Dido na caçada.

Companheiros Tírios (*Tyrii comites*, v. 162): Os Tírios que acompanham Dido à caçada.

Consagrado dos Deuses (*Sancte deorum*, v. 576): Um dos epítetos de Mercúrio. É assim que Eneias se dirige ao deus, obedecendo a suas determinações de partir e

pedindo-lhe proteção e as estrelas como guia. *Sanctus*, para a religião arcaica romana, tem tanto o sentido de interdito, de proibido, de aquilo que não se pode tocar, sob pena de receber uma punição, quanto o de santo, sagrado, augusto e consagrado.

Crésios (*Cresia*, v. 70): Relativo a Creta. No caso, os bosques cretenses (*nemora...Cresia*, verso 70). Vide **Bosques Crésios**.

Cretenses (*Cretes*, v. 146): Oriundos da ilha de Creta. Referência à instituição dos coros por Apolo, que juntam Cretenses, Dríopes e Agatirsos, em torno de seus altares, quando o deus visita Delos.

D

Dânaos (*Danais*, v. 425): Trata-se dos Gregos, nome proveniente de Dânaos, que emigra da África do norte para o Peloponeso com suas filhas, as Danaides, fugindo do irmão Aegyptus ou Egito. Dânaos é tido como um dos ancestrais dos Gregos, de cujo ramo virá Hércules (Vide *As Suplicantes* e *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo). Vide **Dânaos**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Dardânio, Dardânios (*Dardanius*, v. 163; *Dardanium*, v. 224; *Dardanios*, v. 626; *Dardanii*, v. 640; *Dardanium*, v. 647; *Dardaniae*, v. 658): Referente aos Troianos por serem descendentes de Dárdanos, filho de Zeus. Vide **Dardânios**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Dárdanos (*Dardanus*, v. 365; *Dardanus*, v. 662): Ancestral dos Troianos, filho de Zeus. Dido, magoada, responde a Eneias dizendo que Dárdanos não é o pai da raça dos Troianos, mas o Cáucaso que se eriça com seus duros rochedos é que o havia engendrado, e os tigres da Hircânia o amamentaram. O termo também pode ser tomado adjetivamente, designando o Troiano em geral, ou substantivamente para referir-se a Eneias. É assim que Dido chama o herói de *Dárdanos cruel* (*crudelis...Dardanus*, versos 661-662). Vide **Dárdanos** no Livro III da *Eneida*.

Dárdanos Cruel (*crudelis...Dardanus*, v. 661-662): Epíteto atribuído a Eneias por Dido, em seu sofrimento amoroso, à hora da morte. Vide **Eneias**.

Delos (*Delum*, v. 144): Ilha de Delos, uma das Cíclades, no Mar Egeu, onde Apolo nasceu. Vide **Delos**, no Livro III da *Eneida*.

Deuses Pátrios (*patrios...deos*, v. 680-681): Anna lamenta ter sido enganada por Dido e ajudado a preparar a sua morte, evocando os deuses pátrios, os Penates.

Divindade (*Deus*, v. 574): Referência a Mercúrio, que recrimina Eneias por estar dormindo, quando deveria já ter partido em busca da Itália. Eneias, espantado com a visão e com a recriminação, acorda os companheiros, dizendo-lhes que uma divindade enviada do alto éter os apressa a partir. Vide **Mercúrio**.

Diana (*Dianae*, v. 511): Ártemis, na tradição grega, filha de Zeus e de Leto. Irmã de Apolo, deusa da caça e dos bosques, Diana também preside as feras. Homero a chama de *Ártemis agreste* (ou caçadora), *senhora das feras* (πότνια θηρῶν, Ἄρτεμις ἄγροτέρη, *Ilíada*, Canto XXI, versos 470-471). Nas tradições grega e latina, Ártemis ou Diana é sempre associada a Hécate, divindade do mundo sombrio e lunar. Virgílio, associando-a à tripla Hécate, a chama de *as três faces da virgem Diana – tria uirginis ora Dianae*.

Dicteus (*Dictaeos*, v. 73): Referência metonímica à ilha de Creta, onde se situa o monte Dicte, a noroeste da ilha, e onde existia um culto ao *Zeus Dicteu*. A passagem se refere aos pastos Dicteus (*saltus...Dictaeos*, versos 72-73). Vide **Dicteus**, no Livro III da *Eneida*.

Dido (*Dido*, v. 60; *Dido*, v. 68; *Dido*, v. 101; *Dido*, v. 117; *Dido*, v. 124; *Dido*, v. 165; *Dido*, v. 171; *Dido*, v. 192; *Dido*, v. 263; *Dido*, v. 291; *Dido*, v. 308; *Dido*, v. 383; *Dido*, v. 408; *Dido*, v. 450; *Dido*, v. 596; *Dido*, 642): Dido fala de sua angústia amorosa para a irmã Anna. Ardendo de amores por Eneias, mas presa à fidelidade ao marido morto, Dido se inquieta e chama a maldição dos deuses, no caso de ela mesma violar as leis de Pudor. Sua irmã a aconselha ao casamento com Eneias como uma forma de fugir às ameaças dos vizinhos, da região e do próprio irmão, Pigmalião. Por outro lado, a união com Eneias levaria Cartago a uma alta glória. Dido, inflamando o ânimo com o amor (*animum inflammauit amore*, verso 54), faz sacrifícios aos deuses, principalmente a Juno, que cuida dos vínculos conjugais (*Iunoni... cui uincla iugalia curae*, verso 59). Embora cumpra todos os ritos – imolação de ovelhas, derramamento de vinho sobre os cornos de uma novilha branca; diante da imagem dos deuses, contorna, com um passo grave, os altares fecundos (*pinguis...aras*, verso 62), ela se questiona sobre a utilidade dos sacrifícios para quem está delirante de amor (*furentem*, verso 65), tendo a chama do amor devorando sua medula (*est mollis flamma medullas*, verso

66). A infeliz Dido queima de amor e erra em delírio por toda a cidade (*Vritur infelix Dido totaque uagatur/urbe furens*, versos 68-69), ora levando Eneias para ver as riquezas da cidade, ora pedindo-lhe para que narre, mais uma vez, a ruína de Troia; ora deita-se no leito em que ele esteve, ora abraça Ascânio, seduzida pela sua semelhança com o pai, tentando enganar o amor cruel, horrível (*infandum si fallere possit amorem*, verso 85). O fato é que o amor a Eneias paralisa Dido. A construção da cidade e de suas defesas está parada. Nem os jovens se exercitam mais – *non arma iuuentus/exercet*, versos 86-87). O clímax amoroso de Dido se reflete no verso 101: *ardet amans Dido traxitque per ossa furorem* – *A amante Dido arde e arrastou o furor pelos ossos*. Juno planeja que Dido, a misérrima Dido (*miserrima Dido*, verso 117), se entregue amorosa a Eneias numa caverna em que os dois se abrigarão da tempestade enviada por ela, para afastar os amantes dos seus companheiros de caça. Indo para a caçada, Dido e Eneias são surpreendidos pela tempestade que os faz buscar abrigo em uma gruta. Aqui se dá o início da morte de Dido, conforme diz Virgílio – *Ille dies primus leti primusque malorum/causa fuit* – *Aquele foi o primeiro dia de seus males e o primeiro como causa de sua morte*, versos 169-170. Dido já não prepara um amor furtivo, mas um casamento, nome que usa como pretexto para amenizar a culpa. A Fama, de modo distorcido, anunciando igualmente o que é mentira e o que é verdade, se encarrega de espalhar os amores de Dido

com Eneias, o que vai inflamar a cólera do rei Jarbas. Dido, apaixonada por Eneias, entrega ao herói a tarefa de terminar a edificação de Cartago. Quando o herói vê-se obrigado pelos deuses a partir, começa, então, o sofrimento de Dido, tomada de amor por Eneias e completamente fora de si. Ela é, ao mesmo tempo, uma rainha em delírio (*reginam...furentem*, verso 283) e é Dido excelente, perfeita (*optima Dido*, verso 291), a quem Eneias espera a ocasião propícia (*mollissima fandi tempora*, versos 293-294) e o modo certo (*dexter modus*, verso 294) para falar de sua partida. A Fama impiedosa, tendo revelado a Dido os preparativos da partida do amante, leva-a a percorrer a cidade, em delírio, inflamada por Baco (*bacchatur*, verso 301. Este verbo *bacchor*, *-aris*, *-ari*, *-atus sum*, que significa gritar, estar agitado como as bacantes, estar inspirado por Baco, será mais uma vez utilizado neste Livro IV, no verso 666, quando a Fama ímpia grita furiosa pela cidade agitada), como uma Thíade sacudida pelos movimentos sagrados (*qualis commotis excita sacris/Thyias*, versos 301-302). Interpelando Eneias sobre a sua perfídia e sobre a ruptura dos laços amorosos com ela, sem consultá-la, Dido roga ao herói, pelas suas lágrimas, deixar de lado seu intento de partir. Ela o faz ver o sacrifício que fizera por ele, afrontando a raiva dos povos Líbios, dos Númidas e a hostilidade dos próprios Tírios, afogando mesmo o seu pudor. Na sua invectiva contra Eneias, Dido prevê que o abandono, a que ela será entregue, coloca-la-á nas mãos de seu irmão Pigmalião ou

nas de Jarbas. Se ao menos Eneias lhe tivesse dado um filho, diz, ela não se veria cativa e abandonada. É o momento em que Dido acusa Eneias de pérfido, de ter quebrado a confiança, e diz que a confiança não está segura em lugar nenhum – *nusquam tuta fides* (verso 373). Dido pede a intervenção de sua irmã Anna, para tentar demover Eneias de partir, ou pelo menos esperar bons ventos e bom tempo, de modo que ela aprenda a saber sofrer. Sem ter ofendido Eneias ou os deuses, Dido acredita que não merece ser abandonada. Diante da partida peremptória do herói Troiano, ela se desespera e se vê em sonho rejeitada por Eneias, caminhando pelo deserto à procura dos Tírios. Ela se compara a Pentheu, em delírio, vendo aparecer a tropa de Eumênides, e a Orestes, perseguido pelas fúrias infernais, após a morte da mãe (referências aos textos de Eurípides, *As Bacantes* e *Ifigênia em Táuris*, respectivamente). Decidida a morrer, Dido engana a irmã, Anna, dizendo-lhe que descobriu um jeito de trazer Eneias de volta ou de se livrar para sempre do seu amor. Afirmando estar seguindo os conselhos de uma sacerdotisa Massília, Dido pede a irmã para preparar uma pira em segredo e sobre ela colocar as armas deixadas por Eneias na sua cama, pois ela quer abolir todos os vestígios do herói, que ela chama de ímpio (verso 496) e de varão nefando (*abolere nefandi/cuncta uiri monumenta iuuat monstratque sacerdos*, versos 497-498). Anna acredita no que Dido lhe diz e prepara a morte de sua própria irmã. No seu

abandono, prestes a se matar, Dido lamenta ter dado ouvidos a Anna, sua irmã, e, desse modo, ter quebrado a promessa de fidelidade às cinzas de Siqueu, seu marido. Ao raiar da Aurora, vendo os navios de Eneias se fazendo ao largo, Dido bate no peito e arranca os cabelos, lamentando-se em um dos monólogos mais famosos e mais virulentos da literatura (versos 590-629). É nesse instante em que ela expõe, a um só tempo, a sua dor e a sua raiva contra Eneias e seus descendentes. E, mais uma vez, ela é a infeliz Dido (*infelix Dido*, verso 596) e as realizações de Eneias são impiedades que a atingem (*facta impia*, verso 596). Atacando a piedade de Eneias, em que ela não acredita, Dido deseja matá-lo e destroçar seus membros, matar seus companheiros, matar Ascânio e dá-lo a comer a Eneias, num rancor que lembra a ação de Atreu, com relação ao irmão Tiestes; Dido desejaria ter exterminado toda a raça de Eneias, como não pôde, ela evoca as divindades súperas e íferas, Sol, Juno, Hécate e as Fúrias vingadoras para não dar tranquilidade a Eneias, para fazê-lo morrer antes do tempo e seu cadáver permanecer insepulto. Além disso, ela deseja que os seus descendentes sejam sempre inimigos dos descendentes de Eneias e que um deles, proveniente de sua linhagem, leve a guerra aos romanos, numa antecipação das Guerras Púnicas (*Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor/qui face Dardanios ferroque sequare colonos,/nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires./Litora litoribus contraria, fluctibus undas/imprecor, arma armis; pugnent*

ipsique nepotesque – versos 625-629). Eneias é visto como *infandum caput* (verso 613), alguém cujo nome não se pronuncia. Em seus últimos momentos, Dido acredita que cumpriu com o seu destino – fundou uma cidade ilustre, viu as suas muralhas, vingou o marido e puniu o irmão –, apenas não foi feliz, por causa da chegada de Eneias e dos Troianos. Antes de matar-se com a espada que ganhara de presente de Eneias, ela impreca contra o herói, o cruel Dárdanos (*crudelis Dardanus*, versos 661-662), que levará consigo, por alto mar, os maus presságios de sua morte. Suas últimas palavras são: “*Morreremos não vingadas, mas morramos*” – *moriemur inultae, sed moriamur*, versos 659-660. Ferida de morte, ouvindo o lamento da irmã, Dido ainda tenta levantar-se três vezes e três vezes cai no leito, buscando a luz do céu, antes de morrer. Ovídio, nos *Fastos*, se refere à morte de Dido (Livro III, versos 545-550) e à sua visão por Eneias nos Infernos (Livro III, versos 619-620).

Dite (*Diti*, v. 702): Deus dos infernos, Hades para os Gregos. Dite, cujo nome significa opulento, rico, também é conhecido como Plutão. Íris, a mensageira dos deuses, enviada por Juno, para abreviar o sofrimento da suicida Dido, corta os cabelos da rainha, que pertencem a Dite, e assim liberta sua alma do corpo.

Dotes Tírios (*dotalis...Tyrios*, v. 104): Presentes que Dido daria a Eneias, como dote pelo casamento.

Dríopes (*Dryopes*, v. 146): Os Dríopes eram descendentes de Apolo, habitando a região do Parnaso, de onde foram expulsos pelos Dóricos e se dispersaram, pela Grécia. Gaffiot dá os Dríopes como habitantes do Épiro; Bailly, como povo Pelásgico, habitando próximo do Eta, na Tessália. Na passagem da *Eneida*, os Dríopes são referidos como participantes do culto de Apolo, em Delos, reunidos em torno do altar do deus, com outros povos.

E

Elissa (*Elissae*, v. 335; *Elissae*, v. 610): Elissa ou Alissa era o nome Tírio de Dido. Na sua fúria contra Eneias, Dido evoca as divindades superiores e infernais para a perseguição ao herói e aos seus. Nesse momento, ela evoca genericamente os deuses da moribunda Elissa (*et di morientis Elissae*). Vide **Dido**.

Encélado (*Encelado*, v. 179): Gigante, dado por Virgílio como filho da Terra e irmão de Fama. Ele já aparece no Livro III da *Eneida* (verso 578), aprisionado por Júpiter sob o Etna, na Sicília. No *Íon*, de Eurípides, o Coro mostra no frontispício do templo de Apolo em Delfos, uma representação da Gigantomaquia, em que Palas Atena, ajudada pela Égide, combate e vence Encélado, enquanto Zeus fulmina Mimas (versos 205-215). O mito de Encélado está relacionado com a Gigantomaquia, narrativa de que não chegaram senão fragmentos e os escólios de Apolodoro (Livro I, 6, 2).

Eneias (*Aenean*, v. 74; *Aeneas*, v. 117; *Aeneas*, v. 142; *Aeneas*, v. 150; *Aenean*, v. 191; *Aenean*, v. 214; *Aenean*, v. 260; *Aeneas*, v. 279; *Aenean*, v. 304; *Aeneas*, v. 329; *Aeneas*, v. 393; *Aeneas*, v. 466; *Aeneas*, v. 554; *Aeneas*, v. 571): Eneias é conduzido por Dido, amorosa, pela cidade, mostrando-lhe orgulhosa as riquezas de Cartago. Dentre todos os que acompanham Dido à caçada, o herói é o

mais belo (*Ipse ante alios pulcherrimus omnis*, verso 141), parecendo Apolo deixando o inverno da Lícia e surgindo das águas do Xanto, indo rever as águas maternais de Delos, e andando sobre os cumes do Cinto, a cabeleira ondulante, cingida de um diadema de ouro, com as flechas fazendo barulho nas suas espáduas. Acompanhando Dido à caçada, Eneias se refugia na gruta com a rainha, por causa da tempestade que se abate sobre eles, enviada por Juno. A Fama, de modo distorcido, se encarrega de espalhar os seus amores com Dido. Tendo Jarbas imprecado contra Júpiter e reclamado contra Eneias, o deus envia Mercúrio para chamá-lo à responsabilidade. Mercúrio encontra o herói edificando Cartago, vestido com uma túnica púrpura Tíria, presente de Dido. Diante da aparição de Mercúrio, o herói perde a fala e seus cabelos se eriçam de medo (metade deste verso 280 - *comae et uox faucibus haesit* – é a repetição do verso 774 do Livro II e do verso 48 do Livro III). Em seguida, arde por deixar Cartago, de modo a cumprir as ordens dos deuses. Ele não sabe, no entanto, como se dirigir a Dido e contar-lhe sobre a sua partida. Tendo reunido os companheiros – Mnesteu, Sergesto e Seresto – e lhes ordenado armar a frota em segredo para a partida, Eneias tentará achar a melhor oportunidade e a melhor maneira de se aproximar de Dido e contar-lhe a decisão dos deuses. Dido lamenta a sua partida, que ela entende como uma fuga. Eneias responde-lhe reconhecendo a ajuda que ela lhe deu, mas dizendo-lhe

que se o destino o tivesse deixado fazer as coisas de acordo com sua vontade, ele estaria em Troia, honrando os seus mortos, reconstruindo o palácio de Príamo e fazendo surgir de suas mãos uma nova Pérgamo. São os oráculos de Apolo que guiam Eneias à Itália. Lá, estão o seu amor e a sua pátria (*hic amor, haec patria est*, verso 347). Diante da decisão de Eneias de partir, Dido o considera cruel (*ferus Aeneas*, verso 466); ímpio (*impius*, verso 496) e nefando (*uiri nefandi*, verso 497). Novamente advertido por Mercúrio, Eneias, então, acorda os companheiros e parte, seguindo os conselhos do deus e pedindo-lhe proteção. Para Dido, Eneias é *infandum caput*, uma pessoa, um indivíduo cujo nome não se pronuncia (verso 613). Mesmo pressionado e amaldiçoado por Dido, o herói parte em obediência aos fados.

Érebo (*Erebo*, v. 26; *Erebum*, v. 510): O Érebo são as sombras mais escuras e mais espessas dos Infernos. Quando descobre o amor por Eneias, Dido diz preferir que Júpiter a precipite com seu raio nas sombras, nas pálidas sombras no Érebo (*pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras, / pallentis umbras Erebo*, versos 25-26), a violar os votos de Pudor. No momento que antecede o seu suicídio, a sacerdotisa, em volta dos altares, evoca os cem deuses, o Érebo, o Caos, Hécate e Diana. Na *Teogonia*, Érebo é filho de Caos e irmão da

Noite, com quem se une para gerar Éter e Dia (versos 123-125).

Estígio (*Stygio*, v. 638; *Stygio*, v. 699): Referente aos Estiges, um dos rios dos infernos, por cujas águas deuses e homens devem fazer o grande juramento, o juramento inquebrantável. Vide **Jove Estígio** e **Orco Estígio**.

Etíopes (*Aethiopum*, v. 481): Referência aos povos que viviam nas extremidades do mundo mítico de então. Não confundir com a atual Etiópia, país da África Oriental, próximo ao Mar da Eritreia. No trecho, Virgílio coloca os Etíopes próximos à Hespéria, que são as terras ocidentais.

Eumênides (*Eumenidum*, v. 469): Nome que as Fúrias Infernais ou Erínias recebem como antífrase. Sendo as Erínias (Alecto, Tisífone e Megera) as divindades que, nascidas do sangue de Urano, tinham a atribuição de perseguir todos os que cometeram um crime de morte dentro do círculo em que habitam, era costume chamá-las com o nome de *Eumênides* – *as Benevolentes* – como uma forma de agradá-las e afastá-las de si. Virgílio, ao que tudo indica, em lugar de Mênades, usa Eumênides, numa confusão de termos, pois no trecho da *Eneida*, o contexto diz respeito a Penteu, rei de Tebas, descendente de Cadmos, estraçalhado pelas Mênades (*Maenas*, *Maenadis*), dentre elas a sua própria mãe Ágave (Vide *Bacantes*, de Eurípidés), não pelas tropas de Eumênides (*Eumenidum...agmina*, verso 469), como evoca Dido. Por

outro lado, é interessante observar o uso do verbo *bacchor* (*bacchatur*, versos 301 e 666), que mostra ora Dido como uma Tíade em delírio furioso pela cidade, ora a fama que agita toda a cidade com seus gritos furiosos. Vide **Dido, Fama, Fúrias Vingadoras e Penteu**.

F

Fados (*fata*, v. 440): Os destinos. Eneias tem um destino a cumprir e não deve se desviar dele. Por isto mesmo, os destinos impedem que ele ouça as lamentações de Dido, ao mesmo tempo em que um deus obstrui os seus ouvidos – *fata obstant placidasque uiri deus obstruit auris* (verso 440).

Fama (*Fama*, v. 173; *Fama*, v. 174; *Fama*, v. 298; *fama*, v. 323; *Fama*, v. 666): Mito difundido por Virgílio, para quem essa divindade seria filha da Terra, última irmã de Coios e Encélados. O retrato mostra Fama percorrendo as grandes cidades Líbias, mais rápido que qualquer calamidade, e quanto mais ela caminha, mais adquire força; de início, humilde e medrosa, subitamente eleva a si mesma às alturas; caminha pelo solo e esconde a cabeça entre as nuvens. Monstro horrendo e enorme, com pés prontos e asas rápidas, tantas são as plumas no seu corpo, quantos são seus olhos vigilantes, tantas línguas, bocas sonantes e orelhas em pé, Fama voa durante a noite, pelo céu e pela terra, nas sombras, sempre estridente, para que o doce sono não a faça dormir; aterrando as cidades, ela é tenaz mensageira tanto da verdade, quanto da mentira e do disforme. Enchendo os povos de múltiplas palavras, Fama se rejubilava igualmente em dizer o que acontecera e o que

não acontecera. Núncia obstinada tanto da mentira defeituosa, quanto da verdade (*tam ficti prauique tenax quam nuntia ueri*, verso 188), ela espalha que, com a chegada de Eneias, Dido não demora a unir-se ao herói Troiano, inflamando, assim, a cólera do rei Jarbas, um dos pretendentes da rainha. A mesma Fama impiedosa (*impia Fama*, verso 298) se encarrega de disseminar a partida de Eneias e inflamar ainda mais o espírito de Dido. Se ela tivesse sido fiel ao seu juramento ao marido morto, Fama, diz Dido, a elevaria aos astros. No momento de sua morte, a divindade se encarrega de difundir a notícia pela cidade (*concussam bacchatur Fama per urbem – a Fama grita furiosamente pela cidade agitada*, verso 666). Vide **Fama**, no Livro I da *Eneida*.

Fêbea (*Phoebea*, v. 6): De Febo. Vide **Lâmpada Fêbea**.

Febo (*Phoebo*, v. 58): Apolo Febo, um dos epítetos de Apolo, significando Luminoso.

Fenícia (*Phoenissam*, v. 348; *Phoenissa*, v. 529): Nas duas ocorrências, o termo encontra-se substantivado, numa alusão a Dido.

Fero Eneias (*ferus Aeneas*, v. 466): Sendo obrigado a partir de Cartago, Eneias participa a Dido a sua decisão. A rainha o considera cruel – *ferus Aeneas*. Vide **Eneias**.

Filho de uma deusa (*Nate dea*, v. 560): Eneias, filho de Anquises e Afrodite/Vênus.

Fortuna (*fortuna*, v. 109; *fortuna*, v. 434; *fortuna*, v. 653): Deusa que governa a vida dos homens, representada com um leme à mão e com o chifre da abundância. Na religião Latina era identificada com a Tyche grega (Τύχη). Atribui-se a introdução do seu culto, em Roma, ao rei Sêrvio Túlio. Na primeira ocorrência ao termo, vemos Vênus fingindo aceitar o acordo com Juno, para a ventura de Eneias, casando-o com Dido. Na segunda ocorrência, Dido pede a Eneias apenas mais alguns dias com ele, para que a sua fortuna lhe ensine sofrer, aceitando a sua partida. Na última ocorrência Dido, prestes a se matar, diz que levou a termo o caminho que a fortuna abriu para ela. Ainda que em todas as ocorrências o termo esteja com a inicial minúscula, acreditamos que fortuna pode ser tomada como o quinhão que a divindade concede a cada um dos mortais.

Freixos (*ornos*, v. 491): Trata-se do freixo (*Fraxinus ornus*), uma madeira resistente e flexível, apropriada para a fabricação de armas, como as lanças dos heróis. A passagem se refere ao momento em que Dido fala a Anna sobre a sacerdotisa Massília, cuja força faz a terra mugir e os freixos descerem os montes. As Ninfas dos freixos, as Melíai (Μελίαι), aparecem em Hesíodo (*Teogonia*, versos 180-187), geradas pelas gotas de sangue de Urano, salpicadas na terra, depois de sua castração por Cronos.

Frígio, Frígios (*Phrygio*, v. 103; *Phrygii*, v. 140): Da Frígia, região perto da Tróade, na Ásia Menor.

Frotas Ilíacas (*Iliacas...classis*, v. 537): Navios Troianos.

Fúrias Vingadoras (*ultrices...Dirae*, v. 473; *Dirae ultrices*, v. 610): Fúrias Infernais ou Erínias, para os Gregos. São divindades primordiais, nascidas do sangue de Urano (*Teogonia*, versos 180-187), responsáveis pela perseguição de todos os que derramam sangue dentro do círculo de família. Elas perseguem, atormentam e torturam os criminosos até a expiação de sua falta. São representadas com cabelos de serpentes negras e com tochas nas mãos. Dido, na sua fúria contra Eneias, evoca as divindades superiores e infernais para a perseguição do herói e de seus descendentes. Dentre as divindades se encontram as Fúrias vingadoras. Vide **Eumênides**.

G

Garamântida (*Garamantide*, v. 198): Ninfa da terra dos Garamantes, povos Africanos ao sul da Líbia, raptada por Hammon-Júpiter, tornando-se a mãe do rei Jarbas.

Genitor (*Genitor*, v. 208): Epíteto utilizado por Jarbas para se dirigir a Júpiter, seu pai, implorando que ele veja o que está ocorrendo entre Eneias e Dido.

Genitora Pulquérrima (*genetrix pulcherrima*, v. 227): A belíssima mãe de Eneias, Vênus, deusa do amor e da beleza. No tempo de Virgílio já existia, em Roma, o templo de *Venus genetrix*, construído por Júlio César, no seu fórum, em 46 a. C.

Getúlia (*Gaetulae*, v. 40): Região a noroeste da África, cobrindo o atual território da Argélia. Os Getulos são uma raça insuperável na guerra (*genus insuperabile bello*, verso 40), no dizer de Anna, como argumento para persuadir Dido a uma união com Eneias. As cidades Getulas são mais um limite inóspito ao reino de Cartago, comandado por uma mulher.

Getulo (*Gaetulus*, v. 326): Oriundo da Getúlia. Vide **Getúlia**.

Glória Púnica (*Punica...gloria*, v. 49): Glória de Cartago. Anna diz a Dido que o casamento com as armas Teucas (*Teucrum armis*) elevará a glória Púnica. Tal alusão de Anna termina, no contexto da História, por ser uma ironia. A união frustrada de Dido a Eneias levará à derrota de Cartago, nas famosas Guerras Púnicas (três guerras entre 264-146 a.C.), inimizade anunciada pela própria Dido. Vide **Dido**.

Graios (*Graium*, v. 228): Nome que designa os Gregos, de modo geral. O termo, segundo Chantraine (1999), pode ter sido dado aos Gregos de Dodona, no Épiro, pelos Ilírios, seus vizinhos e, provavelmente, tenha entrado na língua latina sob a forma de *Graius*, emprestado do Etrusco. Para Ernout (2001), o termo pertence à língua épica ou poética e é notável o fato de os Latinos terem usado para designar os Gregos um nome raro na literatura grega, atestado tardiamente, em lugar de Helenos, a forma corrente. Ernout acredita ainda tratar-se de uma forma popular emprestada por via oral, provavelmente da Ilíria. Vide **Graios**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Grande Itália (*Italiam magnam*, v. 345): A Itália, onde Eneias deverá fundar as bases da nova Troia.

Grandes Cidades da Líbia (*Lybiae magnas...urbes*, v. 173): Cidades pelas quais a Fama difundiu os amores de Dido e Eneias.

Grineus (*Gryneus*, v. 345): De Grínia, cidade da Eólida.

Vide **Apolo**.



H

Hammon (*Hammone*, v. 198): Nome que Júpiter recebe entre os Líbios. Júpiter era o pai do rei Jarbas.

Hécate (*Hecaten*, v. 511; *Hecate*, v. 609): Divindade de aspecto triplo, filha de Astéria, que aglutina Selene (Lua) e Diana, e que preside as sombras e os encantamentos. Ela é chamada por Virgílio de tripla Hécate – *tergeminam Hecaten*. Dido, na sua fúria contra Eneias, evoca as divindades superiores e infernais para a perseguição do herói. Dentre as divindades, encontra-se “Hécate chamada por uivos pelas cidades e nas encruzilhadas noturnas” (*nocturnisque Hecate triuuis ululata per urbis*).

Hespéria, Hespérias (*Hesperiae*, v. 355; *Hesperidum*, v. 484): Terras ocidentais, onde Eneias deve fundar as bases da nova Troia. Vide **Hespéria**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Hircânia (*Hyrkaniae*, v. 367): Província da Ásia, perto do Mar Cáspio ou Mar Hircânio. Dido, magoada, responde a Eneias dizendo que Dárdanos não é o pai da raça dos Troianos, mas o Cáucaso que se eriça com seus duros rochedos é que o havia engendrado, e os tigres da Hircânia o amamentaram. Esse lamento de Dido e seus desdobramentos foram retomados por Ovídio no episódio da rejeição de Minos, rei de Creta, à jovem Cila,

dele enamorada (Vide *Metamorfoses*, Livro VIII, versos 108-125).

Honra Lenaia (*Lenaenum...honerem*, v. 207): Metonímia para designar a libação do vinho aos deuses, tendo em vista que Leneu é um dos muitos nomes de Baco, deus do vinho. Nas *Metamorfoses*, Ovídio elenca 22 nomes diferentes para Baco (Livro IV, versos 9-27). Vide **Baco** e **Orgias Trietélicas**.

I

Ilíacos, Ilíacas (*Iliacas*, v. 46; *Iliacos*, v. 78; *Iliacas*, v. 537; *Iliacas*, v. 648): Referentes a Ílion, Troia.

Ímpio (*impius*, v. 496): Ferida e vendo seu amor rejeitado, Dido se refere a Eneias como ímpio, contrariando a principal característica do Herói, chamado piedoso (*pius Aeneas*). Na realidade, Eneias se vai de Cartago impelido pela piedade, obedecendo às determinações divinas.

Indivíduo Infando (*infandum caput*, v. 613): O termo diz respeito a Eneias, a quem Dido abomina, por ter sido por ele abandonada. A tradução literal seria indivíduo ou pessoa de quem não se pode falar. Dido prefere, na sua dor e na sua ira, não mais proferir o nome de Eneias.

Infeliz Dido (*infelix Dido*, v. 68; *infelix...Dido*, v. 450; *infelix Dido*, v. 596): Epíteto de Dido, conduzindo, aos poucos, a personagem para a sua tragédia pessoal. No verso 78, por exemplo, Dido ainda não se entregou a Eneias, mas é tratada como *demens*, insensata, prolepe que ajuda a compor a sua tragédia. Quanto mais Dido tem certeza da partida de Eneias, mais ela se torna infeliz e se aproxima da morte. No livro I da *Eneida*, Dido é tratada como *Infelix Dido* (verso 749) e como *Infelix...Phoenissa* (versos 712-714). Vide **Dido**.

Infeliz Fenícia (*infelix...Phoenissa*, v. 529): Dido. Vide **Infeliz Dido e Dido**.

Intérprete dos Deuses (*interpres diuom*, v. 356; *interpres diuom*, v. 378): Mercúrio, mensageiro dos deuses e, mais especificamente, de Júpiter. Mercúrio é despachado do Olimpo por Júpiter para reconduzir Eneias ao seu destino. Vide **Mercúrio**.

Íris (*Irim*, v. 694; *Iris*, v. 700): Mensageira dos deuses (Vide *Ilíada*, Cantos XIV e XV), enviada por Juno para terminar com o sofrimento de Dido e conduzir sua alma a Dite, deus dos Infernos. Íris é apresentada rosada, com as penas das asas açafroadas, puxando mil cores variadas sob o sol – *Iris croceis per caelum roscida pennis/mille trahens uarios aduerso sole colores* (versos 700-701).

Irmã, Irmão (*germani*, v. 44; *germana*, v. 492; *germanam*, v. 501; *germana*, v. 549; *sororem*, v. 634; *fratre*, v. 656; *soror*, v. 673; *germana*, v. 675; *sororem*, v. 677; *soror*, v. 682; *germanam*, v. 686): Referência a Pigmalião, irmão de Dido, ou a Anna, sua irmã, ou ainda à própria Dido, quando Anna a ela referir-se.

Itália (*Italiae*, v. 106; *Italiam*, v. 230; *Italiae*, v. 275; *Italiam*, v. 345; *Italiam*, v. 346; *Italiam*, v. 361; *Italiam*, v. 381): A Itália é onde deverá ser fundado por Eneias o reino que virá a ser Roma. Por vezes Eneias a chama de Grande Itália, já antecipando a sua importância no futuro

(*Italiam magnam*, verso 345). Respondendo às queixas de Dido por sua partida iminente, Eneias atribui a sua ida à Itália como uma decisão do destino. Ali está o seu amor, ali está a sua pátria (*hic amor, haec patria est*, verso 347). Eneias diz a Dido que não é por sua vontade própria que ele busca a Itália (*Italiam non sponte sequor*, verso 361). Vide **Itália**, nos Livros I e III da *Eneida*.

lulo (*Iulus*, v. 140; *Iuli*, v. 274; *Iuli*, v. 616): Filho de Eneias, que deverá acompanhar Dido à caçada. Na passagem em questão, Virgílio o chama de *laetus Iulus*, o alegre lulo. Vide **Ascânio**.

J

Jarbas (*Iarbas*, v. 36; *Iarban*, v. 196; *Iarbas*, v. 326): Rei dos Getulos, que propôs casamento a Dido. Sabendo pela Fama que Dido, amorosa, entregara-se a Eneias, Jarbas ficou com o ânimo inflamado de uma cólera aumentada. Jarbas era filho de Hammon, nome que Júpiter recebia entre os Líbios, e de uma ninfa Garamântida raptada pelo deus. Ao pai, Jarbas havia construído cem templos prodigiosos (*templa centum immania*, verso 199), cem altares na Líbia, com o fogo sagrado sempre aceso em honra aos deuses, a terra sempre banhada com os sacrifícios e os limiões dos templos sempre floridos de guirlandas. Diante da notícia do casamento de Eneias e Dido, Jarbas ora a Júpiter, reclama o fato de ter sido rejeitado por Dido, que acolheu o Troiano como senhor (*conubia nostra/reppulit ac dominum Aenean in regna recepit*, versos 213-214), e Júpiter parece não ter visto. Chamando Dido de *errante*, no sentido de quem anda sem destino (*Femina...errans*, verso 211), e Eneias de Páris, afirmando a efeminação do herói e de seus companheiros, por sua vez chamados de Eunucos (*semiuiro comitatu*, verso 215), Jarbas diz ter sido inútil todo o respeito e sacrifícios feitos ao deus.

Jarbas Getulo (*Gaetulus Iarbas*, v. 326): Vide **Jarbas**.

Jove (*louis*, v. 91; *loui*, v. 199; *louem*, v. 205; *louis*, v. 331; *loue*, v. 356; *loue*, v. 377; *louis*, v. 614; *louj*, v. 638): Vide **Júpiter**.

Jove Estígio (*louj Stygio*, v. 638): Enganando Anna, Dido diz que fará uma cerimônia em honra de Jove Estígio, para pôr termo a seu sofrimento, com relação a Eneias. Na passagem em questão, pode-se inferir que Jove Estígio seja Plutão ou Dite, o equivalente a Hades, para os Gregos. A história de Estiges, ninfa filha de Oceano e Téthys, encontra-se na *Teogonia* (versos 383-403; 775-806). Por ter sido a primeira divindade a se colocar ao lado de Zeus contra os Titãs e pôr os filhos – *Zelo*, *Vitória*, *Poder* e *Violência* – à sua disposição, ele concedeu-lhe como dom supremo ser o grande juramento dos deuses. Vide **Ondas Estígias**, no Livro III da *Eneida*.

Juno (*lunone*, v. 45; *lunoni*, v. 59; *luno*, v. 114; *luno*, v. 166; *luno*, v. 371; *luno*, v. 608; *luno*, v. 693): Assim como Apolo no Livro III, Juno é uma divindade muito presente no Livro IV. Para Anna foi sob os auspícios dos deuses e com os favores de Juno que os ventos empurraram os Troianos até Cartago, por esse motivo, a rainha deve unir-se a Eneias. Dido, inclinada a aceitar as ponderações da irmã, sacrifica a Juno como protetora do casamento, aquela que cuida dos vínculos conjugais (*cui uincla iugalia curae*, verso 59). Por sua vez, Juno vendo que Dido arde de Amor por Eneias, que o amor a toma completamente, até os ossos (*ardet amans Dido traxitque per ossa*

furorem, verso 101), tenta convencer Vênus de que a deusa do amor é vencedora e propõe o fim da querela entre as duas com o casamento de Dido e Eneias. Na realidade, Juno deseja desviar Eneias de seu destino. Estimulada por Vênus, que finge aceitar a aliança, Juno se encarrega de dobrar Júpiter (*Mecum erit iste labor*, verso 115) e, ao mesmo tempo, planeja o modo como os amantes poderão se entregar a seu amor. Juno, em conluio com a deusa Terra (*Tellus*), e com o apoio de Vênus, surpreende Eneias e Dido com uma tempestade, levando-os a se separar dos demais e a se abrigar em uma gruta. É a ação da *Juno Pronuba*, a que acompanha e protege os casamentos. Posteriormente, abandonada e expressando sua fúria contra Eneias, Dido evoca as divindades superiores e infernais para a perseguição do herói. Dentre as divindades se encontra Juno, cônica e intérprete de suas inquietudes (*tuque harum interpres curarum et conscia Iuno*, verso 608). Enfim, tendo piedade do sofrimento de Dido, Juno onipotente (*Iuno omnipotens*, verso 693) envia Íris, a mensageira dos deuses, para cortar o louro cabelo da rainha e remeter sua alma a Dite, deus dos Infernos. Vide **Juno** nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Juno Onipotente (*Iuno omnipotens*, v. 693): Vide **Juno**.

Juno Prônuba (*pronuba Iuno*, v. 166): Juno, a deusa-mãe, rainha dos deuses, que preside e acompanha os casamentos. Vide **Juno**.

Júpiter (*Iuppiter*, v. 110; *Iuppiter*, v. 206; *Iuppiter*, v. 590): Deus de todos os deuses, Zeus para os Gregos. Júpiter convoca Mercúrio para descer até Cartago e chamar Eneias ao cumprimento do seu destino: governar a Itália, grávida de poderes; propagar a raça de Teucros, colocando o universo inteiro sob suas leis. Se ele quer rejeitar tais glórias, ele não as pode negar ao filho Ascânio. Júpiter diz que não foi para viver em Cartago que sua belíssima mãe (*genetrix pulcherrima*, verso 227) o salvou duas vezes das armas dos Gregos (Vide Canto V da *Ilíada*, versos 311-320; Livro II da *Eneida*, versos 588-620). Que Eneias, portanto, navegue, esta é sua ordem (*Nauiget! haec summa est*, verso 237). Vide **Júpiter** nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Júpiter Onipotente (*Iuppiter omnipotens*, v. 206): É desse modo que Jarbas se dirige a Júpiter para reclamar do amor de Dido e Eneias. Vide **Júpiter**.

Juventude Troiana (*Troiana iuventus*, v. 162): A comitiva de Eneias, que o acompanha à caçada com Dido, dentre os quais se encontra Ascânio.

L

Lácio (*Latio*, v. 432): Região na Península Itálica, cortada pelo Tibre, banhada pelo Mar Tirreno, aonde Eneias deverá chegar e fundar as bases da nova Troia. Na tradição de Ovídio (*Fastos*, Livro I, versos 235-238), o Lácio foi a terra que acolheu Saturno, depois de expulso dos reinos celestes por Júpiter. Essa região está destinada a conquistar a fortuna e a glória pelas armas, pois venera Marte, o deus que preside a guerra (*Fastos*, Livro III, versos 85-86). Vide **Lácio**, no Livro I da *Eneida*.

Lâmpada Fêbea (*Phoebea...lampade*, v. 6): Referência ao Sol, que tem como epíteto *a lâmpada de Febo*. É muito comum a identificação de Apolo com o Sol, tendo em vista que o deus arqueiro é quem conduz o seu carro (Vide mito de **Faetonte**, em *Metamorfoses*, de Ovídio, Livro I, versos 747-779 e Livro II, versos 1-344).

Laomedôntea (*Laomedontae*, v. 542): Referência genérica aos Troianos. Também se aplica aos descendentes de Laomedonte, antigo rei de Troia, pai de Príamo. Vide **Raça Laomedôntea**.

Lavínios (*Lauinia*, v. 236): Referentes ao reino de Lavínio ou Lavino, a ser fundado por Eneias, no Lácio, de onde surgirão Roma e os Romanos.

Lenaia (*Lenaeum*, v. 207): Referente a Leneu, um dos muitos nomes de Baco. Vide **Honra Lenaia**.

Líbia (*Libyae*, v. 36; *Libyae*, v. 173; *Libyae*, v. 257): Região do norte da África, onde Dido se encontra construindo seu reino. Não se trata da Líbia moderna, mas da atual Tunísia.

Líbricas, Líbicos (*Libycas*, v. 106; *Libycis*, v. 271; *Libycae*, v. 320; *Libycae*, v. 348): Referente à Líbia, norte da África. O termo tanto pode designar os Cartagineses, descendentes dos Tírios, quanto os habitantes que já se encontravam na região, antes da chegada de Dido.

Lícia (*Lyciam*, v. 143): Lícia, província no sul da Ásia Menor, entre a Cária e a Panfília, tratada por Virgílio como a Lícia invernososa ou hibernal (*hibernam Lyciam*). A Lícia é a região onde Apolo é cultuado como Apolo Lício.

Lícios (*Lyciae*, v. 346; *Lyciae*, v. 377): As duas ocorrências dizem respeito aos oráculos de Apolo na Lícia (*Lyciae sortes*). Vide **Oráculos Lícios**.

Lieu (*Lyaeo*, v. 58): Um dos muitos nomes de Baco. Vide **Baco**.

Litorais Líbicos (*Libycas...oras*, v. 106): Litorais da Líbia, norte da África, onde se encontrava Cartago, na geografia antiga. Vide **Líbia**.

Litoral Arenoso da Líbia (*litus harenosum...Libyae*, v. 257): Hermes vai em direção ao litoral arenoso da Líbia, em busca de Eneias, que se encontra em Cartago. Além de ter o deserto do Saara ao sul de suas terras, Cartago está situada ao lado das duas Sirtes do Mediterrâneo. Vide **Sirtes**.

M

Manes (*manis*, v. 34; *manis*, v. 387; *manis*, v. 427; *manis*, v. 490): A alma dos mortos, em relação aos antepassados, a quem se deve um culto. De modo a encorajar Dido a dar vazão ao amor que sente por Eneias, Anna diz à irmã não crer que os manes, uma vez sepultados, preocupem-se com alguma coisa (verso 34). Dido, portanto, não deveria inquietar-se com as promessas de fidelidade a Siqueu. Prestes a ser abandonada por Eneias, Dido impreca contra ele, antecipando-lhe a sua (dela) morte e preconizando sofrimentos ao herói, que lhe trarão satisfação, quando sua notícia chegar até ela, nos manes profundos, isto é, nos Infernos (verso 348). Tentando ter Eneias, nem que seja por mais alguns momentos, Dido pede a Anna que interceda por ela junto ao herói, com o argumento de que ela não lhe causou nenhum mal grave para ser abandonada, como ter arrancado as cinzas ou os manes de Anquises (verso 427). A última referência é aos manes noturnos invocados pela sacerdotisa Massília, para mostrar sua força (verso 490). Dumézil (2000) diz que o termo *manes* era interpretado pela maioria dos eruditos romanos como um eufemismo para “os Bons Deuses”. O termo *Deuses Manes*, diferenciado do termo *Deuses dos Ancestrais*, era empregado para designar a alma de um defunto em particular. Manes, afirma Dumézil, “eram antes uma classe de seres à parte; assim se explicaria que

diui Manes parecia designar às vezes, além dos mortos, toda a confusa população do outro mundo” (p. 370-371).

Manes Noturnos (*nocturnos...manis*, v. 490): Vide **Manes**.

Manto Tírio (*Tyrio...laena*, v. 262): Eneias, completamente desviado de seu destino, é encontrado por Mercúrio, edificando Cartago, vestindo um manto tírio de cor púrpura, tecido por Dido.

Marido Frígio (*Phrygio...marito*, v. 103): Juno procura entrar num acordo com Vênus e propõe que seja permitido a Dido servir um marido Frígio, isto é, Eneias.

Massila (*Massylae*, v. 483): Povo proveniente da Massila ou Massília, no norte da África. Vide **Massilos**.

Massilos (*Massyli*, v. 132): Povos da Massila ou Massília, região na África do norte, de etnia Númida. A Massila se situava abaixo de Cartago, na direção sudoeste, tendo como capital Cirta. O território atual da Massila corresponde ao leste da Argélia e oeste da atual Tunísia.

Materna Delos (*Delum maternam*, v. 144): Referência à Ilha de Delos, onde Apolo nasceu. Vide **Delos**.

Maurícia (*Maurusia*, v. 206): Relativo aos Mauritanos, habitantes da África do norte, região que hoje é

designada como Argélia. Na geografia atual, a Mauritânia fica a noroeste da África.

Máxima Juno (*maxima Iuno*, v. 371): Um dos epítetos de Juno, para mostrar o seu poder, como deusa-mãe e perseguidora de Eneias.

Meônia (*Maeonia*, v. 216): Vide **Mitra Meônia**.

Mercúrio (*Mercurium*, v. 222; *Mercurio*, v. 558): Deus mensageiro (*hic nostri nuntius esto*, verso 237 – *sê ali* [junto a Eneias] *o nosso mensageiro*), designado por Júpiter para chamar Eneias de volta ao cumprimento de seu destino. Mercúrio se paramenta para obedecer à vontade do pai: coloca nos pés os alados borzeguins de ouro (*talaria...aurea*, versos 239-240) e pega seu caduceu (*virgam capit*, verso 242), com que ele evoca as pálidas almas do Orco, conduz outras almas aos tristes Tártaros (*Tartara tristia*, verso 243) e com o qual ele dá e tira o sono, e desperta os olhos fechados pela morte. Mercúrio vai até Eneias, que se encontra erigindo Cartago, vestido com uma túnica púrpura presente de Dido. O deus o chama à responsabilidade e diz-lhe que, se ele esqueceu a honra das grandes coisas, o seu destino de fundar as bases da nova Troia, ele não pode esquecer da herança de Iúlo, a quem são devidos o reino da Itália e a terra Romana. Em momento posterior, Mercúrio vendo Eneias dormindo no alto da popa do seu barco, aparece-lhe novamente e o adverte dos perigos que o herói corre,

permanecendo em Cartago. O deus o incita a partir o quanto antes, de modo a atingir o seu destino, tendo a seu favor o sopro favorável dos Zéfiro. Na fala do deus, descobre-se a causa, a origem do descomedimento (ὕβρις) de Dido, que a levará a sua tragédia: Dido derrama no coração dolos e crueldade não permitidas pelos deuses (*Illa dolos dirumque nefas in pectore uersat*, verso 563). Para saber mais sobre Mercúrio, vide os *Hinos Homéricos a Hermes*.

Misérriima Dido (*miserrima Dido*, v. 117): Mais um epíteto direcionando para a infelicidade de Dido e para sua tragédia anunciada. Vide **Dido**.

Mitra Meônia (*Maeonia...mitra*, v. 216): Mitra usada pelos Meônios, povos da Lídia, região da Ásia Menor, entre a Mísia e a Cária.

Mnesteu (*Mnesthea*, v. 288): Um dos companheiros de Eneias, a quem o herói ordena a preparação das naus para a partida de Cartago.

N

Neto Dardânio de Vênus (*Dardanius nepos Veneris*, v. 163): Ascânio ou Iulo, filho de Eneias. Vide **Ascânio** e **Iulo**.

Ninfas (*Nymphae*, v. 168): As Ninfas das montanhas, as Oréades, ululam nos cimos, com a tempestade que levará à união de Dido e Eneias (*summoque ulularunt uertice Nymphae*).

Nômades (*Nomadum*, v. 320; *Nomadum*, v. 535): Povos errantes da Numídia, no norte da África.

Númidas (*Numidae*, v. 41): Povos da Região a oeste de Cartago, cujos habitantes não utilizavam o freio ou sela no cavalo. Virgílio os chama de *Numidas infrenes*.

Naus Dardânicas (*Dardaniae...carinae*, v. 658): Navios Troianos. Dido diz que teria sido feliz, muito feliz (*nimum felix*, verso 657), se os navios Dardânios nunca tivessem atingido seus litorais.

Naus Ilíacas (*Iliacas...carinas*, v. 46): Navios Troianos.

Nova Pérgamo (*recidua...Pergama*, v. 344): Respondendo a Dido, Eneias diz que se os destinos tivessem deixado que ele decidisse, ele não estaria em Cartago, mas reconstruindo uma nova Pérgamo. De suas

mãos renasceria outra Pérgamo para os vencidos (*et
recidiua manu posuissent Pergama uictis*).

O

Oceano (*Oceanum*, v. 129; *Oceani*, v. 480): Um dos Titãs, que tem a incumbência de cercar a terra com suas águas, dividindo, assim, o território dos homens daquele dos deuses. Chamado por Homero e Hesíodo de *Rio Oceano*.

Olimpo (*Olympo*, v. 268; *Olympo*, v. 694): Morada dos deuses. Virgílio o chama de *Olimpo Luminoso* (*claro...Olimpo*, verso 268).

Onipotente (*Omnipotens*, v. 220): Um dos epítetos de Júpiter.

Oráculos Lícios (*Lyciae...sortes*, v. 346; *Lyciae sortes*, v. 377): Os oráculos de Apolo Lício, que guiam Eneias a seu destino – a Itália.

Orco (*Orco*, v. 242; *Orco*, v. 699): Vide **Orco Estígio**.

Orco Estígio (*Stygio...Orco*, v. 699): Neste Livro IV da *Eneida*, Orco é um deus infernal, personificação dos Infernos, a quem os cabelos de Dido, arrancados por Íris, no momento de sua morte, devem ser consagrados. Para o mundo Latino, afirma Dumézil que Orco é uma noção obscura, que o culto público ou privado ignora (2000, p. 374). Vide **Jove Estígio**.

Orestes Agamemνόιο (*Agamemnonius...Orestes*, v. 471): Orestes, filho de Agamêmnon. O trecho se refere à perseguição de Orestes pelas Erínias ou Fúrias Infernais, por causa do matricídio cometido por ele. Orestes mata a mãe, Clitemnestra, para vingar a morte do pai, Agamêmnon, morto por ela e pelo seu amante, Egisto. É interessante observar que Virgílio põe o narrador nitidamente num tempo bem distante do episódio de Dido e Eneias, quando se refere à encenação do mito de Orestes perseguido pelas Erínias, o que se dá em *Eumênides*, de Ésquilo.

Orgias Trietéricas (*trieterica...orgia*, v. 302-303): Palavra de origem grega (ὄργιας, inspirado, possuído pelo espírito divino), para designar tanto os mistérios de Baco, quanto os objetos sagrados e as cerimônias em honra do deus. As Orgias Trietéricas (ὄργια τριετήρικα) eram as festas em homenagem a Baco, celebradas em Tebas, a cada três anos.

Órion (*Orion*, v. 52): A constelação de Órion, chamada por Virgílio de chuvosa Órion (*aquosus Orion*, verso 52), por seu aparecimento cedo da noite durante o verão, no leste, coincidir com a estação das chuvas. Pelo fato de a constelação de Órion estar próxima à constelação de Touro, e um dos aglomerados de Touro ser as Híades, por definição, as chuvosas, então há uma contaminação do epíteto para Órion. Vide **Órion** e **Híades**, no Livro I.

Ótima Dido (*optima Dido*, v. 291): Modo como Dido é tratada, no momento em que Eneias prepara a sua partida de Cartago. É interessante observar o contraste entre *Ótima Dido* e *Infeliz Dido*.

P

Pai Anquises (*patris Anchisae*, v. 427): Dido se refere a Anquises como pai, em uma concepção religiosa. Ela não entende que Eneias a abandone sem que ela tenha cometido alguma grave ação contra ele, como ter arrancado as cinzas e os manes do pai Anquises.

Pai Lieu (*patri Lyaeo*, v. 58): Um dos epítetos do deus Baco. Vide **Baco**.

Pai Onipotente (*pater omnipotens*, v. 25): Vide **Júpiter**.

Pai Satúrnio (*Saturnius...pater*, v. 372): Júpiter, filho de Saturno. Vide **Júpiter**.

Pais Sidônios (*patres Sidonios*, v. 682-683): Referência aos pais da pátria, os senadores de Sídon, os homens mais velhos e mais venerandos, tomados como os conselheiros da pátria. É Anna que faz tal alusão, no momento em que encontra Dido moribunda, dizendo que a rainha destruiu com aquele golpe a ela mesma, a sua irmã, o povo e pais Sidônios, além da cidade – *Exstincti te meque, soror, populumque patresque/Sidonios urbemque tuam*. É interessante notar o uso do polissíndeto para reforço da ideia de destruição total de uma nação, como se fora uma antecipação da derrocada de Cartago.

Papoula (*papauer*, v. 486): Planta ornamental da família das papaveráceas (*Papauer somniferum*), de cuja semente se fabricam a morfina e a heroína, componentes do ópio. Ao falar da sacerdotisa Massila, Dido diz que ela era guardiã do templo das Hespérides, que dava a comida ao dragão e vigiava os ramos sagrados na árvore, espargindo o mel líquido e a papoula soporífera (*soporiferum papauer*).

Páris (*Paris*, v. 215): Modo pejorativo com que Jarbas designa Eneias, afirmando tratar-se o herói de um efeminado, acompanhado de outros efeminados ou Eunucos (*semiuiro*). Eneias é, na sua visão, como Páris, um novo raptor, apropriando-se de Dido (*rapto potitur*, verso 217).

Pastos Dicteus (*saltus...Dictaeos*, v. 72-73): Os campos e pastos em torno do monte Dicteu, em Creta.

Penates (*penatis*, v. 21; *penatis*, v. 598): Deuses da cidade. Dido se queixa que o seu irmão, tendo matado seu marido Siqueu, sujou os Penates de sangue. Este fato, para nós, antecipa já o destino funesto de Dido e de Cartago. Bem diferente de Eneias, que parte de Troia com os seus Penates, protegidos pelos deuses e nas mãos de um herói piedoso, Dido parte de Tiro com os seus Penates manchados pelo derramamento de sangue de alguém do círculo familiar. Vide **Penates**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Penteu (*Pentheus*, v. 469): Rei de Tebas, filho de Équion e de Ágave, por sua vez filha de Cadmos. A história desse rei está ligada ao Ciclo Tebano e Dionisíaco. Penteu decide proibir o culto a Dionisos, pois não o considera um deus verdadeiro, e o aprisiona com a intenção de puni-lo. Dionisos se liberta dos elos que o prendem, advertindo Penteu para a impiedade que ele está cometendo. Ainda assim, Penteu não quer acreditar. O deus, então, sugere ao rei que ele se esconda nos montes para ver os mistérios praticados pelas Bacantes. Descoberto pelas sacerdotisas, Penteu é morto e despedaçado, inclusive pela sua própria mãe, Ágave, que lhe corta a cabeça, crente que havia decapitado um leão. O mito foi levado ao teatro por Eurípides, em *As Bacantes*. Pelo mito de Penteu, que nos é transmitido por Eurípides, não há razão para ele ser perseguido pelas Eumênides. Haveria razão para a sua mãe, Ágave ser perseguida pelas deusas infernais, vez que ela matou o próprio filho. Virgílio usa *Eumenidum agmina* (verso 469), em lugar de *Maenadum agmina* (tropas das Mênades, as Bacantes). Vide **Eumênides**.

Pequenino Eneias (*paruolus...Aeneas*, v. 328-329): Dido se lamenta a Eneias por sua partida, que ela entende como uma fuga, e lhe diz que se pelo menos o herói tivesse lhe deixado um filho, um pequenino Eneias, que o lembrasse, ela não se veria cativa e abandonada.

Pérgamo (*Pergama*, v. 344; *Pergama*, v. 426): A cidadela de Troia e, por extensão, a própria cidade. Eneias a chama de nova Pérgamo, Pérgamo renascente – *recidiua Pergama*. Vide **Nova Pérgamo**.

Pigmalião (*Pygmalion*, v. 325): Irmão de Dido, assassino de seu marido Siqueu. Dido diz que se Eneias a deixar, ela poderá ser vítima do irmão, que virá destruir suas muralhas.

Pinho (*taedis*, v. 505): Espécie de conífera da família do pinheiro (*Picea excelsa*). Para compor a pira funerária de Dido, Anna corta alguns ramos dessa árvore.

Pio Eneias (*pious Aeneas*, v. 393): O principal epíteto de Eneias, escolhido pelos deuses por sua piedade. Vide **Eneias**.

Príamo (*Priami*, v. 343): Rei de Troia, pai de Heitor e de Páris, sogro de Eneias. Príamo é morto no altar doméstico por Pyrrho, filho de Aquiles, quando da invasão e destruição de Troia pelos Argivos (Vide *Eneida*, Livro II). Eneias diz a Dido que se os destinos tivessem permitido que ele tomasse a decisão sobre a sua vida, ele estaria em Troia e os altos tetos de Príamo estariam em pé. Vide **Príamo** nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Prole Ausônia (*prolem Ausoniam*, v. 236): Posteridade de Eneias, a nascer no Lácio. Vide **Ausônia**.

Prole Cilênia (*Cyllenia proles*, v. 258): Prole do Cileno. Referência a Hermes ou Mercúrio, filho de Zeus e Maia, esta uma ninfa do Monte Cileno, onde o deus nasceu.

Prosérpina (*Proserpina*, v. 698): Deusa dos Infernos, esposa de Dite ou Plutão. Na mitologia Grega, Prosérpina corresponde a Perséfone. A ela cabe arrancar os cabelos da morta para consagrá-los a Orco. Como Dido morreu antes da hora, é preciso que Íris os arranque para que a sua alma seja enviada aos Infernos.

Pudor (*pudor*, v. 27): Divindade que encarna o pudor, a vergonha. Dido invoca a própria morte, preferível a violar as leis do pudor, que ainda a ligam ao marido morto.

Pulcra Dido (*pulchra...Dido*, v. 192): A bela Dido. Vide **Pulquérrima Dido**.

Púnica (*Punica*, v. 49): Relativo a Cartago, cartaginesa.

Púnicos (*Poenorum*, v. 134): Os principais homens de Cartago (*primi Poenorum*, verso 133-134), que acompanham Dido na caçada.

Púrpura Fenícia (*Tyrio...murice*, v. 262): Veste Fenícia, que está sob os ombros de Eneias, quando Mercúrio o encontra, em Cartago, comandando a construção da cidade.

Q

Querida Esposa de Jove (*cara Iouis coniunx*, v. 91):

Vide Juno.

R

Raça Laomedôntea (*Laomedontea...gentis*, v. 542): Referência aos Troianos como descendentes de Laomedonte, famoso por seu perjúrio contra os deuses Posídon e Apolo, e contra Hércules. Dido, no seu ódio a Eneias, faz o herói descendente de Laomedonte, quando, na realidade, Eneias é descendente de Cápis, primo de Laomedonte. Para essa genealogia, vide **Ascânio**, no Livro I.

Raça Massila (*Massylae gentis*, v. 483): Vide **Massilos**.

Raça Maurícia (*Maurusia...gens*, v. 206-207): Referência aos Mauritanos, árabes habitantes da África do Norte. Vide **Maurícia**.

Raças Líbicas (*Libycae gentes*, v. 320): Povos da Líbia e do norte da África em geral, com exceção do Egito. O fato de Dido ter tomado Eneias como amante desperta o ódio dos povos da Líbia, segundo ela mesma afirma ao herói.

Raça Troiana (*Troianam...gentem*, v. 425): Os Troianos.

Rainha (*regina*, v. 1; *Reginam*, v. 133; *reginam*, v. 283; *regina*, v. 296; *regina*, v. 334; *regina*, v. 504; *Regina*, v. 586): Dido.

Rainha Delirante (*reginam...furentem*, v. 283): Referência a Dido, quando, amando Eneias, vê-se em estado de delírio. Vide **Dido**.

Rei dos Deuses (*deum...regnator*, v. 268-269): Júpiter.

Reino da Hespéria (*regno Hesperiae*, v. 355): Reino na região ocidental, mais precisamente na Itália, onde Eneias deve fundar a nova Troia.

Reino da Itália (*regnum Italiae*, v. 106; *regnum Italiae*, v. 275): Reino cujas bases Eneias deve fundar na Península Itálica, futuro império romano.

Riquezas Sidônias (*Sidonias...opes*, v. 75): As riquezas de Sídon, na Fenícia, transpostas por Dido para Cartago.

Roble (*robore*, v. 441): O roble é um tipo de carvalho, mas no contexto da *Eneida* é tomado metonimicamente como a madeira dessa árvore, sinônimo de solidez e rjeza. Para Jacques André (2010), embora o nome desse tipo de árvore seja associado à cor vermelha, o coração de sua madeira é de um marrom tenro, mais claro que o de outros carvalhos. Antes, continua André, a associação deveria ser feita com a cor de sua folhagem, que, entre todos os carvalhos, mantém o tom fulvo, do outono ao inverno. Também é conhecido como carvalho macho. Vide **Carvalho**.

Romana, Romanas (*Romanas*, v. 234; *Romana*, v. 275): Relativas a Roma.

S

Sangue de Teucro (*sanguine Teucri*, v. 230): A raça dos Troianos, descendentes de Teucro, destinada a fundar Roma e submeter o orbe às suas leis. Vide **Teucro**.

Sangue Troiano (*Troiano sanguine*, v. 191): Referência a Eneias, proveniente da raça Troiana, assim tratado por Virgílio – *Aenean Troiano sanguine cretum* (verso 191).

Satúrnio, Satúrnia (*Saturnia*, v. 92; *Saturnio*, v. 372): Filho ou filha de Saturno, no caso Juno e Júpiter.

Seresto (*Serestum*, v. 288): Um dos companheiros de Eneias, a quem o herói ordena a preparação das naus para a partida de Cartago. Vide **Seresto**, no Livro I da *Eneida*.

Sergesto (*Sergestum*, v. 288): Um dos companheiros de Eneias, a quem o herói ordena a preparação das naus para a partida de Cartago. Vide **Sergesto**, no Livro I da *Eneida*.

Sidônia, Sidônias (*Sidonias*, v. 75; *Sidoniam*, v. 137; *Sidonia*, v. 545): Referente a Sídon, cidade Fenícia de onde partiu Dido, para fundar Cartago.

Siqueu (*Sychaei*, v. 20; *Sychaei*, v. 502; *Sychaeo*, v. 552; *Sychaei*, v. 632): Esposo de Dido, morto pelo irmão dela,

Pigmalião. Em sua dor, sentindo-se abandonada por Eneias, Dido se lamenta de não ter sido fiel à promessa feita às cinzas de Siqueu – *non seruata fides cineri promissa Sychaeo*, verso 552. Vide **Siqueu**, no Livro I da *Eneida*.

Sirtes (*Syrtis*, v. 41): Bancos de areia. As Sirtes são dois bancos de areia sobre a costa norte da África entre Cirena (Líbia) e Cartago (Tunísia). A Sirte Maior fica no Golfo de Surt (atual Golfo de Sidra), na Líbia, e a Sirte Menor, no Golfo de Gabes, na Tunísia. Um dos argumentos de Anna para que Dido aceite a união com Eneias é que ela está rodeada de inimigos e de ambientes inóspitos como a Sirte. Vide **Sirtes**, no Livro I da *Eneida*.

Sol (*Sol*, v. 607): Dido, na sua fúria contra Eneias, evoca as divindades superiores e infernais para a perseguição do herói. Dentre as divindades se encontra o Sol, cujas chamas aclaram todos os trabalhos da terra (*Sol, qui terrarum flammis opera omnia lustras*). Na tradição Greco-Latina, o Sol ou Hélios é o olho que tudo vê. Nas *Metamorfoses*, por exemplo, o Sol é o “olho que tudo vê, o olho do mundo” (Livro IV, versos 226-228).

T

Tártaros (*Tartara*, v. 243; *Tartara*, v. 446): Na tradição Latina, o Tártaro é equivalente aos Infernos. Já na tradição Grega, o Tártaro é uma das potências primordiais, a escuridão do interior da terra, onde os Titãs serão aprisionados por Zeus (Vide *Teogonia*). Virgílio o chama de *Tartara tristia*, os tristes Tártaros. Na comparação de Eneias a um carvalho, Virgílio diz que apesar das violências dos ventos alpinos sobre ele, o carvalho se mantém altivo e firme com suas raízes aprofundadas até o Tártaro.

Tebas (*Thebas*, v. 470): Um dos mais antigos e importantes reinos da Grécia, situado na Beócia. Fundada por Cadmos, Tebas é a pátria de Penteu, mas fica famosa por causa do mito de Édipo. Em seu delírio amoroso por Eneias, Dido é comparada a Penteu, que, também em delírio, vê diante de si tropas de Eumênides, um duplo sol e duas Tebas. Vide **Penteu**.

Terra (*Tellus*, v. 166; *Terra*, v. 178): A primeira referência é a Tellus ou Telure, a deusa Terra nutriz, que, na passagem específica, se une a Juno, para induzir Eneias e Dido ao amor. Frequentemente, Tellus é associada a Gaia dos Gregos, que, em Hesíodo (Vide *Teogonia*), é uma força primordial, responsável pela criação dos deuses e,

consequentemente, dos humanos. Na segunda alusão, Terra é a mãe de Fama. Vide **Fama**.

Terra África (*Africa terra*, v. 37): Vide **África**.

Terra Ausônia (*Ausonia...terra*, v. 349): Referência à Itália, onde Eneias deve erigir as bases da nova Troia. Vide **Ausônia**.

Terra-Mãe (*Terra parens*, v. 178): Vide **Terra**.

Terra Romana (*Romana tellus*, v. 275): Roma.

Terras Líbicas (*Libycis...terris*, v. 271): Terras da Líbia, no caso, terras de Cartago.

Teucro (*Teucri*, v. 230): Ancestral dos Troianos, que dá o nome aos povos da região da Tróade. Teucro, segundo a tradição adotada por Virgílio, foi o primeiro dos ancestrais dos Troianos. Era filho do rio Escamandros, que gerou Batieia, cujos descendentes do casamento com Dárdanos resultarão em Príamo e seus filhos. Eneias é, portanto, o descendente do sangue de Teucro que prolongará essa raça. Vide **Teucro**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Teucros (*Teucrum*, v. 48; *Teucros*, v. 349; *Teucri*, v. 397; *Teucrum*, v. 537): Designação genérica para os Troianos, por conta de um de seus ancestrais de nome Teucro. Vide **Teucro**.

Tíade (*Thyas*, v. 302): Nome dado às seguidoras de Baco, que entravam em transe e saíam de si (*êxtase*), para que pudessem ser tomadas pelo deus (*entusiasmo*). Dido, inflamada pelo amor de Eneias, é comparada a uma Tíade.

Tigres da Hircânia (*Hyrcaeniae...tigres*, v. 367): Dido, magoada, responde a Eneias dizendo que Dárdanos não é o pai da raça dos Troianos, mas o Cáucaso, que se eriça com seus duros rochedos, é que o havia engendrado, e os tigres da Hircânia o amamentaram. Vide **Dido**.

Tiranos dos Nômades (*Nomadum tyrani*, v. 320): O fato de Dido ter tomado Eneias como amante desperta o ódio dos tiranos ou príncipes dos Nômades, segundo ela mesma afirma ao herói.

Tírio, Tíria, Tírios (*Tyrios*, v. 104; *Tyriis*, v. 111; *Tyrii*, v. 162; *Tyria*, v. 224; *Tyrio*, v. 262; *Tyrii*, v. 321; *Tyrios*, v. 468; *Tyriis*, v. 544; *Tyrii*, v. 622): Proveniente de Tiro, cidade Fenícia, de onde os colonos cartagineses são oriundos.

Tírios Hostis (*infensi Tyrii*, v. 321): O amor de Dido a Eneias atçou a hostilidade dos Tírios, seus conterrâneos, contra a rainha.

Tiro (*Tyro*, v. 36; *Tyro*, v. 43; *Tyros*, v. 670): Cidade importante da Fenícia, de onde provém Dido. A morte de

Dido produz um rumor tal que parece a destruição de Cartago ou de Tiro. Atualmente, a cidade ainda se chama Tiro e faz parte do Líbano. Vide **Tiro**, no Livro I da *Eneida*.

Titã (*Titan*, v. 119): Hipérion, um dos Titãs, pai de Hélios, o Sol, frequentemente tomado pelo próprio Sol.

Títonos (*Tithoni*, v. 585): Irmão de Príamo, casado com Aurora. A deusa pediu a Zeus a imortalidade para o seu marido, mas esqueceu de pedir a juventude. Aurora continua bela e jovem, enquanto Títonos, imortal, encontrava-se, a cada dia, mais decrépito.

Troia (*Troia*, v. 111; *Troia*, v. 312; *Troia*, v. 313): Troia, cidade da Ásia Menor destruída pelos Gregos, de onde sai Eneas, incumbido pelos deuses de fundar uma nova cidade – a futura Roma. Vide **Troia**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Troiano, Troiana (*Troianus*, v. 124; *Troiana*, v. 162; *Troianus*, v. 165; *Troiano*, v. 191; *Troianam*, v. 342; *Troianam*, v. 425): Troiano, de Troia.

V

Varão Nefando (*nefandi...uiri*, v. 497-498): Eneias, no dizer de Dido, é um homem nefando, portanto, não permitido pelos deuses ou de nome impronunciável.

Vênus (*Veneris*, v. 33; *Venerem*, v. 92; *Venus*, v. 107; *Veneris*, v. 163): Deusa da beleza e do amor, mãe de Eneias. No trecho do verso 33, Vênus está com o sentido do prazer amoroso. A deusa sabe que o desejo de Juno é desviar Eneias de seu objetivo, a Itália, fixando-o em Cartago, assim ele não construiria as bases do futuro império Romano e, por conseguinte, a cidade que Dido constrói não seria destruída. Vênus finge, então, aceitar a união de Dido e Eneias, proposta por Juno. Fingindo submissão, a deusa diz estar inquieta com o destino do herói e não estar certa de Júpiter querer unir os dois povos, Tírios e Troianos, mas que ela seguirá Juno se esta conseguir que o deus supremo permita a união das duas cidades em uma só. Diante da disposição de Juno em dobrar Júpiter, a respeito do destino de Eneias, e em tramar para que o herói se veja só com Dido numa caverna, protegendo-se de uma tempestade por ela enviada, Vênus concorda e ri do dolo por ela imaginado contra a rainha dos deuses (*adnuit atque dolis risit Cytherea repertis*, verso 128).

Vestes Ilíacas (*Iliacas uestis*, v. 648): Roupas Troianas de Eneias, que haviam ficado com Dido e que permanecem sobre o seu leito, no momento de seu suicídio.

X

Xantos (*Xanthi*, v. 143): Rio que banha a planície de Troia, também conhecido como Escamandros.

Z

Zéfiros (*Zephyros*, v. 223; *Zephyros*, v. 562): Ventos que Mercúrio vai chamar para ajudá-lo a descer até Cartago. Estes mesmos Zéfiros sopram favoráveis a Eneias para a sua partida, conforme diz Mercúrio ao Herói, na sua segunda advertência – *nec Zephyros audis spirare secundus?* (verso 562). Vento do Oeste, brando e tépido, relacionado a Ζέφυρος, na tradição Grega. Na Torre dos Ventos, em Atenas, é Zéfiro quem traz as flores primaveris. Para Hesíodo, Zéfiro, juntamente com Bóreas e Notos é um dos filhos de ânimo poderoso ou violento (Ἄστραίῳ δ' Ἡὼς ἀνέμους τέκε καρτεροθύμους, verso 378), gerados por Aurora e Astreu (*Teogonia*, versos 378-382). Para Ovídio, o Zéfiro é vizinho do Ocidente e dos litorais amornados pelo sol poente (*Metamorfoses*, Livro I, versos 63-64). Vide **Zéfiros**, nos Livros I, II e III da *Eneida*.

Texto Latino do Livro IV da *Eneida*
(705 Versos)

Liber quartus

At regina graui iamdudum saucia cura
uolnus alit uenis et caeco carpitur igni.
Multa uiri uirtus animo multusque recursat
gentis honos; haerent infixi pectore uoltus
uerbaque, nec placidam membris dat cura quietem.

5

Postera Phoebea lustrabat lampade terras
umentemque Aurora polo dimouerat umbram,
cum sic unanimam adloquitur male sana sororem:
«Anna soror, quae me suspensam insomnia terrent!
quis nouos hic nostris successit sedibus hospes,

10

quem sese ore ferens, quam forti pectore et armis!
Credo equidem, nec uana fides, genus esse deorum.
Degeneres animos timor arguit. Heu, quibus ille
iactatus fatis! quae bella exhausta canebat!
Si mihi non animo fixum immotumque sederet

15

ne cui me uinclo uellem sociare iugali,
postquam primus amor deceptam morte fefellit;
si non pertaesum thalami taedaeque fuisset,
huic uni forsán potui succumbere culpae.
Anna, fatebor enim, miseri post fata Sychaei

20

coniugis et sparsos fraterna caede penatis
solus hic inflexit sensus animumque labantem
impulit. Agnosco ueteris uestigia flammae.
Sed mihi uel tellus optem prius ima dehiscat

uel pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras,

25

pallentis umbras Erebo noctemque profundam,
ante, pudor, quam te uiolo aut tua iura resoluo.
Ille meos, primus qui me sibi iunxit, amores
abstulit; ille habeat secum seruetque sepulcro.»
Sic effata sinum lacrimis impleuit obortis.

30

Anna refert: «o luce magis dilecta sorori,
solane perpetua maerens carpere iuuenta
nec dulcis natos Veneris nec praemia noris?
id cinerem aut manis credis curare sepultos?
Esto: aegram nulli quondam flexere mariti,

35

non Libyae, non ante Tyro; despectus Iarbas
ductoresque alii, quos Africa terra triumphis
diues alit; placitone etiam pugnabis amori?
Nec uenit in mentem quorum consederis aruis?
hinc Gaetulae urbes, genus insuperabile bello,

40

et Numidae infreni cingunt et inhospita Syrtis;
hinc deserta siti regio lateque furentes
Barcaei. Quid bella Tyro surgentia dicam
germanique minas?
Dis equidem auspiciis reor et Iunone secunda

45

hunc cursum Iliacas uento tenuisse carinas.
Quam tu urbem, soror, hanc cernes, quae surgere regna
coniugio tali! Teucrum comitantibus armis
Punica se quantis attollet gloria rebus!

Tu modo posce deos ueniam, sacrisque litatis

50

indulge hospitio causasque innecte morandi,
dum pelago desaeuit hiems et aquosus Orion,
quassataeque rates, dum non tractabile caelum.»

His dictis impenso animum flammauit amore
spemque dedit dubiae menti soluitque pudorem.

55

Principio delubra adeunt pacemque per aras
exquirunt; mactant lectas de more bidentis
legiferae Cereri Phoeboque patrique Lyaeo,
Iunoni ante omnis, cui uincla iugalia curae.
ipsa tenens dextra pateram pulcherrima Dido

60

candentis uaccae media inter cornua fundit,
aut ante ora deum pinguis spatatur ad aras,
instauratque diem donis, pecudumque reclusis
pectoribus inhians spirantia consulit exta.
Heu, uatum ignarae mentes! quid uota furentem,

65

quid delubra iuuant? est mollis flamma medullas
interea et tacitum uiuit sub pectore uolnus.

Vritur infelix Dido totaque uagatur
urbe furens, qualis coniecta cerua sagitta,
quam procul incautam nemora inter Cresia fixit

70

pastor agens telis liquitque uolatile ferrum
nescius; illa fuga siluas saltusque peragrat
Dictaeos; haeret lateri letalis harundo.
Nunc media Aenean secum per moenia ducit

Sidoniasque ostentat opes urbemque paratam,

75

incipit effari mediaque in uoce resistit;
Nunc eadem labente die conuiuia quaerit,
Iliacosque iterum demens audire labores
exposcit pendetque iterum narrantis ab ore.
Post ubi digressi, lumenque obscura uicissim

80

luna premit suadentque cadentia sidera somnos,
sola domo maeret uacua stratisque relictis
incubat: illum absens absentem auditque uidetque,
aut gremio Ascanium genitoris imagine capta
detinet, infandum si fallere possit amorem.

85

Non coeptae adsurgunt turrets, non arma iuuentus
exercet portusue aut propugnacula bello
tuta parant; pendent opera interrupta minaeque
murorum ingentes aequataque machina caelo.

Quam simul ac tali persensit peste teneri

90

cara louis coniunx nec famam obstare furori,
talibus adgreditur Venerem Saturnia dictis:
«Egregiam uero laudem et spolia ampla refertis
tuque puerque tuus; magnum et memorabile numen
una dolo diuom si femina uicta duorum est.

95

Nec me adeo fallit ueritam te moenia nostra
suspectas habuisse domos Karthaginis altae.
Sed quis erit modus, aut quo nunc certamine tanto?
Quin potius pacem aeternam pactosque hymenaeos

exercemus? habes tota quod mente petisti:

100

ardet amans Dido traxitque per ossa furorem.
Communem hunc ergo populum paribusque regamus
auspiciis; liceat Phrygio seruire marito
dotalisque tuae Tyrios permittere dextrae.»

Olli (sensit enim simulata mente locutam,

105

quo regnum Italiae Libycas auerteret oras)
sic contra est ingressa Venus: «Quis talia demens
abnuat aut tecum malit contendere bello?
si modo quod memoras factum fortuna sequatur.
Sed fati incerta feror, si Iuppiter unam

110

esse uelit Tyriis urbem Troiaque profectis,
misceriue probet populos aut foedera iungi.
Tu coniunx, tibi fas animum temptare precando.
Perge, sequar.» Tum sic excepit regia Iuno:
«Mecum erit iste labor; nunc qua ratione quod instat

115

confieri possit, paucis (aduerte) docebo.
Venatum Aeneas unaque miserrima Dido
in nemus ire parant, ubi primos crastinus ortus
extulerit Titan radiisque retexerit orbem.
His ego nigrantem commixta grandine nimbium,

120

dum trepidant alae saltusque indagine cingunt,
desuper infundam et tonitru caelum omne ciebo.
Diffugient comites et nocte tegentur opaca:
speluncam Dido dux et Troianus eandem

deuenient. Adero et, tua si mihi certa uoluntas,
125

conubio iungam stabili propriamque dicabo.
hic hymenaeus erit.» Non aduersata petenti
adnuat atque dolis risit Cytherea repertis.

Oceanum interea surgens Aurora reliquit.
It portis iubare exorto delecta iuuentus,
130

retia rara, plagae, lato uenabula ferro,
Massylique ruont equites et odora canum uis.
Reginam thalamo cunctantem ad limina primi
Poenorum exspectant, ostroque insignis et auro
stat sonipes ac frena ferox spumantia mandit.

135
Tandem progreditur magna stipante caterua
Sidoniam picto chlamydem circumdata limbo;
cui pharetra ex auro, crines nodantur in aurum,
aurea purpuream subnectit fibula uestem.
Nec non et Phrygii comites et laetus Iulus

140
incedunt. Ipse ante alios pulcherrimus omnis
infert se socium Aeneas atque agmina iungit.
Qualis ubi hibernam Lyciam Xanthique fluenta
deserit ac Delum maternam inuisit Apollo
instauratque choros, mixtique altaria circum

145
Cretesque Dryopesque fremunt pictique Agathyrsi,
ipse iugis Cynthi graditur mollique fluentem
fronde premit crinem fingens atque implicat auro,
tela sonant umeris: haud illo signior ibat

Aeneas, tantum egregio decus enitet ore.

150

Postquam altos uentum in montis atque inuia lustra,
ecce ferae saxi deiectae uertice caprae
decurrere iugis; alia de parte patentis
transmittunt cursu campos atque agmina cerui
puluerculenta fuga glomerant montisque relinquunt.

155

At puer Ascanius mediis in uallibus acri
gaudet equo iamque hos cursu, iam praeterit illos,
spumantemque dari pecora inter inertia uotis
optat aprum, aut fuluum descendere monte leonem.

Interea magno misceri murmure caelum

160

incipit, insequitur commixta grandine nimbus,
et Tyrii comites passim et Troiana iuuentus
Dardaniusque nepos Veneris diuersa per agros
tectata metu petiere; ruunt de montibus amnes.
Speluncam Dido dux et Troianus eandem

165

deueniunt. Prima et Tellus et pronuba Iuno
dant signum; fulsere ignes et conscius aether
conubiis, summoque ulularunt uertice Nymphae.
Ille dies primus leti primusque malorum
causa fuit; neque enim specie famaue mouetur

170

nec iam furtiuo Dido meditatur amorem:
coniugium uocat, hoc praetexit nomine culpam.

Extemplo Libyae magnas it fama per urbes,
fama, malum qua non aliud uelocius ullum:

mobilitate uiget uirisque adquirit eundo;

175

parua metu primo, mox sese attollit in auras
ingrediturque solo et caput inter nubila condit.
Illam Terra parens ira inritata deorum
extremam, ut perhibent, Coeo Enceladoque sororem
progenuit pedibus celerem et perniciousis alis,

180

monstrum horrendum, ingens, cui quot sunt corpore plumae,
tot uigiles oculi subter (mirabile dictu),
tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit auris.
nocte uolat caeli medio terraeque per umbram
stridens, nec dulci declinat lumina somno;

185

luce sedet custos aut summi culmine tecti
turribus aut altis, et magnas territat urbes,
tam ficti prauisque tenax quam nuntia ueri.
Haec tum multiplici populos sermone replebat
gaudens, et pariter facta atque infecta canebat:

190

uenisse Aenean Troiano sanguine cretum,
cui se pulchra uiro dignetur iungere Dido;
nunc hiemem inter se luxu, quam longa, fouere
regnum immemores turpique cupidine captos.
Haec passim dea foeda uirum diffundit in ora.

195

Protinus ad regem cursus detorquet Iarban
incenditque animum dictis atque aggerat iras.

Hic Hammone satus rapta Garamantide nymphea
templa loci centum latis immania regnis,

centum aras posuit uigilemque sacrauerat ignem,
200

excubias diuom aeternas, pecudumque cruore
pingue solum et uariis florentia limina sertis.
Isque amens animi et rumore accensus amaro
dicitur ante aras media inter numina diuom
multa louem manibus supplex orasse supinis:

205

«Iuppiter omnipotens, cui nunc Maurusia pictis
gens epulata toris Lenaeum libat honorem,
aspicis haec? an te, genitor, cum fulmina torques,
nequiquam horremus, caecique in nubibus ignes
terrificant animos et inania murmura miscent?

210

Femina, quae nostris errans in finibus urbem
exiguam pretio posuit, cui litus arandum
cuique loci leges dedimus, conubia nostra
reppulit ac dominum Aenean in regna recepit.
Et nunc ille Paris cum semiuiro comitatu,

215

Maeonia mentum mitra crinemque madentem
subnixus, raptu potitur: nos munera templis
quippe tuis ferimus famamque fouemus inanem.»

Talibus orantem dictis arasque tenentem
audiit Omnipotens, oculosque ad moenia torsit

220

regia et oblitos famae melioris amantis.
Tum sic Mercurium adloquitur ac talia mandat:
«Vade age, nate, uoca Zephyros et labere pennis
Dardaniumque ducem, Tyria Karthagine qui nunc

exspectat fatisque datas non respicit urbes,

225

adloquere et celeris defer mea dicta per auras.

Non illum nobis genetrix pulcherrima talem

promisit Graiumque ideo bis uindicat armis;

sed fore qui grauidam imperiis belloque frementem

Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucris

230

proderet, ac totum sub leges mitteret orbem.

Si nulla accendit tantarum gloria rerum

nec super ipse sua molitur laude laborem,

Ascanione pater Romanas inuidet arces?

Quid struit? aut qua spe inimica in gente moratur

235

nec prolem Ausoniam et Lauinia respicit arua?

nauiget! haec summa est, hic nostri nuntius esto.»

Dixerat. Ille patris magni parere parabat

imperio; et primum pedibus talaria nectit

aurea, quae sublimem alis siue aequora supra

240

seu terram rapido pariter cum flamine portant.

Tum uirgam capit: hac animas ille euocat Orco

pallentis, alias sub Tartara tristia mittit,

dat somnos adimitque, et lumina morte resignat.

Illa fretus agit uentos et turbida tranat

245

nubila. Iamque uolans apicem et latera ardua cernit

Atlantis duri caelum qui uertice fulcit,

Atlantis, cinctum adsidue cui nubibus atris

piniferum caput et uento pulsatur et imbri,

nix umeros infusa tegit, tum flumina mento

250

praecipitant senis et glacie riget horrida barba.
Hic primum paribus nitens Cyllenius alis
constitit; hinc toto praeceps se corpore ad undas
misit aui similis, quae circum litora, circum
piscosos scopulos humilis uolat aequora iuxta.

255

Haud aliter terras inter caelumque uolabat
litus harenosum ad Libyae, uentosque secabat
materno ueniens ab auo Cyllenia proles.

Ut primum alatis tetigit magalia plantis,
Aenean fundantem arces ac tecta nouantem

260

conspicit. Atque illi stellatus iaspide fulua
ensis erat Tyrioque ardebat murice laena
demissa ex umeris, diues quae munera Dido
fecerat, et tenui telas discreuerat auro.

Continuo inuadit: «Tu nunc Karthaginis altae

265

fundamenta locas pulchramque uxorius urbem
exstruis? heu, regni rerumque oblite tuarum!
Ipse deum tibi me claro demittit Olympo
regnator, caelum et terras qui numine torquet,
ipse haec ferre iubet celeris mandata per auras:

270

quid struis? aut qua spe Libycis teris otia terris?
Si te nulla mouet tantarum gloria rerum
[nec super ipse tua moliris laude laborem]
Ascanium surgentem et spes heredis Iuli

respice, cui regnum Italiae Romanaque tellus
275

debentur.» Tali Cyllenius ore locutus
mortalis uisus medio sermone reliquit
et procul in tenuem ex oculis euanuit auram.

At uero Aeneas aspectu obmutuit amens,
arrectaeque horrore comae et uox faucibus haesit.

280

Ardet abire fuga dulcisque relinquere terras,
attonitus tanto monitu imperioque deorum.
Heu quid agat? quo nunc reginam ambire furentem
audeat adfatu? quae prima exordia sumat?
Atque animum nunc huc celerem nunc diuidit illuc

285

in partisque rapit uarias perque omnia uersat.
Haec alternanti potior sententia uisa est:
Mnesthea Sergestumque uocat fortemque Serestum,
classem aptent taciti sociosque ad litora cogant,
arma parent et quae rebus sit causa nouandis

290

dissimulent; sese interea, quando optima Dido
nesciat et tantos rumpi non speret amores,
temptaturum aditus et quae mollissima fandi
tempora, quis rebus dexter modus. Ocius omnes
imperio laeti parent et iussa facessunt.

295

At regina dolos (quis fallere possit amantem?)
praesensit, motusque exceptit prima futuros
omnia tuta timens. Eadem impia Fama furenti
detulit, armari classem cursumque parari.

Saeuit inops animi totamque incensa per urbem
300

bacchatur, qualis commotis excita sacris
Thyias, ubi audito stimulant trieterica Baccho
orgia nocturnusque uocat clamore Cithaeron.
Tandem his Aenean compellat uocibus ultro:
«Dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum

305

posse nefas tacitusque mea decedere terra?
nec te noster amor nec te data dextera quondam
nec moritura tenet crudeli funere Dido?
Quin etiam hiberno moliri sidere classem
et mediis properas Aquilonibus ire per altum,

310

crudelis? quid, si non arua aliena domosque
ignotas peteres, et Troia antiqua maneret,
Troia per undosum peteretur classibus aequor?
mene fugis? Per ego has lacrimas dextramque tuam te
(quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui),

315

per conubia nostra, per inceptos hymenaeos,
si bene quid de te merui, fuit aut tibi quicquam
dulce meum, miserere domus labentis et istam,
oro, si quis adhuc precibus locus, exue mentem.
Te propter Libycae gentes Nomadumque tyranni

320

odere, infensi Tyrii; te propter eundem
extinctus pudor et, qua sola sidera adibam,
fama prior. Cui me moribundam deseris hospes
(hoc solum nomen quoniam de coniuge restat)?

Quid moror? an mea Pygmalion dum moenia frater
325

destruat aut captam ducat Gaetulus Iarbas?
Saltem si qua mihi de te suscepta fuisset
ante fugam suboles, si quis mihi paruolus aula
luderet Aeneas, qui te tamen ore referret,
non equidem omnino capta ac deserta uiderer.»

330

Dixerat. Ille Iouis monitis immota tenebat
lumina et obnixus curam sub corde premebat.
Tandem pauca refert: «Ego te, quae plurima fando
enumerare uales, numquam, regina, negabo
promeritam, nec me meminisse pigebit Elissae

335

dum memor ipse mei, dum spiritus hos regit artus.
Pro re pauca loquar. Neque ego hanc abscondere furto
speraui (ne finge) fugam, nec coniugis umquam
praetendi taedas aut haec in foedera ueni.
Me si fata meis paterentur ducere uitam

340

auspiciis et sponte mea componere curas,
urbem Troianam primum dulcisque meorum
reliquias colerem, Priami tecta alta manerent,
et recidua manu posuissem Pergama uictis;
sed nunc Italiam magnam Gryneus Apollo,

345

Italiam Lyciae iussere capessere sortes;
hic amor, haec patria est. Si te Karthaginis arces
Phoenissam Libycaeque aspectus detinet urbis,
quae tandem Ausonia Teucros considerare terra

inuidia est? Et nos fas extera quaerere regna.

350

Me patris Anchisae, quotiens umentibus umbris
nox operit terras, quotiens astra ignea surgunt,
admonet in somnis et turbida terret imago;
me puer Ascanius capitisque iniuria cari,
quem regno Hesperiae fraudo et fatalibus aruis.

355

Nunc etiam interpres diuom loue missus ab ipso
(testor utrumque caput) celeris mandata per auras
detulit; ipse deum manifesto in lumine uidi
intransem muros uocemque his auribus hausi.
Desine meque tuis incendere teque querelis;

360

Italiam non sponte sequor.»

Talia dicentem iamdudum auersa tuetur
huc illuc uoluens oculos totumque pererrat
luminibus tacitis et sic accensa profatur:
«Nec tibi diua parens generis nec Dardanus auctor,

365

perfide, sed duris genuit te cautibus horrens
Caucasus Hyrcanaeque admorunt ubera tigres.
nam quid dissimulo aut quae me ad maiora reseruo?
num fletu ingemuit nostro? num lumina flexit?
num lacrimas uictus dedit aut miseratus amantem est?

370

quae quibus anteferam? iam iam nec maxima luno
nec Saturnius haec oculis pater aspicit aequis;
nusquam tuta fides. Eiectum litore, egentem
excepi et regni demens in parte locaui ;

amissam classem, socios a morte reduxi;

375

heu furiis incensa feror! Nunc augur Apollo,
nunc Lyciae sortes, nunc et loue missus ab ipso
interpres diuom fert horrida iussa per auras;
scilicet is superis labor est, ea cura quietos
sollicitat. Neque te teneo neque dicta refello:

380

i, sequere Italiam uentis, pete regna per undas.
Spero equidem mediis, si quid pia numina possunt,
supplicia hausurum scopulis et nomine Dido
saepe uocaturum. Sequar atris ignibus absens
et, cum frigida mors anima seduxerit artus,

385

omnibus umbra locis adero. Dabis, improbe, poenas.
Audiam et haec Manis ueniet mihi fama sub imos.»
His medium dictis sermonem abrumpit et auras
aegra fugit seque ex oculis auertit et aufert,
linquens multa metu cunctantem et multa parantem

390

dicere. Suscipiunt famulae conlapsaque membra
marmoreo referunt thalamo stratisque reponunt.

At pius Aeneas, quamquam lenire dolentem
solando cupit et dictis auertere curas,
multa gemens magnoque animum labefactus amore

395

iussa tamen diuom exsequitur classemque reuisit.
Tum uero Teucri incumbunt et litore celsas
deducunt toto nauis; natat uncta carina,
frondentisque ferunt remos et robora siluis

infabricata fugae studio.

400

Migrantis cernas totaque ex urbe ruentis.
Ac uelut ingentem formicae farris aceruom
cum populant hiemis memores tectoque reponunt,
it nigrum campis agmen praedamque per herbas
conuectant calle angusto; pars grandia trudunt

405

obnixae frumenta umeris, pars agmina cogunt
castigantque moras, opere omnis semita feruet.

Quis tibi tum, Dido, cernenti talia sensus,
quosue dabas gemitus, cum litora feruere late
prospiceres arce ex summa, totumque uideres

410

misceri ante oculos tantis clamoribus aequor!
Improbe Amor, quid non mortalia pectora cogis!
Ire iterum in lacrimas, iterum temptare precando
cogitur et supplex animos summittere amori,
ne quid inexpertum frustra moritura relinquat.

415

«Anna, uides toto properari litore circum:
undique conuenere; uocat iam carbasus auras,
puppibus et laeti nautae imposuere coronas.
Hunc ego si potui tantum sperare dolorem,
et perferre, soror, potero. Miserae hoc tamen unum

420

exsequere, Anna, mihi; solam nam perfidus ille
te colere, arcanos etiam tibi credere sensus;
sola uiri mollis aditus et tempora noras:
i, soror, atque hostem supplex adfare superbum;

non ego cum Danais Troianam excindere gentem

425

Aulide iuravi classemue ad Pergama misi,
nec patris Anchisae cineres manisue reuelli:
cur mea dicta negat duras demittere in auris?
Quo ruit? extremum hoc miserae det munus amanti:
exspectet facilemque fugam uentosque ferentis.

430

Non iam coniugium antiquom, quod prodidit, oro,
nec pulchro ut Latio careat regnumque relinquat:
tempus inane peto, requiem spatiumque furori,
dum mea me uictam doceat fortuna dolere.
Extremam hanc oro ueniam (miserere sororis),

435

quam mihi cum dederit cumulatam morte remittam.»

Talibus orabat, talisque miserrima fletus
fertque refertque soror. Sed nullis ille mouetur
fletibus, aut uoces ullas tractabilis audit;
fata obstant placidasque uiri deus obstruit auris.

440

Ac uelut annoso ualidam cum robore quercum
Alpini Boreae nunc hinc nunc flatibus illinc
eruere inter se certant; it stridor, et altae
consternunt terram concusso stipite frondes;
ipsa haeret scopulis et quantum uertice ad auras

445

aetherias, tantum radice in Tartara tendit:
haud secus adsiduis hinc atque hinc uocibus heros
tunditur, et magno persentit pectore curas;
mens immota manet, lacrimae uoluontur inanes.

Tum uero infelix fatis exterrita Dido

450

mortem orat; taedet caeli conuexa tueri.
Quo magis inceptum peragat lucemque relinquat,
uidit, turicremis cum dona imponeret aris,
(horrendum dictu) latices nigrescere sacros
fusaque in obscenum se uertere uina cruorem;

455

hoc uisum nulli, non ipsi effata sorori.
Praeterea fuit in tectis de marmore templum
coniugis antiqui, miro quod honore colebat,
uelleribus niueis et festa fronde reuinctum:
hinc exaudiri uoces et uerba uocantis

460

uisa uiri, nox cum terras obscura teneret,
solaque culminibus ferali carmine bubo
saepe queri et longas in fletum ducere uoces;
multaque praeterea uatum praedicta priorum
terribili monitu horrificant. Agit ipse furem

465

in somnis feras Aeneas, semperque relinqui
sola sibi, semper longam incommitata uidetur
ire uiam et Tyrios deserta quaerere terra,
Eumenidum ueluti demens uidet agmina Pentheus
et solem geminum et duplices se ostendere Thebas,

470

aut Agamemnonius scaenis agitatus Orestes,
armatam facibus matrem et serpentibus atris
cum fugit ultricesque sedent in limine Dirae.

Ergo ubi concepit furias euicta dolore

decreuitque mori, tempus secum ipsa modumque
475

exigit, et maestam dictis adgressa sororem
consilium uoltu tegit ac spem fronte serenat:
«inueni, germana, uiam (gratare sorori)
quae mihi reddat eum uel eo me soluat amantem.
Oceani finem iuxta solemque cadentem

480

ultimus Aethiopum locus est, ubi maximus Atlas
axem umero torquet stellis ardentibus aptum:
hinc mihi Massylae gentis monstrata sacerdos,
Hesperidum templi custos, epulasque draconi
quae dabat et sacros seruabat in arbore ramos,

485

spargens umida mella soporiferumque papauer.
Haec se carminibus promittit soluere mentes
quas uelit, ast aliis duras immittere curas,
sistere aquam fluiuis et uertere sidera retro,
nocturnosque mouet Manis: mugire uidebis

490

sub pedibus terram et descendere montibus ornos.
Testor, cara, deos et te, germana, tuoque
dulce caput, magicas inuitam accingier artis.
Tu secreta pyram tecto interiore sub auras
erige, et arma uiri thalamo quae fixa reliquit

495

impius exuiasque omnis, lectumque iugalem
quo perii, super imponas: abolere nefandi
cuncta uiri monimenta iuuat monstratque sacerdos.»
Haec effata silet, pallor simul occupat ora.

Non tamen Anna nouis praetexere funera sacris

500

germanam credit, nec tantos mente furores
concipit aut grauiora timet quam morte Sychaei.
Ergo iussa parat.

At regina, pyra penetrali in sede sub auras
erecta ingenti taedis atque ilice secta,

505

intenditque locum sertis et fronde coronat
funerea; super exuuias ensemque relictum
effigiemque toro locat haud ignara futuri.
Stant arae circum et crinis effusa sacerdos
ter centum tonat ore deos, Erebumque Chaosque

510

tergeminamque Hecaten, tria uirginis ora Dianae.
Sparserat et latices simulatos fontis Auerni,
falciibus et messae ad lunam quaeruntur aenis
pubentes herbae nigri cum lacte ueneni;
quaeritur et nascentis equi de fronte reuolsus

515

et matri praereptus amor.

Ipsa mola manibusque piis altaria iuxta
unum exuta pedem uinclis, in ueste recincta,
testatur moritura deos et conscia fati
sidera; tum, si quod non aequo foedere amantis

520

curae numen habet iustumque memorque, precatur.

Nox erat et placidum carpebant fessa soporem
corpora per terras, siluaeque et saeua quierant
aequora, cum medio uoluuntur sidera lapsu,

cum tacet omnis ager, pecudes pictaeque uolucres,
525

quaeque lacus late liquidos quaeque aspera dumis
rura tenent, somno positae sub nocte silenti.
[Lenibant curas et corda oblita laborum.]

At non infelix animi Phoenissa neque umquam
soluitur in somnos oculisue aut pectore noctem
530

accipit: ingeminant curae rursusque resurgens
saeuit amor magnoque irarum fluctuat aestu.
Sic adeo insistit secumque ita corde uolutat:
«En, quid ago? rursusne procos inrisa priores
experiar, Nomadumque petam conubia supplex,
535

quos ego sim totiens iam dedignata maritos?
Iliacas igitur classis atque ultima Teucrum
iussa sequar? quiane auxilio iuuat ante leuatos
et bene apud memores ueteris stat gratia facti?
quis me autem, fac uelle, sinet ratibusue superbis
540

inuisam accipiet? nescis heu, perdita, necdum
Laomedontee sentis periuria gentis?
Quid tum? sola fuga nautas comitabor ouantis?
An Tyriis omnique manu stipata meorum
inferar et, quos Sidonia uix urbe reuelli,
545

rursus agam pelago et uentis dare uela iubebo?
Quin morere ut merita es, ferroque auerte dolorem.
Tu lacrimis euicta meis, tu prima furentem
his, germana, malis oneras atque obicis hosti.

Non licuit thalami expertem sine crimine uitam
550

degere more ferae, talis nec tangere curas;
non seruata fides cineri promissa Sychaeo.»

Tantos illa suo rumpebat pectore questus;
Aeneas celsa in puppi iam certus eundi
carpebat somnos rebus iam rite paratis.

555

Huic se forma dei uoltu redeuntis eodem
obtulit in somnis rursusque ita uisa monere est,
omnia Mercurio similis, uocemque coloremque
et crinis flauos et membra decora iuuentae:

«Nate dea, potes hoc sub casu ducere somnos,

560

nec quae te circum stent deinde pericula cernis,
demens, nec Zephyros audis spirare secundos?

Illa dolos dirumque nefas in pectore uersat
certa mori, uariosque irarum concitat aestus.

Non fugis hinc praeceps, dum praecipitare potestas?

565

Iam mare turbari trabibus saeuasque uidebis
conlucere faces, iam feruere litora flammis,
si te his attigerit terris Aurora morantem.

Heia age, rumpe moras. Varium et mutabile semper
femina.» Sic fatus nocti se immiscuit atrae.

570

Tum uero Aeneas subitis exterritus umbris
corripit e somno corpus sociosque fatigat
praecipitis: «Vigilate, uiri, et considite transtris;
soluite uela citi. Deus aethere missus ab alto

festinare fugam tortosque incidere funis

575

ecce iterum instimulat. Sequimur te, sancte deorum,
quisquis es, imperioque iterum paremus ouantes.

Adsis o placidusque iuues et sidera caelo
dextra feras.» Dixit uaginaque eripit ensem
fulmineum strictoque ferit retinacula ferro.

580

Idem omnis simul ardor habet, rapiuntque ruontque;
litora deseruere, latet sub classibus aequor,
adnixi torquent spumas et caerula uerrunt.

Et iam prima nouo spargebat lumine terras
Tithoni croceum linquens Aurora cubile.

585

Regina e speculis ut primam albescere lucem
uidit et aequatis classem procedere uelis,
litoraque et uacuos sensit sine remige portus,
terque quaterque manu pectus percussa decorum
flauentisque abscissa comas «Pro Iuppiter! ibit

590

hic,» ait «et nostris inluserit aduena regnis?
Non arma expedient totaque ex urbe sequentur,
diripientque rates alii naualibus? ite,
ferte citi flammis, date tela, impellite remos!
Quid loquor? aut ubi sum? quae mentem insania mutat?

595

infelix Dido, nunc te facta impia tangunt?
Tum decuit, cum sceptrum dabas. En dextra fidesque,
quem secum patrios aiunt portare penatis,
quem subiisse umeris confectum aetate parentem!

Non potui abreptum diuellere corpus et undis

600

spargere? non socios, non ipsum absumere ferro
Ascanium patriisque epulandum ponere mensis?
Verum anceps pugnae fuerat fortuna. – Fuisset:
quem metui moritura? Faces in castra tulissem
implessemque foros flammis natumque patremque

605

cum genere exstinxem, memet super ipsa dedissem.

Sol, qui terrarum flammis opera omnia lustras,
tuque harum interpres curarum et conscia luno,
nocturnisque Hecate triuiis ululata per urbes
et Dirae ultrices et di morientis Elissae,

610

accipite haec, meritumque malis aduertite numen
et nostras audite preces. Si tangere portus
infandum caput ac terris adnare necesse est,
et sic fata louis poscunt, hic terminus haeret,
at bello audacis populi uexatus et armis,

615

finibus extorris, complexu auolsus luli
auxilium imploret uideatque indigna suorum
funera; nec, cum se sub leges pacis iniquae
tradiderit, regno aut optata luce fruatur,
sed cadat ante diem mediaque inhumatus harena.

620

Haec precor, hanc uocem extremam cum sanguine fundo.
Tum uos, o Tyrii, stirpem et genus omne futurum
exercete odiis, cinerique haec mittite nostro
munera. Nullus amor populis nec foedera sunt.

Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor

625

qui face Dardanios ferroque sequare colonos,
nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires.
Litora litoribus contraria, fluctibus undas
imprecor, arma armis: pugnent ipsique nepotesque.»

Haec ait, et partis animum uersabat in omnis,

630

inuisam quaerens quam primum abrumpere lucem.
Tum breuiter Barcen nutricem adfata Sychaei,
namque suam patria antiqua cinis ater habebat:
«Annam, cara mihi nutrix, huc siste sororem:
dic corpus properet fluuiali spargere lympha,

635

et pecudes secum et monstrata piacula ducat.
Sic ueniat, tuque ipsa pia tege tempora uitta.
Sacra loui Stygio, quae rite incepta parauit,
perficere est animus finemque imponere curis
Dardaniique rogum capitis permittere flammae.»

640

Sic ait. Illa gradum studio celebrabat anili.

At trepida et coeptis immanibus effera Dido
sanguineam uoluens aciem, maculisque tremantis
interfusa genas et pallida morte futura,
interiora domus inrumpit limina et altos

645

consendit furibunda rogos ensemque recludit
Dardanium, non hos quaesitum munus in usus.
Hic, postquam Iliacas uestis notumque cubile
conspexit, paulum lacrimis et mente morata

incubuitque toro dixitque nouissima uerba:

650

«Dulces exuuiae, dum fata deusque sinebat,
accipite hanc animam meque his exsoluite curis.
Vixi et quem dederat cursum Fortuna peregi,
et nunc magna mei sub terras ibit imago.
Vrbem praeclaram statui, mea moenia uidi,

655

ulta uirum poenas inimico a fratre recepi,
felix, heu nimium felix, si litora tantum
numquam Dardaniae tetigissent nostra carinae.»
Dixit, et os impressa toro «Moriemur inultae,
sed moriamur» ait. «Sic, sic iuuat ire sub umbras.

660

Hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto
Dardanus, et nostrae secum ferat omina mortis.»

Dixerat, atque illam media inter talia ferro
conlapsam aspiciunt comites, ensemque cruore
spumantem sparsasque manus. It clamor ad alta

665

atria: concussam bacchatur Fama per urbem.
Lamentis gemituque et femineo ululatu
tectata fremunt, resonat magnis plangoribus aether,
non aliter quam si immissis ruat hostibus omnis
Karthago aut antiqua Tyros, flammaeque furentes

670

culmina perque hominum uoluantur perque deorum.

Audiit exanimis trepidoque exterrita cursu
unguibus ora soror foedans et pectora pugnis
per medios ruit, ac morientem nomine clamat:

«Hoc illud, germana, fuit? me fraude petebas?

675

hoc rogius iste mihi, hoc ignes araeque parabant?
Quid primum deserta querar? comitemne sororem
spreuisti moriens? eadem me ad fata uocasses,
idem ambas ferro dolor atque eadem hora tulisset.
His etiam struxi manibus patriosque uocauit

680

uoce deos, sic te ut posita, crudelis, abessem?
Exstincti te meque, soror, populumque patresque
Sidonios urbemque tuam. Date, uolnera lymphis
abluam et, extremus si quis super halitus errat,
ore legam.» Sic fata gradus euaserat altos,

685

semianimemque sinu germanam amplexa fouebat
cum gemitu atque atros siccabat ueste cruores.
Illa grauis oculos conata attollere rursus
deficit; infixum stridit sub pectore uolnus.
Ter sese attollens cubitoque adnixa leuauit,

690

ter reuoluta toro est oculisque errantibus alto
quaesiuit caelo lucem ingemuitque reperta.

Tum Iuno omnipotens longum miserata dolorem
difficilisque obitus Irim demisit Olympo
quae luctantem animam nexosque resolveret artus.

695

Nam quia nec fato merita nec morte peribat,
sed misera ante diem subitoque accensa furore,
nondum illi flauom Proserpina uertice crinem
abstulerat Stygioque caput damnauerat Orco.

Ergo Iris croceis per caelum roscida pennis

700

mille trahens uarios aduerso sole colores
deuolat et supra caput astitit. «Hunc ego Diti
sacrum iussa fero teque isto corpore soluo.»

Sic ait et dextra crinem secat, omnis et una
dilapsus calor atque in uentos uita recessit.

705

Índice Onomástico

- África** (*Africa*, v. 37)
- Agamemnônio** (*Agamemnonius*, v. 471)
- Agatirsos** (*Agathyrsi*, v. 146)
- Ipinos** (*Alpini*, v. 442)
- Altiva Cartago** (*Karthaginis altae*, v. 265)
- Amor** (*Amor*, v. 412)
- Anna** (*Anna*, v. 9; *Anna*, v. 20; *Anna*, v. 31; *Anna*, v. 416; *Anna*, v. 421; *Anna*, v. 500; *Annam*, v. 634)
- Anquises** (*Anchisae*, v. 351; *Anchisae*, v. 427)
- Apolo** (*Apollo*, v. 144; *Apollo*, v. 345; *Apollo*, v. 376)
- Apolo Águre** (*augur Apollo*, v. 376)
- Apolo Grineus** (*Gryneus Apollo*, v. 345)
- Aquilões** (*Aquilonibus*, v. 310)
- Ascânio** (*Ascanium*, v. 84; *Ascanius*, v. 156; *Ascanio*, v. 234; *Ascanium*, v. 274; *Ascanius*, v. 354; *Ascanium*, v. 602)
- Atlas** (*Atlantis*, v. 247; *Atlantis*, v. 248; *Atlas*, v. 481)
- Áulis** (*Aulide*, v. 426)
- Aurora** (*Aurora*, v. 7; *Aurora*, v. 129; *Aurora*, v. 568; *Aurora*, v. 585)
- Ausônia** (*Ausoniam*, v. 236; *Ausonia*, v. 349)
- Averno** (*Auerni*, v. 512)
- Avô Materno** (*materno...auo*, v. 258)
- Azinheira** (*ilice*, v. 505)
- Baco** (*Baccho*, v. 302)
- Barce** (*Barcen*, v. 632)
- Barceus** (*Barcaei*, v. 43)

Belíssima Dido (*pulcherrima Dido*, v. 60)
Bóreas Alpinos (*Alpini Boreae*, v. 442)
Bosques Crésios (*nemora...Cresia*, v. 70)
Caduceu (*uirgam*, v. 242)
Campos Lavínios (*Lauinia...arua*, v. 236)
Caos (*Chaos*, v. 510)
Cartago (*Karthaginis*, v. 97; *Karthagine*, v. 224; *Karthaginis*, v. 265; *Karthaginis*, v. 347; *Karthago*, v. 670)
Cartago Tíria (*Tyria Karthagine*, v. 224)
Carvalho (*quercum*, v. 441)
Cáucaso (*Caucasus*, v. 367)
Cavaleiros Massílios (*Massyli...equites*, v. 132)
Ceres (*Cereri*, v. 58)
Ceres Legífera (*legiferae Cereri*, v. 58)
Chefe Dardânio (*Dardanium ducem*, v. 224)
Chefe Troiano (*dux...Troianus*, v. 124; *dux...Troianus*, v. 165)
Cidade Líbica (*Libycae...urbis*, v. 348)
Cidade Preclara (*Vrbem praeclaram*, v. 655)
Cidade Sidônia (*Sidonia...urbe*, v. 545)
Cidade Troiana (*urbem Troianam*, v. 342)
Cidadelas de Cartago (*Karthaginis arces*, v. 347)
Cidadelas Romanas (*Romanas...arces*, v. 234)
Cidades da Getúlia (*Gaetulae urbes*, v. 40)
Cilênia, Cilênio (*Cyllenius*, v. 252; *Cyllenia*, v. 258; *Cyllenius*, v. 276)
Cintos (*Cynthi*, v. 147)
Citereia (*Cytherea*, v. 128)

Citéron (*Cithaeron*, v. 303)
Clâmide Sidônia (*Sidoniam...Chlamydem*, v. 137)
Coios (*Coeo*, v. 179)
Colonos Dardânios (*Dardanios...colonos*, v. 626)
Companheiros Frígios (*Phrygii comites*, v. 140)
Companheiros Tírios (*Tyrii comites*, v. 162)
Consagrado dos Deuses (*Sancte deorum*, v. 576)
Crésios (*Cresia*, v. 70)
Cretenses (*Cretes*, v. 146)
Dânaos (*Danais*, v. 425)
Dardânio, Dardânios (*Dardanius*, v. 163; *Dardanium*, v. 224; *Dardanios*, v. 626; *Dardanii*, v. 640; *Dardanium*, v. 647; *Dardaniae*, v. 658)
Dárdanos (*Dardanus*, v. 365; *Dardanus*, v. 662)
Dárdanos Cruel (*crudelis...Dardanus*, v. 661-662)
Delos (*Delum*, v. 144)
Deuses Pátrios (*patrios...deos*, v. 680-681)
Divindade (*Deus*, v. 574)
Diana (*Dianae*, v. 511)
Dicteus (*Dictaeos*, v. 73)
Dido (*Dido*, v. 60; *Dido*, v. 68; *Dido*, v. 101; *Dido*, v. 117; *Dido*, v. 124; *Dido*, v. 165; *Dido*, v. 171; *Dido*, v. 192; *Dido*, v. 263; *Dido*, v. 291; *Dido*, v. 308; *Dido*, v. 383; *Dido*, v. 408; *Dido*, v. 450; *Dido*, v. 596; *Dido*, 642)
Dite (*Diti*, v. 702)
Dotes Tírios (*dotalis...Tyrios*, v. 104)
Dríopes (*Dryopes*, v. 146)
Elissa (*Elissae*, v. 335; *Elissae*, v. 610)

Encélado (*Encelado*, v. 179)

Eneias (*Aenean*, v. 74; *Aeneas*, v. 117; *Aeneas*, v. 142; *Aeneas*, v. 150; *Aenean*, v. 191; *Aenean*, v. 214; *Aenean*, v. 260; *Aeneas*, v. 279; *Aenean*, v. 304; *Aeneas*, v. 329; *Aeneas*, v. 393; *Aeneas*, v. 466; *Aeneas*, v. 554; *Aeneas*, v. 571)

Érebo (*Erebo*, v. 26; *Erebum*, v. 510)

Estígio (*Stygio*, v. 638; *Stygio*, v. 699)

Etiópes (*Aethiopum*, v. 481)

Eumênides (*Eumenidum*, v. 469)

Fados (*fata*, v. 440)

Fama (*Fama*, v. 173; *Fama*, v. 174; *Fama*, v. 298; *fama*, v. 323; *Fama*, v. 666)

Fêbea (*Phoebea*, v. 6)

Febo (*Phoebo*, v. 58)

Fenícia (*Phoenissam*, v. 348; *Phoenissa*, v. 529)

Fero Eneias (*ferus Aeneas*, v. 466)

Filho de uma deusa (*Nate dea*, v. 560)

Fortuna (*fortuna*, v. 109; *fortuna*, v. 434; *fortuna*, v. 653)

Freixos (*ornos*, v. 491)

Frígio, Frígios (*Phrygio*, v. 103; *Phrygii*, v. 140)

Frotas Ilíacas (*Iliacas...classis*, v. 537)

Fúrias Vingadoras (*ultrices...Dirae*, v. 473; *Dirae ultrices*, v. 610)

Garamântida (*Garamantide*, v. 198)

Genitor (*Genitor*, v. 208)

Genitora Pulquérria (*genetrix pulcherrima*, v. 227)

Getúlia (*Gaetulae*, v. 40)

Getulo (*Gaetulus*, v. 326)
Glória Púnica (*Punica...gloria*, v. 49)
Graios (*Graium*, v. 228)
Grande Itália (*Italiam magnam*, v. 345)
Grandes Cidades da Líbia (*Lybiae magnas...urbes*, v. 173)
Grineus (*Gryneus*, v. 345)
Hammon (*Hammone*, v. 198)
Hécate (*Hecaten*, v. 511; *Hecate*, v. 609)
Hespéria, Hespérias (*Hesperiae*, v. 355; *Hesperidum*, v. 484)
Hircânia (*Hyrkaniae*, v. 367)
Honra Lenaia (*Lenaeum...honerem*, v. 207)
Ilíacos, Ilíacas (*Iliacas*, v. 46; *Iliacos*, v. 78; *Iliacas*, v. 537; *Iliacas*, v. 648)
Ímpio (*impius*, v. 496)
Indivíduo Infando (*infandum caput*, v. 613)
Infeliz Dido (*infelix Dido*, v. 68; *infelix...Dido*, v. 450; *infelix Dido*, v. 596)
Infeliz Fenícia (*infelix...Phoenissa*, v. 529): Dido. Vide **Infeliz Dido** e **Dido**.
Intérprete dos Deuses (*interpres diuom*, v. 356; *interpres diuom*, v. 378)
Íris (*Irim*, v. 694; *Iris*, v. 700)
Irmã, Irmão (*germani*, v. 44; *germana*, v. 492; *germanam*, v. 501; *germana*, v. 549; *sororem*, v. 634; *fratre*, v. 656; *soror*, v. 673; *germana*, v. 675; *sororem*, v. 677; *soror*, v. 682; *germanam*, v. 686)

Itália (*Italiae*, v. 106; *Italiam*, v. 230; *Italiae*, v. 275; *Italiam*, v. 345; *Italiam*, v. 346; *Italiam*, v. 361; *Italiam*, v. 381)

Iulo (*Iulus*, v. 140; *Iuli*, v. 274; *Iuli*, v. 616)

Jarbas (*Iarbas*, v. 36; *Iarban*, v. 196; *Iarbas*, v. 326)

Jarbas Getulo (*Gaetulus Iarbas*, v. 326)

Jove (*Iouis*, v. 91; *Ioui*, v. 199; *Iouem*, v. 205; *Iouis*, v. 331; *Ioue*, v. 356; *Ioue*, v. 377; *Iouis*, v. 614; *Ioui*, v. 638)

Jove Estígio (*Ioui Stygio*, v. 638)

Juno (*Iunone*, v. 45; *Iunoni*, v. 59; *Iuno*, v. 114; *Iuno*, v. 166; *Iuno*, v. 371; *Iuno*, v. 608; *Iuno*, v. 693)

Juno Onipotente (*Iuno omnipotens*, v. 693)

Juno Prônuba (*pronuba Iuno*, v. 166)

Júpiter (*Iuppiter*, v. 110; *Iuppiter*, v. 206; *Iuppiter*, v. 590)

Júpiter Onipotente (*Iuppiter omnipotens*, v. 206)

Juventude Troiana (*Troiana iuventus*, v. 162)

Lácio (*Latio*, v. 432)

Lâmpada Fêbea (*Phoebea...lampade*, v. 6)

Laomedôntea (*Laomedontea*, v. 542)

Lavínios (*Lauinia*, v. 236)

Lenaia (*Lenaeum*, v. 207)

Líbia (*Libyae*, v. 36; *Libyae*, v. 173; *Libyae*, v. 257)

Líbicas, Líbicos (*Libycas*, v. 106; *Libycis*, v. 271; *Libycae*, v. 320; *Libycae*, v. 348)

Lícia (*Lyciam*, v. 143)

Lícios (*Lyciae*, v. 346; *Lyciae*, v. 377)

Lieu (*Lyaeo*, v. 58)

Litorais Líbicos (*Libycas...oras*, v. 106)

Litoral Arenoso da Líbia (*litus harenosum...Libyae*, v. 257)
Manes (*manis*, v. 34; *manis*, v. 387; *manis*, v. 427; *manis*, v. 490)
Manes Noturnos (*nocturnos...manis*, v. 490)
Manto Tírio (*Tyrio...laena*, v. 262)
Marido Frígio (*Phrygio...marito*, v. 103)
Massila (*Massylae*, v. 483)
Massilos (*Massyli*, v. 132)
Materna Delos (*Delum maternam*, v. 144)
Maurícia (*Maurusia*, v. 206)
Máxima Juno (*maxima Iuno*, v. 371)
Meônia (*Maeonia*, v. 216)
Mercúrio (*Mercurium*, v. 222; *Mercurio*, v. 558)
Misérriima Dido (*miserrima Dido*, v. 117)
Mitra Meônia (*Maeonia...mitra*, v. 216)
Mnesteu (*Mnesthea*, v. 288)
Neto Dardânio de Vênus (*Dardanius nepos Veneris*, v. 163)
Ninfas (*Nymphae*, v. 168)
Nômades (*Nomadum*, v. 320; *Nomadum*, v. 535)
Númidas (*Numidae*, v. 41)
Naus Dardânias (*Dardaniae...carinae*, v. 658)
Naus Ilíacas (*Iliacas...carinas*, v. 46)
Nova Pérgamo (*recidiua...Pergama*, v. 344)
Oceano (*Oceanum*, v. 129; *Oceani*, v. 480)
Olimpo (*Olympo*, v. 268; *Olympo*, v. 694)
Onipotente (*Omnipotens*, v. 220)

Oráculos Lícios (*Lyciae...sortes*, v. 346; *Lyciae sortes*, v. 377)

Orco (*Orco*, v. 242; *Orco*, v. 699)

Orco Estígio (*Stygio...Orco*, v. 699)

Orestes Agamemnônio (*Agamemnonius...Orestes*, v. 471)

Orgias Trietéricas (*trieterica...orgia*, v. 302-303)

Órion (*Orion*, v. 52)

Ótima Dido (*optima Dido*, v. 291)

Pai Anquises (*patris Anchisae*, v. 427)

Pai Lieu (*patri Lyaeo*, v. 58)

Pai Onipotente (*pater omnipotens*, v. 25)

Pai Satúrnio (*Saturnius...pater*, v. 372)

Pais Sidônios (*patres Sidonios*, v. 682-683)

Papoula (*papauer*, v. 486)

Páris (*Paris*, v. 215)

Pastos Dicteus (*saltus...Dictaeos*, v. 72-73)

Penates (*penatis*, v. 21; *penatis*, v. 598)

Penteu (*Pentheus*, v. 469)

Pequenino Eneias (*paruolus...Aeneas*, v. 328-329)

Pérgamo (*Pergama*, v. 344; *Pergama*, v. 426)

Pigmalião (*Pygmalion*, v. 325)

Pinho (*taedis*, v. 505)

Pio Eneias (*pius Aeneas*, v. 393)

Príamo (*Priami*, v. 343)

Prole Ausônia (*prolem Ausoniam*, v. 236)

Prole Cilênia (*Cyllenia proles*, v. 258)

Prosérpina (*Proserpina*, v. 698)

Pudor (*pudor*, v. 27)

Pulcra Dido (*pulchra...Dido*, v. 192)
Púnica (*Punica*, v. 49)
Púnicos (*Poenorum*, v. 134)
Púrpura Fenícia (*Tyrio...murice*, v. 262)
Querida Esposa de Jove (*cara louis coniunx*, v. 91)
Raça Laomedôntea (*Laomedontea...gentis*, v. 542)
Raça Massila (*Massylae gentis*, v. 483)
Raça Maurícia (*Maurusia...gens*, v. 206-207)
Raças Líbicas (*Libycae gentes*, v. 320)
Raça Troiana (*Troianam...gentem*, v. 425)
Rainha (*regina*, v. 1; *Reginam*, v. 133; *reginam*, v. 283; *regina*, v. 296; *regina*, v. 334; *regina*, v. 504; *Regina*, v. 586)
Rainha Delirante (*reginam...furentem*, v. 283)
Rei dos Deuses (*deum...regnator*, v. 268-269)
Reino da Hespéria (*regno Hesperiae*, v. 355)
Reino da Itália (*regnum Italiae*, v. 106; *regnum Italiae*, v. 275)
Riquezas Sidônias (*Sidonias...opes*, v. 75)
Roble (*robore*, v. 441)
Romana, Romanas (*Romanas*, v. 234; *Romana*, v. 275)
Sangue de Teucro (*sanguine Teucri*, v. 230)
Sangue Troiano (*Troiano sanguine*, v. 191)
Satúrnio, Satúrnia (*Saturnia*, v. 92; *Saturnio*, v. 372)
Seresto (*Serestum*, v. 288)
Sergesto (*Sergestum*, v. 288)
Sidônia, Sidônias (*Sidonias*, v. 75; *Sidoniam*, v. 137; *Sidonia*, v. 545)

Siqueu (*Sychaei*, v. 20; *Sychaei*, v. 502; *Sychaeo*, v. 552; *Sychaei*, v. 632)

Sirtes (*Syrtis*, v. 41)

Sol (*Sol*, v. 607)

Tártaros (*Tartara*, v. 243; *Tartara*, v. 446)

Tebas (*Thebas*, v. 470)

Terra (*Tellus*, v. 166; *Terra*, v. 178)

Terra África (*Africa terra*, v. 37)

Terra Ausônia (*Ausonia...terra*, v. 349)

Terra-Mãe (*Terra parens*, v. 178)

Terra Romana (*Romana tellus*, v. 275)

Terras Líbicas (*Libycis...terris*, v. 271)

Teucro (*Teucri*, v. 230)

Teucros (*Teucrum*, v. 48; *Teucros*, v. 349; *Teucri*, v. 397; *Teucrum*, v. 537)

Tíade (*Thyas*, v. 302)

Tigres da Hircânia (*Hyrkaniae...tigres*, v. 367)

Tiranos dos Nômades (*Nomadum tyrani*, v. 320)

Tírio, Tíria, Tírios (*Tyrios*, v. 104; *Tyriis*, v. 111; *Tyrii*, v. 162; *Tyria*, v. 224; *Tyrio*, v. 262; *Tyrii*, v. 321; *Tyrios*, v. 468; *Tyriis*, v. 544; *Tyrii*, v. 622)

Tírios Hostis (*infensi Tyrii*, v. 321)

Tiro (*Tyro*, v. 36; *Tyro*, v. 43; *Tyros*, v. 670)

Titã (*Titan*, v. 119)

Títonos (*Tithoni*, v. 585)

Troia (*Troia*, v. 111; *Troia*, v. 312; *Troia*, v. 313)

Troiano, Troiana (*Troianus*, v. 124; *Troiana*, v. 162; *Troianus*, v. 165; *Troiano*, v. 191; *Troianam*, v. 342; *Troianam*, v. 425)

Varão Nefando (*nefandi...uiri*, v. 497-498)

Vênus (*Veneris*, v. 33; *Venerem*, v. 92; *Venus*, v. 107; *Veneris*, v. 163)

Vestes Ilíacas (*Iliacas uestis*, v. 648)

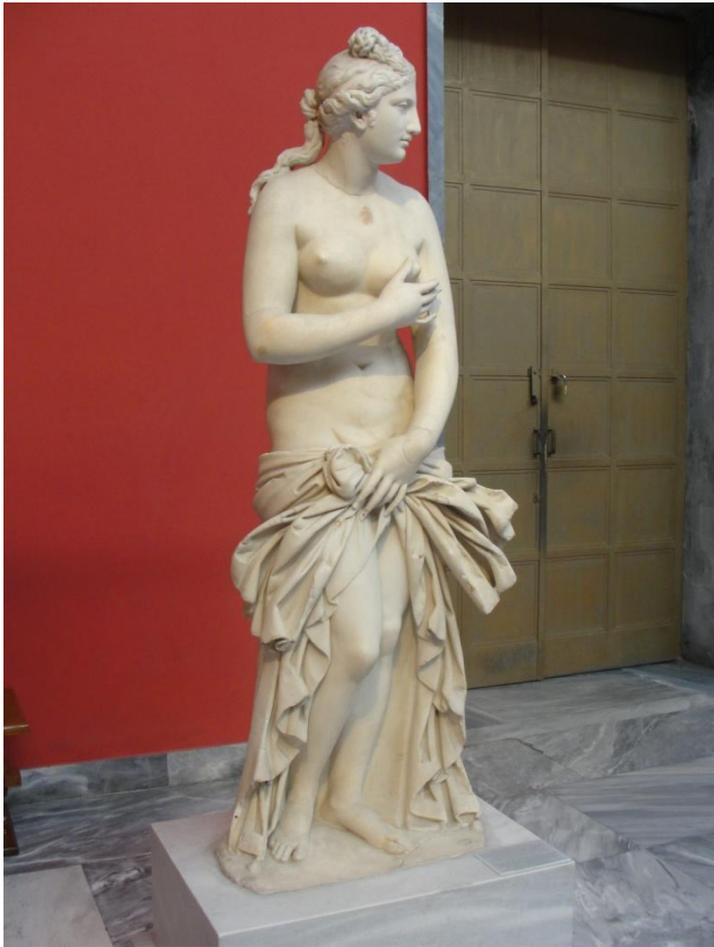
Xantos (*Xanthi*, v. 143)

Zéfiros (*Zephyros*, v. 223; *Zephyros*, v. 562)

Apêndice Iconográfico



Afrodite em mármore de Paros, século II d. C., a partir de original do século IV a. C. Museu Nacional Arqueológico de Atenas (foto 2).
Afrodite, como mãe de Eneias, tem papel importante no Livro IV, ajudando o filho contra as artimanhas de Juno.



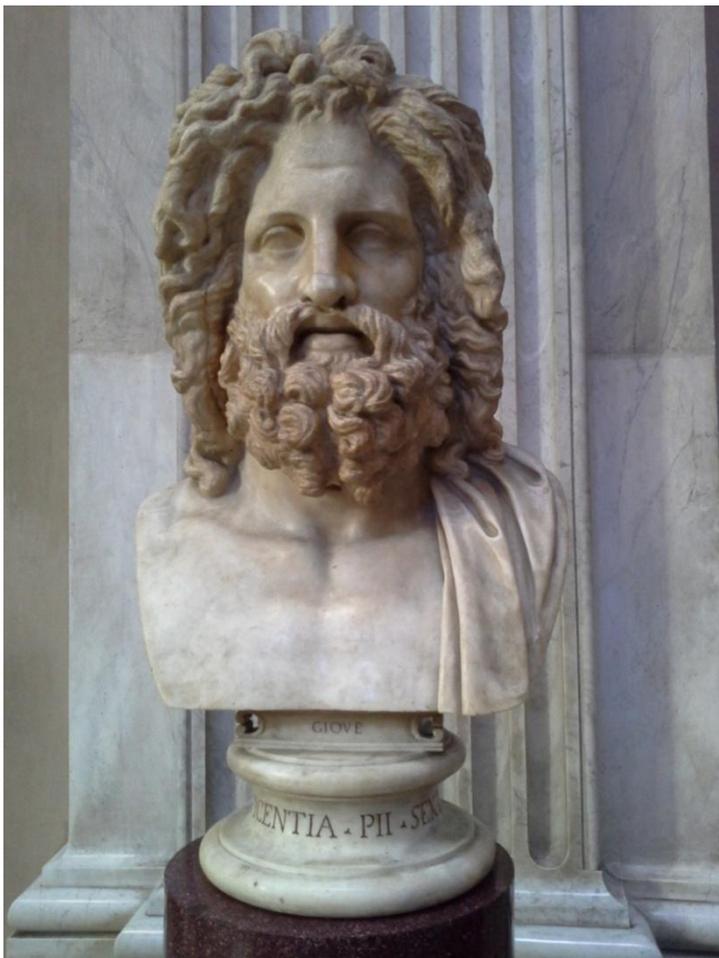
Afrodite em mármore de Paros, século II d. C., a partir de original do século IV a. C. Museu Nacional Arqueológico de Atenas.



Apolo Citedo. Palazzo Altemps, Roma. O Deus Apolo é muito importante na Eneida, pois ele guia do destino de Eneias.



Cabeça de Hera. Palazzo Altemps, Roma. Na sua versão romana, Hera aparece como Juno, disposta a impedir ou atrasar o destino de Eneias. É ela que trama o amor de Dido e Eneias no Livro IV.



Cabeça de Júpiter. Museus do Vaticano, Roma. Deus supremo, Júpiter impõe o destino e vela para que ele se cumpra, enviando Mercúrio para lembrar a Eneias de sua missão e ordenar-lhe a partida de Cartago.



Cabeça de Zeus. Cópia romana do século II d. C., de um arquétipo grego do século V a. C. Palazzo Altemps, Roma.



Hermes em mármore branco, século II d. C. Termas de Diocleciano, Roma. Em sua versão romana, Hermes surge como Mercúrio, o mensageiro de Júpiter, encarregado de colocar Eneias no caminho de seu destino: as terras de Hespéria, na Península Itálica.



Roma, depois das Guerras Púnicas, em 146 a. C. Exposição na Via dos Foruns Imperiais, Roma. Cartago é a ponta branca, em destaque, no norte da África.

Bibliografia

ALMEIDA, Zélia Cardoso de. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

ANDRÉ, Jacques. *Les noms des plantes dans la Rome antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

APOLLODORO. *Biblioteca*; a cura di Marina Cavalli, introduzione, traduzione e note. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 2009.

APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 v.).

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français* (le grand Bailly); rédigé avec le concours de E. Egger. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraîne, avec en appendice, de nouvelles notices de mythologie et religion par L. Séchan. Paris: Hachette, 2000.

BALLABRIGA, Alain. *Les fictions d'Homère: l'invention mythologique et cosmographique dans l'Odyssée*. 1. éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

CALLIMAQUE. *Les origines, Réponses aux Telchines, Élégies, Épigrammes, lambes et pièces lyriques, Hécélé, Hymnes*; texte établi et traduit par Émile Cahen. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

CARANDINI, Andrea. *Roma, il primo giorno*. Roma; Bari: Laterza & Figli Spa, 2009.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des*

symboles, mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres. Édition revue et augmentée. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1982.

COLLOUTHOS. *L'enlèvement d'Hélène*; texte établi et traduit par Pierre Orsini. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

COMMENTARII IN VIRGILIUM SERVIANI; SIVE COMMENTARII IN VIRGILIUM, QUI MAURO SERVIO HONORATO TRIBUUNTUR; ad fidem codicum Guelferbytanorum aliorumque recensuit, et potioribus variis lectionibus indicibusque copiosissimis instruxit. Org. H. Albertus Lion (vol. I). Gottingae: Vandenhoeck et Ruprecht, 1826.

DELAMARRE, X. *Le vocabulaire indo-européen: lexique étymologique thématique.* Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1984.

DRIDI, Hédi. *Carthage et le monde punique.* Paris: Les Belles Lettres, 2006.

DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaïque* (avec un appendice sur la religion des Étrusques). 2e. éd. Paris: Payot, 2000.

DUMÉZIL, Georges. *Mythe et épopée I-II-III*; préface de Joël H. Grisward. Paris: Gallimard, 1995.

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots.* Rétirage de la 4e. édition augmentée d'additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck, 2001.

ÉSQUILO. *Tragédias: Os persas, Os sete contra Tebas, As suplicantes, Prometeu cadeeiro*; estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

EURIPIDE. *Hécube*; texte établi par Louis Méridir; traduit par Nicole Loraux et François Rey; introduction et notes de Jean Alaux. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Iphigénie à Aulis*; texte établi et traduit par François Jouan. Quatrième tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Héraclès, Les suppliantes, Ion*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Bacchantes*; texte établie et traduit par Henri Grégoire, avec le concours de Jean Meunier. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Troyennes; Iphigénie en Tauride; Électre*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français* (le grand Gaffiot); nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hachette, 2000.

GANTZ, Timothy. *Mythes de la Grèce archaïque*; traduit par Danièle Auger et Bernadette Leclercq-Neveu. Paris: Belin, 2004.

GÉLIO, Aulo. *Noites Áticas*; tradução de José Rodrigues Seabra Filho, introdução de Bruno Fregni Basseto. Londrina: EDUEL, 2010.

GRAVES, Robert. *O grande livro dos mitos gregos*; tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Ediouro, 2008.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*; préface de Charles Picard. 15e. éd. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. 6. éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

GRIMAL, Pierre. *Virgile ou la seconde naissance de Rome*. Paris: Flammarion, 1997.

HÉRODOTE. *Histoires* (livre I, Clío); texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HÉSIODE. *Théogonie, Les travaux et les jours, Le bouclier*; textes établis et traduits par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

HESÍODO. *Teogonia*; tradução e ensaio crítico de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

HEUZÉ, Philippe. *L'Énéide, Virgile*. Paris: Ellipses, 1999.

HINOS HOMÉRICOS; tradução, notas e estudos de Edvanda Bonavinda da Rosa et alii; edição e organização de Wilson Alves Ribeiro Jr. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOMÈRE. *Hymnes*; texte établi et traduit par Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1936.

HOMÈRE. *Iliade*; texte établi et traduit par Paul Mazon; notes d'Hélène Monsacré. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

HOMÈRE. *Odyssée*; texte établi et traduit par Victor Bérard, notes de Silvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2001 (3 vol.).

HYGIN. *Fables*; texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HYGIN. *L'astronomie*; texte établi et traduit par André Le Boeuffe. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

LA GRÈCE ANTIQUE: carte de la Grèce archaïque et classique d'après les textes anciens (Hérodote, Thucydide, Strabon); le

monde égéen entre 750 e 330 a. C. Marly-le-Roi: Yves Gretenier, 1994.

LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *Dizionario illustrato greco-italiano*; a cura di Q. Cataudella, M. Manfredi, F. di Benedetto. 22 ed. Firenze: Le Monnier, 2008.

LUCRÈCE. *De la nature (De rerum natura)*; traduction, introduction et notes de José Kany-Turpin. Paris: Aubier, 1993.

LUCRÈCE. *De la nature*; texte établi, traduit et annoté par Alfred Ernout; introduction et notes par Élisabeth de Fontenay. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

MORKOT, Robert. *Atlas de la Grèce antique*; traduit de l'anglais par Carine Chichereau. Paris: Éditions Autrement, 1999.

OVIDE. *Les fastes*; texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003 (2 vol.).

OVIDE. *Les Métamorphoses*; texte établi par Georges Lafaye, émendé, présenté et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

OVÍDIO. *Metamorfoses*; tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.

RHODES, Apollonios de. *Argonautiques*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

ROBERT, Jean-Noël. *Les étrusques*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

SOFOCLES. *Ajax*; texte établi par Alphonse Dain et traduit par Paul Mazon; introduction et notes par Jean Alaux. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY. Third edition revised. Edited by Simon Hornblower and Antony Spawforth. New York: Oxford University Press, 2003.

TITE-LIVE. *Histoire romaine I: la fondation de Rome*; texte établi et traduit par Gaston Baillet, introduction et notes de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

TITE-LIVE. *Histoire romaine I: la fondation de Rome*; texte établi et traduit par Gaston Baillet, introduction et notes de Jean-Noël Robert. Édition bilingue. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001.

VERGÍLIO. *Eneida*; tradução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

VIRGILE. *Bucoliques*; texte établi et traduit par E. de Saint-Denis; nouvelle édition revue et augmentée d'un commentaire; cinquième tirage revu, corrigé et augmenté d'un complément bibliographique par Roger Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

VIRGILE. *Énéide*; texte établi et traduit par Jacques Perret. Quatrième tirage de l'édition revue et corrigée par R. Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 2006 (3 vol.).

VIRGILE. *Énéide*; texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Belessort. 7. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

VIRGILE. *Géorgiques*; texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis, introduction et notes de Jakie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VIRGÍLIO. *Eneida*; tradução de José Vitorino Barreto Feio (Livros I-VIII) e José Maria da Costa e Silva (Livros IX-XII). Edição organizada por Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIRGILIO. *Eneida*; traduzione di Luca Canali; introduzione de Ettore Paratore. 15. ed. Milano: Oscar Mondadori, 2004.

VIRGILIO. *Opere*; a cura di Carlo Carena. Torino: UTET Libreria, 2011.